



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
Campusde Marechal Candido Rondon
Programa de Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável

**CULTURA E AGROECOLOGIA: A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS CULTURAIS NA
ADOÇÃO E MANUTENÇÃO DA AGRICULTURA AGROECOLÓGICA**

Mestrando: Evandro de Oliveira

Orientador: Prof. Dr.Adilson Francelino Alves

Marechal Candido Rondon
Paraná- Brasil
Setembro-2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
Campusde Marechal Candido Rondon
Programa de Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável

Evandro de Oliveira

**CULTURA E AGROECOLOGIA: A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS CULTURAIS NA
ADOÇÃO E MANUTENÇÃO DA AGRICULTURA AGROECOLÓGICA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr.Adilson Francelino Alves

Marechal Candido Rondon
Paraná- Brasil
Setembro-2014

Ficha catalográfica elaborada por Marci Lucia Nicodem Fischborn CRB 9/1219

O48c Oliveira, Evandro de
Cultura e agroecologia: a influência de aspectos culturais na adoção e
manutenção da agricultura agroecológica . /Evandro de Oliveira. - Cascavel, PR:
UNIOESTE, 2014.
xiv, 175 p.: il. ; 30 cm

Orientador: Prof. Dr. Adilson Francelino Alves

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Bibliografia.

*1. Cultura. 2. Ecologia agrícola. 3. Agricultura familiar. I. Alves, Adilson
Francelino. II Universidade Estadual do Oeste do Paraná III. Título.*

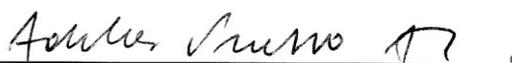
CDD 22 ed. 630.277

EVANDRO DE OLIVEIRA

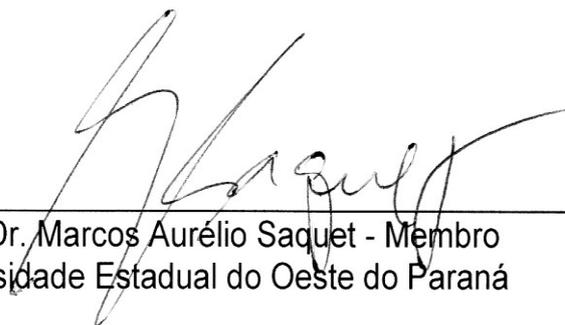
CULTURA E AGROECOLOGIA: A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS CULTURAIS NA ADOÇÃO E MANUTENÇÃO DA AGRICULTURA AGROECOLÓGICA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Desenvolvimento Rural Sustentável, Área de Concentração “Desenvolvimento Rural Sustentável”, para a obtenção do título de “Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável”, **aprovado** pela seguinte Banca Examinadora:

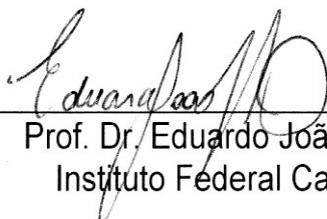
Marechal Cândido Rondon, PR, 10 de setembro de 2014.



Prof. Dr. Adilson Francelino Alves - Orientador
Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Prof. Dr. Marcos Aurélio Saquet - Membro
Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Prof. Dr. Eduardo João Moro - Membro
Instituto Federal Catarinense - IFC

A toda a minha família pelo apoio em todos os momentos.

Agradecimentos

Agradeço a Adilson Francelino Alves pela ótima orientação.

A CAPES pelo suporte financeiro através da bolsa de estudos.

Ao pessoal da AAFEMED pelas informações prestadas.

A José Fernando Battisti pela ajuda na pesquisa de Campo.

Um agradecimento especial a todos os agricultores que aceitaram participar da pesquisa.

A UNIOESTE, em específico ao programa de pós-graduação em Desenvolvimento rural sustentável por me dar a oportunidade de estudar neste programa.

Ao professor Wilson João Zonin pela participação da banca do projeto, e por todo o incentivo durante o mestrado.

Ao professor Tarcísio Vanderlini pela colaboração na banca de qualificação.

Ao professor Marcos Aurélio Saquet por todas as contribuições.

Aos meus colegas de classe por terem me ensinado muitas coisas.

A professora Geny Pierina Camara por toda a ajuda

Aos meus amigos de Medianeira por me ajudarem nesta caminhada.

Aos professores do programa por terem me passado seus conhecimentos.

Um agradecimento a Marco Antonio Bilo Vieira por ter me ensinado desde filosofia até agroecologia.

A Carlos Alberto Dettmer pelas conversas e ensinamentos.

A Leandro e Lucio pelo apoio e conselhos.

E por ultimo a meu pai, mãe e irmãos por todo o apoio.

Talvez nem todas as ideias do Desenvolvimento Rural Sustentável venham a se concretizar no momento. Contudo, podemos recortar as ideias possíveis de materialização e aplica-las, para que a construção de um ambiente rural mais justo e sustentável possa se iniciar (OLIVEIRA, 2014).

SUMÁRIO

RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	X
LISTA DE SIGLAS.....	XI
INTRODUÇÃO	01
AGROECOLOGIA E SUA HISTÓRIA	03
AGROECOLOGIA E CULTURA.....	05
CAPÍTULO 1	09
O CONCEITO DE CULTURA SOB DIFERENTES ÓTICAS E A CONTRIBUIÇÃO METODOLÓGICA DE MANNHEIM, LONG, LATOUR E CALLON.....	09
1.1 A “PROBLEMÁTICA” DO CONCEITO DE CULTURA.....	09
1.2 A IDEIA DE CULTURA SEGUNDO TERRY EAGLETON	10
1.3 O CONCEITO DE CULTURA EM BAUMAN	13
1.4 CLIFFORD GEERTZ E A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS	15
1.5 A PERSPECTIVA DE LARAIA SOBRE CULTURA.....	18
1.6 CULTURA SEGUNDO MICHEL DE CERTEAU	21
1.7 RECORTANDO E AMARRANDO O CONCEITO DE CULTURA.....	24
1.8 KARL MANNHEIM E O METÓDO DOCUMENTÁRIO	28
1.9 MICHEL CALLON E BRUNO LATOUR: TEORIA ATOR-REDE – TAR	33
1.10 NORMAN LONG E A TEORIA ATOR-ORIENTADO.....	38
1.11 A CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES PARA O ENTENDIMENTO DA INFLUÊNCIA CULTURAL NA AGRICULTURA AGROECOLÓGICA.....	42
CAPÍTULO 2	45
AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA PRÁTICA E MOVIMENTO	45
2.1 DISTINTAS VISÕES SOBRE AGROECOLOGIA.....	45
2.2 AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA	47
2.2.1 Agroecologia como Arcabouço Teórico Metodológico para o Entendimento das Interações dos Agroecossistemas.....	48
2.2.2 Gliessman e a Agricultura Sustentável.....	53
2.2.3 Caporal e sua Perspectiva Agroecológica.....	57
2.3 AGROECOLOGIA COMO MOVIMENTO	63
2.3.1 Agroecologia como Movimento social	63

2.4 AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA	66
2.4.1 Agroecologia como Prática sob a ótica de Wezel <i>et al.</i>	66
2.4.2 Agroecologia como Saber Ambiental	69
2.4 DISCUTINDO AGROECOLOGIA.....	72
CAPÍTULO 3	76
O CONCEITO AGRICULTURA FAMILIAR E SUAS PROCESSUALIDADES.....	76
3.1 O CONFLITO EM TORNO DO TERMO AGRICULTURA FAMILIAR.....	76
3.2 ABRAMOVAY E SUA VISÃO SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR	78
3.3 A ÓTICA DE BUAINAIN SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR.....	81
3.4 DISCUTINDO AGRICULTURA FAMILIAR.....	87
CAPÍTULO 4.....	91
HISTÓRICO, REDES E CARACTERÍSTICAS DO OBJETO DE ESTUDO.....	91
4.1 HISTÓRICO DO OESTE DO PARANÁ.....	91
4.2 HISTÓRIA DA CIDADE DE MEDIANEIRA.....	96
4.3 A HISTÓRIA DA AAFEMED.....	98
4.4 DESCRIÇÃO DOS ATORES EM, JF, BM, E AM	103
4.4.1 Agricultor Agroecológico Bm	103
4.4.2 Agricultora Agroecológica Jf.....	104
4.4.3 Produtor Agroecológico Am.....	105
4.4.4 Agricultor Convencional Em	105
CAPÍTULO 5.....	108
ARENAS, INTERFACES, REDES E TRADUÇÕES: A INTERAÇÃO ENTRE CULTURA E AGROECOLOGIA.....	108
5.1 OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA AGROECOLOGIA.....	108
5.2 DIFICULDADES EM PRATICAR AGROECOLOGIA	111
5.3 “MEDIANEIRA VAI VIRA A CIDADE DA SOJA”	121
5.4 ASSISTÊNCIA TÉCNICA	122
5.5 AGRICULTURA CONVENCIONAL.....	126
5.6 FATORES EXTERNOS E AGROECOLOGIA	132
5.7 “MUNDO” RURAL HÍBRIDO	137
5.8 PERCEPÇÕES SOBRE O “MUNDO AGROECOLÓGICO”	138
5.9 REDES CULTURAIS E AGROECOLOGIA	149
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157

RESUMO

Na sociedade contemporânea o modelo agrícola convencional permeado pelo uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos ganha preponderância a partir da década de 1950 e se espalha pelo mundo. Esta agricultura convencional beneficiou o grande latifundiário, deixando o pequeno produtor à margem do desenvolvimento rural. Diante deste panorama desfavorável à agricultura familiar, muitos pequenos agricultores optaram pelo êxodo rural, enquanto os que ficaram no espaço rural tentam sobreviver optando por alternativas de produção. Uma das alternativas para a propriedade familiar é a agroecologia, que visa à produção de alimentos de maneira sustentável bem como também o desenvolvimento dos agricultores de pequeno porte. Contudo, a agroecologia possui muitos empecilhos que dificultam a difusão e manutenção desta agricultura. Uma das questões que influenciam na adoção e perpetuação da agroecologia são os elementos culturais. A cultura existente no meio rural é uma cultura híbrida, ou seja, não é uma cultura rural “pura”, mas uma cultura em que estão inseridas diversas características que não são exclusivas do ambiente rural. Neste sentido, muitos aspectos culturais do meio rural influenciam a agricultura agroecológica. Mas não são apenas fatores culturais do rural que influenciam na agroecologia, questões culturais “externas” do meio rural também influem nesta prática agrícola. Vale ressaltar que a cultura também propicia fatores que contribuem direta ou indiretamente na agroecologia, e, também, alguns aspectos culturais “internos” ou “externos” do ambiente rural que podem intervir na agroecologia. É nesta perspectiva que reside o principal objetivo da dissertação, que é identificar e entender a influência da cultura na adoção e manutenção da agroecologia. O estudo será realizado com agricultores familiares agroecológicos associados à Associação dos Agricultores Familiares e Ecológicos de Medianeira-AAFEMED. Esta associação localiza-se na cidade de Medianeira, Paraná. A base teórica da dissertação baseia-se nas ideias teóricas-metodológicas de Karl Mannheim, Norman Long, Michel Callon e Bruno Latour e alguns autores que trabalham com as temáticas, cultura, agroecologia e agricultura familiar. A pesquisa tentará expor as redes culturais que influenciam na adoção e manutenção da agroecologia.

Palavras Chave: Cultura, Agroecologia, Agricultura Familiar.

ABSTRACT

CULTURE AND AGROECOLOGY: THE INFLUENCE OF CULTURAL ASPECTS IN THE ADOPTION AND MAINTENANCE OF AGRICULTURE AGROECOLOGICAL

In contemporary society the conventional agricultural model permeated with the use of pesticides and chemical fertilizers has gotten more importance since the late 1950 and it has spread throughout the world. This conventional agriculture benefited the large landowner, leaving the small producer on the fringes of rural development. Facing this unfavorable panorama to family farming, many small-scale farmers have opted for rural exodus, while those who stayed in rural areas try to survive by choosing alternative production. One of the alternatives to the family-owned is the Agroecology, which aims to produce food in a sustainable manner as well as the development of small farmers. However, in the Agroecology there are many obstacles that make it difficult the diffusion and maintenance of this agriculture. One of the issues that influence the adoption and perpetuation of Agroecology is about cultural elements. The existing culture in rural areas is a hybrid culture, whatever, it is not a "pure" rural culture, but a culture in which is included several features that are unique to the rural environment. In this respect, many cultural aspects of rural surroundings influence the ecological agriculture. But it's not just rural cultural factors that influence Agroecology, cultural issues "external" the countryside also influence this agricultural practice. It is worth mentioning that culture also provides factors that contribute directly or indirectly in Agroecology, and also some cultural aspects "internal" or "external" in the rural environment that can intervene in Agroecology. It is in this perspective that the main objective of the dissertation is, to identify and understand the influence of culture on the adoption and maintenance of Agroecology. The study will be done with Agroecological family farmers associated in the Association of Family Farmers and Ecological Medianeira-AAFEMED. This association is located in Medianeira, Parana. The theoretical basis of the dissertation is based on theoretical-methodological ideas of Karl Mannheim, Norman Long, Michel Callon and Bruno Latur and some authors who work with the themes, culture, agroecology and family farming. The research will attempt to expose the cultural networks that influence the adoption and maintenance of Agroecology.

Key Words: Culture, Agroecology, Family Farming

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Quadros

Quadro 1: Concepções sobre o conceito de cultura.....	26
Quadro 2: Diferentes perspectivas sobre Agroecologia	74
Quadro 3: Óticas sobre Agricultura Familiar.....	89

Lista de Figuras

Figura 1: Correntes da Agroecologia.....	47
Figura 2: Redes onde/ em que a agricultura familiar está inserida.....	88
Figura 3: Redes da AAFEMED.....	103
Figura 4: Aspectos culturais que influenciam na adoção e manutenção da agroecologia.....	151
Figura 5: Aspectos culturais que contribuem para a não adoção e não manutenção da agroecologia	152

Lista de Box

Box 1: Elementos técnicos básicos de uma estratégia agroecológica	51
---	----

Lista de Mapas

Mapa 1: Localização do Oeste do Paraná	96
Mapa 2: Município de Medianeira	98
Mapa 3: Localização da AAFEMED	101
Mapa 4: Localização das propriedades de Bm, Jf, Em e Am	106

Lista de Fotos

Foto 1: AAFEMED.....	102
----------------------	-----

LISTA DE SIGLAS

AAFEMED: Associação dos Agricultores Familiares e Ecológicos de Medianeira;

APAM: Associação dos Pequenos Produtores de Medianeira

APROME: Associação Feira do Pequeno Produtor Rural de Medianeira

APROMED: Associação dos Produtores Orgânicos de Medianeira

ASSESOAR: Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural

BIOLABORE: Cooperativa de Assistência Técnica e Trabalho do Paraná;

CAPA: Centro de Apoio ao Pequeno Produtor;

COAFASO: Cooperativa da Agricultura Familiar e Solidária do Oeste do Paraná

CRE SOL: Sistema das Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária;

EMATER: Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural

LAR: Cooperativa Agroindustrial Lar;

ONG: Organização não Governamental

INTRODUÇÃO

Dentre os milhões de seres existentes, o *Homo sapiens* é uma espécie recente, tendo surgido na terra há aproximadamente 50.000 ou 200.000 anos (segundo concepções de diferentes autores), e se espalhando por todos os continentes. O homem primitivo era desprovido de: garras, pinças, presas, cascos, tinha pouca velocidade, era mal protegido, partes frágeis e importantes do seu corpo ficavam expostas por andar de pé e com fraca capacidade de reprodução, sobrevivia da coleta de frutos e caça de pequenos animais, o que restringia muito o seu desenvolvimento. Contudo, era um ser que também tinha suas qualidades, podia consumir distintos tipos de alimentos, habitava lugares diferentes, não precisa de condições ambientais específicas para sobreviver, pois, diferente de outras espécies, é de fácil adaptação e possui um cérebro com habilidades de aprendizagem e comunicação (MAZOYER; ROUDART, 2010).

Há 12.000 anos a cognição humana revelou-se, dando início ao processo de construção de objetos através da remodelação de pedras. Essa nova atividade permitiu a criação de machados e enxadas. Naquela época, concomitantemente, surgiram os domicílios duráveis, a cerâmica de argila cozida e os primeiros passos da agricultura e criação de animais. Há dez mil anos da nossa era, algumas comunidades primitivas começaram a semear plantas e manter animais presos para multiplicá-los e usá-los em seu próprio benefício. Nesta mesma época esses seres escolhidos foram domesticados, com isso, a sociedade de coletores e caçadores transformou-se numa sociedade de cultivadores, que passou a modificar ambientes em todo o mundo. (MAZOYER; ROUDART, 2010).

Após o surgimento e difusão da agricultura ela foi sendo aperfeiçoada pelo homem, sua evolução fica evidente com o decorrer dos anos. Na percepção de Mazoyer e Roudart (2010), ocorreu primeiramente a revolução agrícola antiga que teve como destaque o uso de ferramentas simples como a pá e a enxada, sistemas de cultivo de cereais pluviais com alqueive a utilização do arado escarificador. Séculos mais tarde ocorreu a revolução agrícola da Idade Média, que suscitou sistemas com alqueive¹ e tração pesada, como uso do arado charrua e da carreta. A

¹ Terra em que se lava e se deixa em pousio para que descanse.

primeira revolução agrícola dos tempos modernos se concretizou nos séculos XIV ao XIX, tendo por base o cultivo de cerealicultura com forrageiras, sem alqueive.

Foi a partir da década de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, que o modelo agrícola convencional se estabeleceu e permaneceu no meio rural. Este modelo, que se iniciou nos Estados Unidos e Europa, se espalhou pelo mundo e ficou conhecido como Revolução Verde. Os princípios da Revolução Verde baseiam-se, principalmente, na mecanização, no uso de insumos químicos e a partir dos anos oitenta e noventa na transgenia.

Para Gliessman (2000), a agricultura moderna está inserida entre duas finalidades: o constante aumento da produção e do lucro. Para alcançar estes dois objetivos, métodos foram criados desconsiderando suas consequências futuras e excluindo as interações ecológicas existentes nos agroecossistemas. Na visão desse autor, a agricultura convencional é um modelo agrícola composto por: cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizantes inorgânicos, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas. Estas seis técnicas formam o que Gliessman chama de “espinha dorsal da agricultura moderna”.

Ainda no pensamento de Gliessman, este modelo de produção convencional se destaca pela preponderância no uso de insumos químicos, não levando em conta os impactos socioambientais derivados do mesmo. Caporal (2011) enfatiza os vários impactos provenientes deste modelo agrário: destruições de distintos ambientes naturais, desertificações, erosão e perda da fertilidade dos solos, uso excessivo de água, contaminação dos aquíferos, dos rios e dos alimentos. É importante ressaltar que todas estas consequências negativas não são contabilizadas nos custos de produção.

Outro impacto proveniente da “modernização” da agricultura se dá com os agricultores de pequeno porte. Menos equipados, capitalizados e produtivos deparam-se com um panorama que favorece a agricultura mecanizada e desfavorece a agricultura familiar. Com isso, os pequenos produtores veem sua renda diminuir e inaptos a se desenvolverem foram em grande parte do planeta eliminados. Assim, desde o começo do século XX, dezenas de milhões de pequenos e médios sistemas agrários, em países desenvolvidos e em desenvolvimento, foram substituídos por grandes latifúndios maximizando o êxodo rural e aumentando a pobreza rural e urbana (MAZOYER; ROUDART, 2010).

No Brasil, a agricultura mecanizada também gerou várias consequências negativas tanto no setor social como no ambiental. Além de todos os impactos ambientais enfatizados anteriormente, Pádua (2002) destaca a perda de biomas nativos os quais são desmatados para formar novas áreas de plantio. Um caso grave é o cerrado. Esse bioma, que vem sendo estudado pela comunidade científica, está sendo ameaçado pela produção de grãos. Este avanço imprescindível da agricultura convencional implica na substituição da vegetação nativa pelas monoculturas, facultando modificações perversas no ecossistema natural. Estima-se que em 40 anos a cobertura natural do cerrado foi reduzida em 50%, enquanto as unidades de conservação preservam apenas 3%. Segundo Pádua, é um dos biomas mais ameaçados do planeta. Na área social, os impactos também são significativos, ainda segundo Pádua (2002), na década de 1940, o número de habitantes na zona urbana brasileira era de 12,8 milhões e passou para 138 milhões no ano de 2000. Esse panorama deixa notório o aumento da urbanização devido ao êxodo rural.

Este modelo aplicado ao campo brasileiro foi benigno ao grande produtor, e deu-se de forma injusta, sendo benéfica apenas a algumas regiões e camadas sociais em detrimento de outras. Diante do cenário mencionado anteriormente, tem-se a percepção dos vários impactos socioambientais negativos provindos da agricultura convencional, ou seja, nas palavras de Gliessman (2000, p.33) “a agricultura moderna é insustentável”.

Apesar do grande aparato da agricultura convencional, a agricultura familiar e seus modos de produção alternativos estão presentes no meio rural, e um destes modelos é a agroecologia, que explicitaremos a seguir.

AGROECOLOGIA E SUA HISTÓRIA

A agronomia e a ecologia são as duas disciplinas científicas das quais a agroecologia é proveniente. Porém, a interação entre elas foi limitada em grande parte do século passado, pois cada uma ocupou-se, por longos períodos, de estudos distintos. A agronomia enfatizou a agricultura e a ecologia preocupou-se em investigar os ecossistemas naturais. A dicotomia fixada entre ciência e natureza impulsionou a manter estes dois ramos do conhecimento separados, e em apenas poucos momentos houve diálogo entre as duas ciências (GLIESSMAN, 2000).

Um dos momentos em que ocorreu uma conexão entre ecologia e agronomia foi na década de 1920 com a Ecologia de Cultivos, no qual os pesquisadores desta área se preocuparam em entender onde eram feitos os cultivos e em quais condições ecológicas as plantas se desenvolviam melhor. Nos anos trinta do século passado, estes pesquisadores propuseram o conceito de agroecologia como a ecologia integrada à agronomia, mas como a ecologia estava se tornando uma ciência voltada mais para os meios naturais, estes ecologistas deixaram a ecologia aplicada à agricultura para os agrônomos, e o conceito agroecologia caiu no esquecimento (GLIESSMAN, 2000).

Após a Segunda Guerra Mundial a agronomia e a ecologia se distanciaram ainda mais, isso aconteceu pelo fato que a agronomia começou a primar pela produtividade e a ecologia se encaminhava em direção da ciência pura. Porém, no final dos anos 1950, o amadurecimento do conceito ecossistema propiciou uma renovação na relação entre a ciência ecológica e a ciência agrária. O conceito de ecossistema forneceu pela primeira vez uma maneira de analisar a agricultura sob a ótica ecológica. Contudo, poucos pesquisadores usavam este conceito desta maneira. Ainda no final da década de 1950, o diálogo entre as duas ciências deu-se também pela ecologia do cultivo, e, simultaneamente, foram realizadas algumas pesquisas no que foi denominado ecologia agrícola. (GLIESSMAN, 2000).

Nos anos 60 e 70 do século passado, o desejo de empregar a ciência ecológica na agricultura paulatinamente ganha força devido a alguns aspectos: o aumento de estudos de populações e comunidades, as implicações de pesquisas de caráter mais sinóptico e o crescente aumento da consciência ambiental. Um acontecimento relevante para esta interação aconteceu em 1974, no primeiro Congresso Internacional de Ecologia, quando um grupo de trabalho desenvolveu um relatório sob o título “Análise de Agroecossistemas” (GLIESSMAN, 2000).

Nos anos 1970, mais cientistas da ciência ecológica passaram a ter a percepção dos sistemas agrários como objeto de estudo e mais profissionais do ramo da agricultura viram os benefícios da ecologia para a prática agrícola, devido a estes fatores as bases da agroecologia cresceram rapidamente. Nos anos 1980, a agroecologia manifesta-se com uma metodologia e um arcabouço conceitual distinto, visando pesquisas em agroecossistemas. As áreas agrícolas tradicionais tiveram um importante papel neste período, pois estudos relativos a estas propriedades evidenciaram que estes sistemas tradicionais de cultivo, de países em

desenvolvimento, são importantes exemplo de manejo de agroecossistemas, ecologicamente fundamentados (GLIESSMAN, 2000).

A evolução da agroecologia ajudou a desenvolver o conceito de sustentabilidade na agricultura, Gliessman elucida:

Enquanto a sustentabilidade fornecia uma meta para focalizar a pesquisa agroecológica, a abordagem de sistema integral da agroecologia e o conhecimento de equilíbrio dinâmico proporcionavam uma base teórica e conceitual consistente para a sustentabilidade (2000, p.56).

Na atualidade, a agroecologia é colocada por diversos setores da sociedade como ONGs, associações de agricultores, governos, mídia e consumidores interessados em produtos mais saudáveis como uma alternativa de produção e renda para a agricultura familiar. Entretanto, existem diversos fatores que implicam na escolha do produtor em praticar, ou não praticar, a agroecologia. Um destes fatores é o fator cultural, que será discutido na sequência.

AGROECOLOGIA E CULTURA

A agroecologia é considerada por muitos autores (GLIESSMAN, 2000; CAPORAL, 2011; ALTIERI, 2004) como uma prática imprescindível para a materialização do desenvolvimento rural sustentável, pois tem por princípios norteadores o manejo sustentável de agroecossistemas e a valorização dos pequenos produtores, entre outros fatores.

Para a agroecologia, os saberes populares são de vital importância, pois como será discutido no capítulo dois, a prática agroecológica nutre-se tanto de conhecimentos tradicionais como de conhecimentos científicos. Nesta perspectiva, a cultura tem um importante papel para a concretização da agroecologia, tornando-se de grande importância a discussão da interação entre cultura e agroecologia.

Contudo, cultura possui um significado muito amplo e exige um recorte preciso, que apresentamos no capítulo um. Em síntese, não são apenas saberes populares, mas tem uma ampla gama de significados dos quais o conhecimento popular é um dos elementos. Uma das definições de Certeau (2008) para o conceito de cultura é: “comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadro

e referência e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferente das outras”.

Diante deste argumento, alguns comportamentos e ideologias estabelecidos na sociedade contemporânea influenciam a manutenção da agroecologia, a destacar: a mecanização da agricultura tornando a prática agrícola mais produtiva, porém ambientalmente mais destrutiva, a alta desvalorização do pequeno produtor, a alta valorização da monocultura e do grande latifúndio. Por outro lado, o debate em torno da sustentabilidade, a tomada de consciência por parte de consumidores, as campanhas da mídia, novas formas de compreender os sistemas ecológicos complexos e alguns programas governamentais, tem suscitado debates que também influem na agroecologia.

Analisada sob esta ótica fica explícito que os aspectos culturais possuem um caráter interativo com a agroecologia. Nesta perspectiva, o presente estudo tem por objetivo geral identificar os aspectos culturais que influenciam o pequeno agricultor a adotar, ou não adotar, a agroecologia, bem como, também os segmentos culturais que influenciam o produtor, que já é agroecológico, a manter ou não esta prática. Focamos em “capturar” as visões de mundo dos atores deste meio, ou seja, tentar expor, com base nas “evidências” coletadas (entrevistas) o que acontece no “mundo agroecológico”. Não abordaremos neste trabalho uma visão dicotômica entre “bem e mal”, positivo e negativo, mais sim, baseando-nos no pensamento de Mannheim, vamos “trazer” as visões de mundo dos agricultores (conhecimento atóxico) para o campo da teoria, neste sentido, os agricultores são os protagonistas deste trabalho. Não pretendemos, nesta pesquisa, tecer uma crítica a agroecologia, não pelo menos da maneira como o conceito “crítica” é concebido, como algo negativo, mas pretendemos expor a visão dos atores pesquisados sobre o meio que estão inseridos, e nesta exposição identificar e entender a influência de fatores culturais na agroecologia.

Por objetivos específicos, o trabalho se pauta em: 1. Contextualizar e enfatizar as características da agricultura agroecológica; 2. Definir os pressupostos teóricos que embasam os conceitos de cultura; 3. Discutir o conceito de agricultura familiar e os aspectos que caracterizam esta categoria social; 4. Articular os dados adquiridos na pesquisa de campo com a teoria levantada para suscitar um pretexto teórico, que procurará explicar, as possíveis contribuições da cultura na adoção e manutenção da agroecologia.

Este estudo foi realizado na Região Oeste do Paraná, especificamente uma associação de agricultores localizada no município de Medianeira, Paraná. Esta associação possui um caráter híbrido, ou seja, uma associação em que fazem parte agricultores agroecológicos e convencionais. Esta associação é a Associação dos Agricultores Familiares e Ecológicos de Medianeira- AAFEMED, composta por mais de cem associados, a maioria produtores convencionais. A pesquisa também contemplou um técnico da BIOLABORE- Cooperativa de Assistência Técnica e Trabalho do Paraná, que dá suporte técnico aos agricultores desta associação.

Foram realizadas oito entrevistas qualitativas e 21 entrevistas quantitativas. As entrevistas qualitativas foram gravadas com gravador de voz e, posteriormente, transcritas e analisadas utilizando Método Documentário de Karl Mannheim. Também será usada a Teoria Ator-orientado de Norman Long e a Teoria Ator-rede de Michel Callon e Bruno Latour (estas teorias serão discutidas no capítulo um) para realizar a análise das entrevistas. Vale enfatizar que, apesar de terem sido feitas oito entrevistas qualitativas, apenas quatro foram utilizadas no trabalho. Este recorte ocorreu baseando-se nos aspectos qualitativos de cada entrevista, em outras palavras, utilizamos as entrevistas que nos ofereceram um maior suporte qualitativo para entendermos a interação entre cultura e agroecologia, contudo não desprezamos o restante do material, que foi utilizado como complemento². As entrevistas utilizadas foram: três entrevistas com agricultores agroecológicos³, e uma com agricultor convencional. Nas entrevistas quantitativas foi aplicado um questionário a vinte agricultores (tanto convencionais como agroecológicos), todos membros da associação, e outro questionário aplicado ao técnico que auxilia os agricultores.

Esta pesquisa se justifica porque se propõe a fazer uma abordagem empírica e teórica, que tem como foco central analisar como os aspectos culturais colaboram para a adoção ou não de práticas agrícolas agroecológicas, bem como os fatores culturais que influenciam na própria manutenção da agroecologia por parte dos agricultores familiares do Oeste do Paraná.

² Para a realização das entrevistas qualitativas foi utilizado o método documentário de Mannheim. Para Mannheim é primordial que o pesquisador tenha um conhecimento do objeto de estudo que o mesmo está pesquisando, para que as suas reflexões acerca do objeto de pesquisa não tornem-se descabidas de sentido. É nesta perspectiva que as quatro entrevistas qualitativas e os vinte e um questionários quantitativos foram usados, ou seja, através destes dados, obtivemos um conhecimento prévio do objeto de pesquisa possibilitando boas reflexões sobre o estudo.

³ Os agricultores agroecológicos que participaram da pesquisa são certificados pela rede Eco Vida.

A importância da agricultura para o Oeste do Paraná é inegável sendo que o processo convencional é predominante na região, desta forma, estudar e entender como e por que alguns agricultores optam por produzir de forma agroecológica, pode fornecer uma melhor compreensão dos aspectos decisórios em jogo por parte desses agricultores.

A dissertação está dividida em cinco capítulos, o capítulo um procurou elucidar os diversos significados do conceito de cultura e as teorias de Karl Mannheim, Norman Long, Michel Callon e Bruno Latour. O capítulo dois limita-se a uma exposição de agroecologia como ciência, prática e movimento. O capítulo três enfatiza a categoria social da agricultura familiar. No capítulo quatro, será exposto um histórico da região oeste do Paraná, da cidade de Medianeira e da associação dos agricultores familiares e ecológicos de Medianeira, e também será feita uma caracterização do nosso objeto de pesquisa, ou seja, dos agricultores familiares no qual seus depoimentos foram utilizados no trabalho. O capítulo cinco apresentará os resultados obtidos na pesquisa empírica, e por último, as considerações finais.

CAPÍTULO 1

O CONCEITO DE CULTURA SOB DIFERENTES ÓTICAS E A CONTRIBUIÇÃO METODOLÓGICA DE MANNHEIM, LONG, LATOUR E CALLON

Este capítulo tem por finalidade realizar uma discussão em torno do conceito de cultura e enfatizar também o arcabouço metodológico da dissertação que é formado pelas teorias de Karl Mannheim, Norman Long, Michel Callon e Bruno Latour. Neste sentido, este capítulo procura fornecer um *background* teórico para as análises que procuraremos efetuar na dissertação e que se constituem no tema central: como as diversas visões culturais influenciam na adoção e perpetuação de práticas agroecológicas.

Após expor as diferentes percepções do conceito de cultura e as três teorias que são utilizadas, estabeleceremos um recorte nas ideias que foram usadas no trabalho.

1.1 A “PROBLEMÁTICA” DO CONCEITO DE CULTURA

O conceito de cultura vem sendo discutido desde que se intensificaram os contatos entre povos e nações no início de século XVI. As pesquisas acerca do tema abrangem um amplo rol de sociedades e são voltadas tanto para as consideradas industriais bem como as denominadas primitivas ou arcaicas. O fato observado por estas pesquisas é que a evolução do ser humano se caracteriza por distintos modelos de organização social, distintos saberes, diversos meios na aquisição e utilização dos recursos naturais e um grande discernimento em compreender e reproduzir a realidade (SANTOS, 1994). Sachs (2005) ressalta “cultura é um conceito holístico, e no seu bojo surgem culturas particulares”. Deste modo, discutir cultura requer um entendimento da riqueza e variedade das formas de existência. Pode-se inferir que cada realidade cultural possui sua própria racionalidade, e o entendimento destes aspectos racionais é de vital importância na luta contra preconceitos ou idealizações errôneas a respeito de diferentes práticas culturais, e também na potencialização de novas maneiras de conceber nossa sociedade (SANTOS, 1994).

Esta maneira de compreender a sociedade, respeitando a alteridade das diversas culturas existentes, nos remete a pensar a importância da cultura sobre os inumeráveis aspectos que constituem uma civilização. Para Sachs (2005) o progresso de uma nação está conectado a princípios culturais; já para Saquet (2011) a cultura, juntamente com vários outros elementos (revitalização de identidades, mutabilidade nas relações de poder, entre outros), é fundamental para compreender a questão da territorialização; Thompson (1998) elucida que cultura é um termo esotérico e emaranhado, que abrange sob sua perspectiva vários elementos, tornando-o enigmático, podendo escamotear disparidades que precisam ser elucidadas. Drew (1994), por sua vez, enfatiza que a tradição cultural amoldou o comportamento humano relativo ao seu meio circundante. Em sintonia com essas afirmações, Porto-Gonçalves (2006) destaca que cada povo-cultura tem sua própria concepção de natureza. Com este cenário teórico, é notório o aparato que a cultura tem ganhado em diferentes situações e ramos do conhecimento, obtendo distintas interpretações, utilizações e significações. Na perspectiva de Thompson (1998), alguns conceitos como política economia e cultura, precisam de um inexorável e profundo diagnóstico de tempos em tempos. É nesta afirmação de Thompson que reside o objetivo deste tópico, que é discutir algumas contribuições teóricas relativas ao conceito de cultura com base em cinco autores principais: *A Cultura no Plural*, Certeau (2008), *A Ideia de Cultura*, Eagleton (2005), *Cultura um Conceito Antropológico*, Laraia (2009), *A Interpretação das Culturas*, Geertz (2008), e *Ensaio Sobre o conceito de Cultura*, Bauman (2012). A seguir discutiremos o conceito de cultura em Certeau, Eagleton, Bauman, Geertz e Laraia. Iniciaremos com Eagleton.

1.2 A IDEIA DE CULTURA SEGUNDO TERRY EAGLETON

Terry Eagleton é professor de literatura inglesa da universidade de Oxford. Em sua obra *A Ideia de Cultura* (2005), o autor faz um ensaio literário sobre o conceito de cultura no qual elabora uma análise histórica das origens e significados que o termo cultura vem obtendo ao longo do tempo. Eagleton (2005) começa seu raciocínio enfatizando que este termo é um dos mais complexos da língua inglesa e, para ele, o termo deriva no sentido etimológico da natureza; vale ressaltar que uns dos primeiros significados do mesmo é lavoura.

Assim, sua análise sobre cultura engloba questões estritamente filosóficas desde assuntos como liberdade, determinismo, bem como mudança e identidade. Esta ideia reflete uma importante pauta para nosso estudo, pois com a crescente mecanização da agricultura, o agricultor tem perdido sua autonomia e identidade no meio rural, características que a agroecologia tem tentando novamente fortalecer.

Eagleton enfatiza que as culturas eram vistas como superiores e inferiores, entretanto, com a crescente compreensão em torno do assunto, a *gnosis* sobre cultura passou a ser mais descritiva do que avaliativa, ou seja, cultura passou a diferenciar, no sentido horizontal, os distintos modelos culturais e não hierarquizar verticalmente as diferentes culturas.

Na definição do que é cultura, Eagleton enfatiza vários aspectos do conceito, para ele, a cultura é uma disciplina de ensino ético que nos torna aptos para sermos cidadãos políticos; também destaca cultura como música, literatura, pintura, práticas sociais, como criação de crianças, educação, entre outros. Eagleton explicita a visão do autor T. S. Eliot sobre cultura, o qual enfatiza que cultura é um estilo de vida de uma determinada sociedade vivendo em união em certo ambiente físico. Ainda na perspectiva de Eliot, explicada por Eagleton, a cultura é, na maioria das vezes, muito mais inconsciente do que consciente, pois a cultura consciente não é na totalidade cultura.

Assim, Eagleton (2005) define cultura como:

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último (p.184).

Em outras palavras, cultura também nos dá um sentido, uma finalidade para vivermos. Esta visão de Eagleton foi evidenciada na nossa pesquisa de campo, como afirmado pelo agricultor **Bm**⁴, para ele, apesar da idade, na faixa dos setenta anos, ele quer continuar trabalhando em sua propriedade, pois o mesmo gosta do que faz. Com isso, “aquilo para o que vivemos” ressaltado por Eagleton, é para **Bm**, trabalhar em sua propriedade e confunde-se com a própria existência social e ontológica.

⁴ Para preservar a identidade dos agricultores, utilizaremos códigos específicos em todas as citações advindas da pesquisa de campo onde a primeira letra é a inicial de um nome fictício e a segunda denomina o sexo do entrevistado **m** para masculino e **f** para feminino.

Na concepção de Santos (1994), cada cultura é um produto de uma história em específico, implicando também a interação com outras culturas que podem ter elementos bem distintos. Essa interação entre culturas descrita por Santos também é estudada por Edward Said *apud* Eagleton (2005), que parte da premissa de culturas híbridas. O autor salienta que as culturas estão entrelaçadas umas com as outras, ganhando esse caráter heterogêneo. Um exemplo desta hibridização pode ser demonstrado por Drew (1994) que argumenta sobre uma tribo africana, os bosquímanos do deserto de Kalahari, que ainda vivem de forma primitiva, sendo caçadores e coletores, usando poucas ferramentas, não possuem práticas agrícolas e os impactos que os mesmos geram no meio ambiente são mínimos. Contudo sua cultura está sofrendo modificações devido ao contato com culturas externas, em outras palavras, estão começando a mudar seus hábitos e pensamentos. De forma diversa, mas similar, os contextos locais estão sendo reconfigurados por políticas e projetos externos.

Esta ideia de híbridos também é compartilhada na agroecologia que procura nutrir-se de diversos saberes distintos, tanto científicos como populares. Outro autor que incorpora a noção de híbridos para análise social é Bruno Latour, o que será discutido posteriormente.

Para Eagleton, as pessoas tanto do sexo feminino ou masculino comumente tendem a realizar manifestações primando mais as questões culturais do que políticas, essas batalhas culturais dão-se por três frentes: cultura como civilidade, cultura como identidade e cultura como algo comercial no sentido consumista. A cultura como civilidade está em constante conflito com a cultura de identidade e consumista. Mas um viés interessante da cultura segundo Eagleton é que ao mesmo tempo em que a tradição cultural derruba impérios ela também os constrói.

O autor também ressalta a importância da cultura por diferentes facetas, primeiramente que a cultura tem um papel de destilar a humanidade, não num sentido excludente de nosso eu rebelde, mas sim lapidando para uma espécie ideal de sociedade. A feição cultural procede delimitando e impedindo lutas no sentido imaginário e com isso não necessitando resolver estes conflitos em um nível político. Essa concepção nos permite afirmar que nas mais diversas sociedades há diferentes “regras” culturais que propiciam certo modelo de comunidade aderido pela maioria dos cidadãos que faculta em uma menor intervenção do estado nas

problemáticas sociais. Porém muitas destas “regras” não são comumente aceitas, gerando assim grandes conflitos.

Para finalizar, no pensamento de Terry Eagleton, o autor afirma que nascemos seres frágeis e necessitamos da cultura para sobreviver, não nascemos seres culturais, mas aderimos à cultura não por significado, mas sim por necessidade.

Eagleton tem uma vasta obra sobre a temática cultural. Para o autor, alguns aspectos práticos da vida social como música, literatura, são artefatos culturais. Aspectos mais metafísicos, como prazer intelectual, sentido de significado último, também estão inseridos sob a égide cultura. Segundo Eagleton, existe um conflito entre cultura como civilidade contra cultura como identidade e cultura como hábitos consumistas. A cultura também “formata” os indivíduos de determinada sociedade, colocando-os sobre determinados padrões, diminuindo, em certo sentido, os conflitos de uma dada sociedade. Contudo, cultura é uma necessidade para a espécie humana, algo que realmente precisamos para sobreviver. Outra visão do autor é cultura como diferencial. Segundo o mesmo, os hábitos culturais nos moldam como indivíduos e sociedades distintas, ou seja, a cultura modela os grupos de seres humanos como “únicos” e “singulares” surgindo sociedades diferentes entre os homens.

Da visão de Eagleton sobre cultura utilizaremos duas de suas concepções: a primeira é relativa à cultura como algo para o que vivemos (prazer intelectual, sentido de significado último). Essa perspectiva propicia identificar para o que o agricultor vive e de que maneira isso influencia a agroecologia. A segunda é o fator cultural como diferencial, ou seja, que difere sociedades e indivíduos, essa ótica permite constatar as diferenças culturais entre os atores.

Esta visão sobre cultura como algo que diferencia as sociedades humanas, também é compartilhada por Bauman, que discutiremos a seguir.

1.3 O CONCEITO DE CULTURA EM BAUMAN

Zygmunt Bauman é um sociólogo polonês que iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, Polônia. Sua obra utilizada para discutir o conceito de cultura é *Ensaio sobre o conceito de cultura* (2012).

Bauman enfatiza três diferentes óticas a respeito do conceito. Primeiramente ele vê cultura como fator hierárquico, segundo o autor o termo é bem conhecido pela civilização ocidental apesar de muitas vezes usado de maneira errônea. Temos a tendência de rejeitar certos indivíduos por não ter conseguido atender a expectativa de certo grupo, estas pessoas muitas vezes são denominadas de pessoas sem cultura. Podemos citar um exemplo do que acontece com o pequeno agricultor, que muitas vezes recebe nomes pejorativos como “Jeca Tatu, colono” entre outros, e é visto como inferior na nossa sociedade.

Na segunda ótica enfatizada por ele, o conceito de cultura é discutido como um diferencial. A cultura é muito utilizada para distinguir sociedades e pessoas, nas palavras de Bauman (2012 p.72) “As relações são muito mais complicadas do que conseguimos tipificar” é esse pressuposto que a cultura procura explicar. E por último o autor vê a cultura como um conceito genérico. Nesta parte, a cultura gira em torno do paradigma dicotômico homem-natureza, os elementos que aglutinam os seres humanos e que diferencia este ser dos demais, em suma, neste aspecto o termo esclarece as divisas entre o homem do humano.

Bauman ressalta um conflito existente no conceito de cultura, pois cultura possui ao mesmo tempo um caráter conservacionista e mutável. Seu lado conservador preserva e se apresenta como ferramenta da perpetuidade, seu lado mutável representa o novo e a criatividade. Este pensamento proposto por Bauman nos permitirá compreender o lado conservador e inovador muito presente na agroecologia.

A cultura possui em seu cerne a ordem e a desordem, e também possui uma faceta singularmente humana no aspecto que condiz que só o homem de todos os seres vivos tem atributos para lutar contra sua realidade e modificá-la, dando um sentido mais profundo a sua vida, a liberdade, justiça e o bem, sendo estas finalidades coletivas ou individuais.

Quanto à definição do que é cultura, Bauman destaca que a criação de normas restritivas implica na criação de uma ordem cultural sendo a cultura uma espécie de gabarito comportamental tanto de indivíduos como de comunidades. A cultura é criada pelo homem e tem um papel importante na vida do mesmo, ela é criada pela liberdade, mas ao mesmo tempo limita esta liberdade, a dualidade existente no termo fica nítida quando o autor expressa essa ideia. Mas Bauman define cultura como “a cultura humana é um sistema de significação e uma de suas

funções universalmente admitidas é ordenar o ambiente humano e padronizar as relações entre os homens” (2012, p. 141).

Entendemos que Bauman analisa cultura de forma dualista, ou seja, o autor deixa claro em alguns momentos que cultura possui duas “vertentes”, cultura conserva o que já existe, mas também é aberta ao novo. Cultura também possui a ordem e desordem, cria a liberdade e limita a mesma. Bauman também critica cultura como fatores verticais, esta visão vê culturas superiores e inferiores. O autor também enfatiza que a cultura diferencia os diversos grupos humanos, e possui a visão de cultura como padrões de comportamento ou um gabarito comportamental.

Em Bauman utilizaremos duas visões, a cultura como forma dualista, que nos permite identificar os aspectos culturais “novos” e “antigos” na agroecologia. E cultura como “padronizadora” do comportamento humano que propicia evidenciar os padrões comportamentais no meio rural e sua interação com a agroecologia.

A perspectiva de cultura como um gabarito comportamental também é compartilhada por Geertz, que discutiremos no próximo tópico.

1.4 CLIFFORD GEERTZ E A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS

Clifford James Geertz (1926-2006) foi um antropólogo americano, professor da Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, Estados Unidos. Em *A interpretação das Culturas* (2008), Geertz inicia seu raciocínio analisando as questões inerentes à evolução do ser humano. O homem teve sua anatomia desenvolvida através da seleção natural e quando seu corpo chegou a uma estrutura similar a que as pessoas possuem hoje, este ser passou a produzir e transmitir cultura. Com a aquisição desta virtude, este animal passou a superar as diversidades ambientais muito mais com a cultura do que com a genética. Começou a usar pele de animais para se proteger do frio, moldou ferramentas para facilitar sua caça, inicia o cozimento de alimentos para torná-los mais digestivos; foi neste momento preponderante que os homínidos dependeram quase exclusivamente da cultura para o seu desenvolvimento (GEERTZ, 2008). Além de a cultura ser preconizada pelo avanço humano, ela também possui características variadas entre o próprio homem, o que leva Geertz (2008, p. 27) a argumentar “a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão” e “um ser humano pode ser um enigma completo para outro” (p.10). Esta afirmação proporcionará compreendermos se

existe realmente uma diferença cultural entre agricultores agroecológicos e convencionais.

Na lógica de Geertz estudar e compreender estas diferenças culturais demonstra a normalidade de uma civilização sem resumir a sua particularidade.

Em outra passagem Geertz cita uma definição de cultura explicitada pela antropologia cognitiva. Esta corrente de pensamento caracteriza a cultura como sendo estruturada em dimensões psicológicas por meio das quais os atores sociais e grupos de pessoas guiam seu comportamento.

Com relação ao conceito de cultura, Geertz ressalta que o termo foi muito pluralizado e ampliado, tornando-se um conceito debilitado. Sua proposta é centralizar o conceito, uma especialização do seu significado, em suma, defende um conceito de cultura mais restritivo e específico que seria “teoricamente mais poderoso” (2008, p.03). O autor propõe que o conceito de cultura que ele defende não possui uma faceta multidisciplinar com vários referentes e nem qualquer perplexidade fora do comum, mas um termo com um molde de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de percepções herdadas na qual propicia que os homens se comuniquem e desenvolvam ações e atividades com relação à vida (GEERTZ, 2008). O autor subentende que não apenas o idealismo, mas o sentimentalismo também são, no homem, artefatos culturais, e pressupõe que ações culturais são atos sociais como qualquer outro. Pautado na concepção de Geertz, a cultura recebe três significados distintos: 1) o termo cultura defendido por ele é de caráter semiótico, que o ser humano é um animal preso a uma teia com distintos significados que ele mesmo construiu assumindo a questão cultural como sendo essas teias e suas análises; definindo então cultura como uma ciência interpretativa em busca de significados; 2) o autor atribui duas novas ideias a respeito da cultura, essas opiniões foram criadas, segundo ele, para definir mais exatamente o ser homem.

Na tentativa de alcançar uma imagem mais exata do homem, quero propor duas ideias. A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções (que os engenheiros de computação chamam “programas” — para governar o comportamento (GEERTZ, 2008.p. 32).

Essa concepção de Geertz sobre cultura vai de encontro com a opinião de Bauman explicitada anteriormente. Entretanto, Bauman tem a perspectiva de cultura como “padrões de comportamento”, e Geertz vê cultura como mecanismos de controle do comportamento humano, sendo a opinião de Geertz um pouco mais “radical”. Porém, apesar desta diferença, ambos os autores possuem a visão de que a cultura está ligada com o comportamento humano. Estes mecanismos de controle são perceptíveis em nosso trabalho. Segundo **Em**, a plantação de transgênicos é “implantada” ao agricultor, e se o mesmo quiser sobreviver terá que seguir esta “regra”. Com isso, fica notório, que a agricultura convencional consegue de certa maneira, governar o comportamento de muitos agricultores.

E a terceira significação de Geertz sobre cultura, considera explícita a temática de como “os padrões culturais — religioso, filosófico, estético, científico, ideológico — são “programas”: eles fornecem um gabarito ou diagrama para a organização dos processos sociais e psicológicos” (GEERTZ, 2008.p.123). Pode-se inferir que todas as conclusões de Geertz expressam cultura como regras de comportamentos, que implicam significados para os que a vivenciam.

O autor também designa características e importâncias na temática cultural, postulando que são certas necessidades humanas que modelam alguns hábitos culturais. Estes programas culturais, por sua vez, são responsáveis por dar subsistência e sentido a determinadas atividades nas quais determinadas pessoas vivem. O estudo da cultura é, no pensamento de Geertz, “o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupos de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro” (GEERTZ, 2008, p. 150).

Não existe natureza humana sem cultura; os homens sem cultura não seriam os animais intelectuais, estes seres seriam monstros fora do controle e desprovidos de inteligência, nas palavras de Geertz, “um ser humano sem cultura seria apenas uma monstruosidade sem mente” (2008, p.50). O cérebro do homem é dependente de recursos naturais, a cultura não é apenas um complemento, mas sim, um ingrediente para a atividade cerebral. O ser humano sem tradição cultural seria um ser intrincado, sem propósito ou autocontrole, claramente um animal incompleto.

Finalizando a análise sobre cultura em Geertz, literalmente a cultura nos pautou como seres singulares, esse prisma nos remete a pensar que essa

singularidade aumenta conforme se analisa mais detalhadamente as distintas culturas existentes, e dentro destas, os diferentes indivíduos que ali estão inseridos. Neste aspecto de grandes diferenças entre os indivíduos, Mannheim e o método documentário nos ajudarão a ter acesso a estas diferentes individualidades.

Em nossa avaliação, Geertz atribui mais de um significado ao conceito de cultura. Em um primeiro momento, o autor destaca cultura como uma rede de significados, esta rede, por sua vez, foi criada pelo próprio homem. Neste sentido, cultura vai estudar e entender estas redes culturais. O segundo significado atribuído a cultura é cultura como programa para governar o comportamento, e a terceira definição é cultura como gabarito para organizar os processos sociais. Geertz também explicita que a cultura possui características variadas entre os seres humanos, e que compreender estas diferenças expõe as normalidades de diferentes povos. O autor defende um conceito de cultura mais restritivo, pois na sua visão, cultura tornou-se um conceito com muitos significados e, conseqüentemente, adquiriu uma faceta debilitada.

Em Geertz, nos interessa sua ótica sobre cultura como programas de controle do comportamento, que tornará inteligível os aspectos culturais que “controlam” o comportamento no ambiente rural. E, também, sua opinião sobre cultura como uma teia de significados, com isso torna-se perceptível os segmentos que são importantes para o produtor, aspectos que lhe atribuem significado.

Para Geertz, os fatores culturais foram e são de total importância para a evolução e sobrevivência do ser humano. Um pensamento abordado também por Laraia, que focaremos a seguir.

1.5 A PERSPECTIVA DE LARAIA SOBRE CULTURA

Roque de Barros Laraia é professor emérito da Universidade de Brasília UNB. Laraia (2009), baseando-se em autores como Richard Leacock e Roger Lewin, conclui que o homem começa a produzir cultura devido à modificação do seu cérebro que se tornou mais volumoso e complexo em consequência de seu modelo de vida arborícola. Este estilo de sobrevivência propiciou um molde de visão estereoscópica que implícita com o movimento das mãos proporcionou análise de objetos que permitia maiores estímulos ao cérebro. Laraia argumenta, baseando-se em Claude Lévi-Strauss, que a cultura foi criada quando surgiu a primeira regra.

Uma ponte teórica que pode ser feita com o pensamento de Mosé (2012), a autora explicita que neste primórdio foram as restrições sexuais umas das primeiras normas a serem concretizadas nas antigas sociedades humanas.

Para Laraia, é graças à cultura que o ser humano alcançou seu apogeu sob vários aspectos do meio ambiente, ou seja, enquanto outros animais tinham que modificar suas estruturas físicas para se adaptarem a diferentes ambientes, o homem utilizou a cultura para superar as adversidades, em outras palavras, começou a fazer vestimentas com peles de animais para superar o frio, criou ferramentas para melhorar sua caça, entre outros. É neste aspecto, que nota-se uma confluência entre o pensamento destacado por Laraia e a concepção enfatizada por Geertz, ambos os autores ressaltam a importância da cultura para o desenvolvimento humano. Laraia também explica que derivado da questão cultural ocorreu o nosso distanciamento da natureza, uma das primeiras ações relativa a esta dicotomia homem-meio ambiente é o início da prática agrícola que propiciou o início de grandes sociedades, a vida nômade, e certo controle sobre plantas e animais não ficando totalmente a deriva do meio natural.

Laraia justapõe várias idealizações expressadas por diferentes autores no que concerne ao conceito de cultura. Primeiramente parte da premissa de Goodenough que concebe cultura como um corpo de saberes; Claude Lévi-Strauss argumenta como um sistema simbolístico fecundado e criado acumulativamente pela mente humana; já David Schneider aborda como um sistema de faceta simbólica e significativa, enquanto Ruth Benedic abarca cultura como uma lente na qual o homem observa o mundo, logo indivíduos com culturas distintas têm perspectivas díspares. Laraia explicita que a primeira definição de cultura sob o ponto de vista antropológico é do autor Edward Tylor, que define cultura como: conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem em determinada sociedade, ou seja, esta definição engloba todas as capacidades de realização humana.

Após esta multiplicidade de opiniões, Laraia argumenta que este debate em torno da palavra cultura não terá fim, pois um entendimento da palavra implica em uma total compreensão da natureza humana, temática de imanente meditação. Mas em determinada parte de sua obra Laraia apresenta o conceito de cultura como sendo:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (2009, p.68).

Laraia atribui grande potencialidade à cultura. Para o autor qualquer pessoa tem condições de ser ensinado por qualquer estereótipo cultural, o modo de vida de uma população ou indivíduo é relativo à maneira como foi sua educação. Atividades designadas às mulheres em certas tradições culturais podem ser realizadas por homens em outras tradições, e vice e versa. Diferentes povos vivem em ambientes naturais parecidos, mas suas atitudes com relação ao seu meio são, na maioria das vezes, bem diferentes, em outras palavras, em determinados locais com condições ambientais similares, podem ter a existência de várias tipologias culturais.

Nosso legado genético nada tem a ver com nosso comportamento e intelectualidade, pois nossas ações e modo de pensar estão anexados à aprendizagem cultural que nos é imposta. Nascemos com certas habilidades e adquirimos outras de acordo com o meio que vivemos. Essa dinâmica de aquisição de saberes e práticas é acumulativa. Essa acumulação de saberes é de grande importância para a agroecologia, porém estes conhecimentos estão se perdendo devido ao alto êxodo rural dos jovens quebrando assim o ciclo de transmissão de saberes de vários anos. Gliessman (2000) cita um povo chamado os Hopi. Este povo que reside no sudoeste dos Estados Unidos tem praticado agricultura há mais de quinhentos anos, em uma paisagem árida coberta na maior parte por plantas adaptadas ao deserto. Seria uma grande perda para as ciências agrícolas perder o conhecimento de como este povo produz em uma região árida.

A cultura por ser dinâmica e não estática, propicia a contestação de certos comportamentos ocasionando mudanças. Essa mutabilidade pode ser ocasionada por atitudes internas ou externas, ou seja, mudanças endógenas são consequências do próprio caráter de não estancamento da cultura e geralmente facultam alterações mais lentas. Já a transformação exógena é derivada de conotações com outras culturas, essa modificação é mais rápida e implacável. Procurar entender estas modificações na estrutura cultural permite delimitar ações preconceituosas e simultaneamente propiciará uma maior compreensão das diferenças existentes entre os povos. Esta ideia explicitada por Laraia nos ajudou a entender as influências que estas dinâmicas culturais propiciam em aderir ou não a agroecologia. Um exemplo é

ênfatisado pela agricultura **Jf**, a qual fala da perda de conhecimentos agrícolas de seus antepassados devido à “modernização” agrícola instalada em sua propriedade. Nota-se que a influência deste aspecto cultural aconteceu de forma vertical.

Laraia (2009) nos leva a pensar sobre a preponderância da cultura sobre o ser humano. O autor deixa explícita a magnitude da cultura sobre o homem ressaltando que o ser humano é um produto derivado do ambiente cultural no qual foi criado, e essa criação é o resultado do esforço de toda uma sociedade.

Nota-se que Laraia atribui a fatores culturais a evolução do ser humano, e, simultaneamente, o autor também designa na cultura o início da dicotomia entre homem-natureza. Para Laraia, o homem é filho do meio em que foi criado, nascendo com determinadas características e adquirindo outras de acordo com sua vivência. Essa aquisição de saberes é acumulativa, e quando entra em contato com outras culturas pode sofrer mutações. Estas mudanças culturais são advindas de fatores externos, que seriam os contatos entre distintas culturas, ou podem ser produtos de mudanças advindos da própria cultura sem haver necessidade de conexões externas. Na visão de Laraia, o modo como um indivíduo vê o mundo, ou seja, sua percepção da realidade, também é cultura.

Estabelecendo um recorte nas concepções de Laraia, optamos por fazer uso das seguintes opiniões: as mudanças culturais ocorrem devido a fatores internos e externos. Essa ótica, em parceria com a Teoria Ator-Rede que explicaremos a seguir, propicia entendermos as modificações da cultura rural, e, por segundo, a dinâmica de aquisição de saberes é acumulativa, esta opinião, em sintonia com o método documentário de Mannheim, nos ajudará a destacar os saberes e práticas dos produtores.

Laraia concebe que os diferentes comportamentos sociais de uma civilização, são produto de uma herança cultural. Essa opinião é partilhada por Certeau (2008), que em seguida analisaremos.

1.6 A CULTURA SEGUNDO MICHEL DE CERTEAU

Michel de Certeau foi um historiador e antropólogo francês e viveu entre 1925-1986. Da sua vasta obra o livro utilizado para essa análise é: *A Cultura no Plural*, publicado pela primeira vez em 1974 como uma compilação de vários textos marcados pelos acontecimentos revolucionários da França de maio de 1968. Nessa

obra o autor analisa o impacto e as transformações da massificação do ensino superior na França. De acordo com Certeau (2008), a cultura defende valores e revitaliza ideias sendo vista ao mesmo tempo como solução de problemas ou o aumento dos mesmos para a estrutura social. Porém, para que a cultura seja genuína, é preciso que seu caráter pragmático social tenha significância para os seus agentes realizadores. A agricultura agroecológica também compartilha este pensamento, em sua articulação de distintos conhecimentos, procura dar relevância ao saber popular e local para que as práticas realizadas nos agroecossistemas tenham um caráter não apenas produtivo, mas também social, possibilitando que o agricultor se identifique com o que faz.

Certeau apresenta um rol bem abrangente do conceito de cultura, ele distingue seis empregos para o termo:

- A) Os traços do homem “culto”, isto é, segundo o modelo elaborado nas sociedades estratificadas por uma categoria que introduziu suas normas onde ele impôs seu poder.
- B) Um patrimônio das “obras” que devem ser preservadas, difundidas ou com relação ao qual se situar (por exemplo, a cultura clássica, humanista, italiana ou inglesa etc.). A ideia de “obras” que devem ser difundidas acrescenta-se a de “criações” e de “criadores” que devem ser promovidos, em vista de uma renovação do patrimônio.
- C) A imagem, a percepção ou a compreensão do mundo próprio a um meio (rural, urbano, nativo etc.) ou a uma época (medieval, contemporânea, etc.): *Weltanschauung* de Max Weber, *Unit Idea* de A.O. Lovejoy, etc. Essa concepção que atribui a “ideias” tácitas o papel de organizar a experiência aproxima-se talvez da estética social de Malraux, substituta das visões de mundo religiosas ou filosóficas.
- D) Comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadro e referência e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferente das outras. Desde E.B.Taylor (*Primitive culture*, 1871), este se tornou um conceito-chave em antropologia cultural (cf. os *patterns of culture*). Há todo um leque de posições segundo se privilegiem as práticas e os comportamentos ou as ideologias e os mitos.
- E) A aquisição, enquanto distinta do inato. A cultura diz respeito aqui à criação, ao artifício, à ação, em uma dialética que a opõe e a associa à natureza.
- F) Um sistema de comunicação, concebido segundo os modelos elaborados pelas teorias da linguagem verbal. Enfatizam-se, sobretudo as regras que organizam entre si os significados, ou, em uma problemática próxima, a mídia (cf. A. Moles) (CERTEAU, 2008, p.193/194).

A miríade de distintas visões sobre cultura discutidas por Certeau nos ajudará a compreender melhor os diversos aspectos culturais que influenciam na adoção ou não adoção da agroecologia. A definição do conceito de cultura apresentada no item D, “Comportamentos, instituições, ideologias”, está em sintonia com a percepção de Laraia exposta anteriormente. Os autores, Laraia e Certeau, atribuem à cultura, os diferentes comportamentos sociais existentes em distintas sociedades. Desta forma, identifica-se um novo comportamento do agricultor **Am** quando adotou a agroecologia, novos hábitos e técnicas foram adquiridos pelo mesmo, devido a sua nova maneira de produzir.

Certeau, paulatinamente, constrói uma análise e define algumas expressões usadas cotidianamente como: a) ação cultural, que na sua análise seria uma intervenção que conecta atores sociais à finalidades determinadas; b) atividade cultural, ou ações que ocorrem em uma “cultura erudita”; c) agentes culturais, concebidos como protagonistas que exercem certas atividades ou detêm um papel designado pelo setor cultural, o setor cultural por sua vez é definido como sendo criador, promotor, crítico, animador, consumidor, etc.; d) política cultural, uma conjugação de propósitos mais ou menos similares de dinâmicas que objetiva uma mutabilidade no comportamento, segundo preceitos explícitos; e) discurso cultural, entendido por toda a articulação que retrata as problemáticas culturais na medida em que seja coerente entre sua forma e seu conteúdo; e, finalmente f) desenvolvimento cultural, um paradigma pautado pela lei de crescimento igualitário e as reformas necessárias a uma extensão da produção e consumo. Após essa classificação, Certeau subentende que estas expressões culturais são responsáveis por metamorfosear o povo em público, ou em outras palavras, transformar a sociedade contemporânea em sociedade do espetáculo. Certeau afirma “hoje mais do que nunca a cultura está nas mãos do poder” (p.142).

Ainda na linha de pensamento de Certeau, a prática cultural do consumismo faculta na população a passividade, é o setor responsável por “fabricar” menos militantes e mais inativos. Neste aspecto, pode-se fazer uma ligação com os ideais de dois autores. Primeiramente, Santos (1994, p. 67) explicita que a cultura, parece modelar, num sentido análogo, a vida, concepções e opiniões da sociedade. E Porto-Gonçalves (2006) ressalta a estagnação da sociedade, da cultura, para manter o *Status quo*.

Para concluir, Certeau enfatiza que a valorização cultural não é um processo simplista, e a fundação política de um setor social é de grande magnitude para surgir uma nova cultura, pois é a força política que propiciará uma base para a cultura se afirmar.

Nossa avaliação das ideias de Certeau relativo à temática cultura, conclui que num primeiro momento, o autor define cultura de seis maneiras distintas, abrangendo desde comportamentos e ideologias, até patrimônio das obras e linguagem. Num segundo momento, o autor explica diferentes expressões usadas cotidianamente, como ação cultural, desenvolvimento cultural, política cultural, etc. O autor explica que o hábito do consumismo propicia na população a passividade, e que a força política é que proporciona a base para o surgimento de novos padrões culturais.

Do pensamento de Certeau, utilizamos as seguintes ideias: a imagem ou percepção do mundo próprio, este ponto permite destacar as percepções dos agricultores, comportamentos e instituições que enfatizam os comportamentos sociais e as instituições ligadas aos produtores.

Após trabalharmos com cinco diferentes autores sobre o conceito de cultura, faz-se necessário um recorte nas diversas ideias apresentadas. Procuraremos selecionar estas ideias no tópico a seguir.

1.7 RECORTANDO E AMARRANDO O CONCEITO DE CULTURA

Após essa análise sinóptica do conceito “cultura”, tem-se a percepção da discrepância encontrada em torno da temática. Mas, apesar desta profusão de opiniões heterogêneas, procuraremos interligar os pequenos fragmentos e pistas que nos permitam avançar na compreensão da nossa pesquisa, tentando, nesse exercício analítico, estabelecer conexões e encontrar facetas mais homogêneas. Primeiramente, vamos justapor a questão da importância da cultura para o ser humano. Nas teorias de Eagleton, Geertz e Laraia percebe-se que o homem necessita da cultura para a sua subsistência. Geertz, Eagleton e Bauman explicam que os recursos culturais são comumente regras, que moldam determinados indivíduos e comunidades. Concomitantemente Certeau, Geertz e Eagleton perpassam a idéia da cultura como significância, os três autores confluem

prepositivos preconizando cultura como uma estrutura social que dá significado a nossa existência.

Laraia propõe que a cultura não é estática, mas sim dinâmica e está em constante mutação, uma visão compartilhada também por Bauman. Estas mudanças culturais podem ser advindas do contato com outras culturas, onde acontece a hibridização cultural, opinião ressaltada por Eagleton sobre culturas híbridas que afirma que nenhuma cultura é totalmente estática e pura, mas todas, ou quase todas, possuem alguma interface com outras culturas.

Assim como Geertz, Bauman também vê a cultura como uma padronização de comportamentos, que procura homogeneizar as pessoas que pertencem a determinadas sociedades-culturas.

Os cinco autores discutidos neste capítulo trazem contribuições diversas sobre o conceito de cultura, alguns pensamentos confluem pela similaridade enquanto outros totalmente distintos contribuem para a compreensão de que o conceito de cultura, assim como todos os conceitos afetos à vida humana, está em construção. Parafraseando Bauman (2012), a cultura é um esforço perpétuo onde criatividade e dependência são os elementos indispensáveis da existência humana, pois não apenas são condicionados, mas sustentam-se mutuamente, não havendo como transcendê-la; para ele, a cultura está destinada a uma eterna continuidade. Assim como o homem está fadado a explorar, a sentir-se insatisfeito com seu mundo, a destruir e a criar.

Porém, optamos por capturar as opiniões que mais nos permitiram entender cultura e que contribuem de maneira mais significativa para a efetivação da pesquisa. As concepções escolhidas estão demonstradas no quadro 1.

Quadro1: Concepções do conceito de cultura

Autores	Concepções
Michel de Certeau	A imagem, a percepção ou a compreensão do mundo próprio a um meio (rural, urbano, nativo etc.) ou a uma época (medieval, contemporânea, etc.): Weltanschauung de Max Weber, Unit Idea de A.O.Lovejoy, etc. Essa concepção que atribui a “ideias” tácitas o papel de organizar a experiência aproxima-se talvez da estética social de Malraux, substituta das visões de mundo religiosas ou filosóficas.
	Comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadro e referência e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferente das outras. Desde E.B.Tylor (<i>Primitive culture</i> , 1871), este se tornou um conceito-chave em antropologia cultural (cf. os patterns of culture). Há todo um leque de posições segundo se privilegiem as práticas e os comportamentos ou as ideologias e os mitos.
Terry Eagleton	Cultura como diferencial, no qual propicia uma diferenciação das distintas sociedades;
	A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último.
Roque de Barros Laraia	Nascemos com certas habilidades e adquirimos outras de acordo com o meio que vivemos. Essa dinâmica de aquisição de saberes e práticas é acumulativa;
	As mutações culturais são provenientes de fatores externos ou internos. As mudanças endógenas são consequências do próprio caráter de não estancamento da cultura e geralmente facultam alterações mais lentas. Já a transformação exógena é derivada de conotações com outras culturas, essa modificação é mais rápida e implacável.

Quadro 1 – Continua

Clifford James Geertz	O ser humano é um animal preso a uma teia com distintos significados que ele mesmo construiu, assumindo a questão cultural como sendo essas teias e suas análises; definindo então cultura como uma ciência interpretativa em busca de significados;
	A cultura é melhor vista não como complexos padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções (que os engenheiros de computação chamam "programas" — para governar o comportamento.
Zygmunt Bauman	Cultura possui ao mesmo tempo um caráter conservacionista e mutável. Seu lado conservador preserva e se apresenta como ferramenta da perpetuidade, seu lado mutável representa o novo e a criatividade;
	A cultura humana é um sistema de significação e uma de suas funções universalmente admitidas é ordenar o ambiente humano e padronizar as relações entre os homens.

Fonte: Bauman (2012), Geertz (2008), Laraia (2009), Certeau (2008), Eagleton (2005)
Organização: Oliveira (2014);

Todas estas concepções expostas no quadro 1 compõem a nossa base teórica que nos ajudará a identificar e entender os aspectos culturais que influenciam a adoção da prática agroecológica. Contudo, de que maneira identificaremos os aspectos culturais que interagem com a agroecologia? Em nossa concepção, as informações que necessitamos para identificar e entender esta ligação entre cultura e agroecologia, está, em grande parte, “presa” a “estruturas” humanas, ou seja, é através dos praticantes de agroecologia, os agricultores, que teremos acesso a percepções sobre o “mundo” agroecológico; é com estes atores que conseguiremos as informações mais valiosas para a pesquisa.

Contudo, para a construção da metodologia da pesquisa, a definição de cultura na sociologia e na antropologia, embora seja essencial para a compreensão dos objetivos da pesquisa, não é suficiente para obtermos uma metodologia eficaz. É necessário tornar o conceito operacional, ou seja, acessar como os atores envolvidos no processo de tomada de decisão entre adotar ou não adotar

agroecologia bem como manter ou não essa prática, dialogam, constroem, decidem e compreendem suas ações. Em síntese como constroem suas visões de mundo.

Entendemos que para termos acesso às visões de mundo dos agricultores agroecológicos, em outras palavras, para conseguirmos capturar as percepções, visões, ideologias, crenças e opiniões destes agricultores, é necessário um método complexo e bem estruturado. Acreditamos que Karl Mannheim e seu Método Documentário nos permitirão capturar as visões de mundo dos agricultores. Explicaremos suas bases teóricas a seguir.

1.8 KARL MANNHEIM E O MÉTODO DOCUMENTÁRIO

Karl Mannheim nasceu na Hungria em 1893, seu pai era judeu-húngaro e sua mãe judia-alemã. Iniciou seus estudos de filosofia em Budapeste participando de um grupo de estudos coordenado por Georg Lúkacs, estudou também em Paris e Berlin, e teve aulas com Alfred Weber, irmão de Max Weber.

As preocupações teórico-metodológicas de Karl Mannheim estão estratificadas em três fases, feitas em países diferentes, com conteúdos diferentes que refletem a preocupação do autor em compreender as intensas modificações da estrutura social por que passava a sociedade ocidental do início do século XX. Uma das três obras contém temáticas filosóficas e literárias feitas na Hungria, outra, escrita na Alemanha, está relacionada a temas sociológicos filosóficos, e a terceira pauta-se em análises político-pedagógicas. Para um melhor entendimento do método de análise documentário de Mannheim, optamos por utilizar alguns autores que também trabalham, ou trabalharam, com este método, a destacar: Weller (2005) Weller *et al* (2002) e Alves (2008).⁵

Segundo Weller (2005), Mannheim propõe uma metodologia que visa o entendimento das visões de mundo de determinado grupo e atores sociais. Visão de mundo é definida como o produto de “uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura, que por sua vez constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos” (MANNHEIM, 1980 *apud* WELLER, 2005). As visões de mundo são formadas a partir de saberes práticos, ou seja, de conhecimentos ateóricos. Neste aspecto é importante não confundir visões

⁵ Outro motivo que nos levou a trabalhar com estas fontes secundárias, foi a pouca disponibilidade das obras de Karl Mannheim em línguas portuguesa e inglesa.

de mundo com imagens de mundo, pois imagens de mundo são formatadas a partir de pensamentos teóricos (MANNHEIM, 1952).

Para uma total compreensão das visões de mundo de atores e grupos, é preciso que o conhecimento ateórico seja transformado em conhecimento teórico, uma função que deve ser exercida pelo pesquisador, pois segundo Weller (2005), será muito difícil para o material humano pesquisado realizar esta tarefa. Estes conhecimentos devem ser abarcados e transformados para possuírem uma faceta teórica. Para Mannheim, não se deve perguntar o que é uma realidade social, mas sim, como ou de que forma é produzida essa realidade social. Em outras palavras, Mannheim substitui a pergunta “o que” para a pergunta “como” ou “de que forma.”

A problemática da visão de mundo ser ou não entendida em um dado momento histórico leva Mannheim a se interrogar sobre a possibilidade de estabelecer a visão de mundo de modo científico e objetivo. Essa questão foi deixada de lado devido à especialização do conhecimento e sua divisão em “caixinhas”. Contudo, matérias como história e cultura começam a exigir um estudo de faceta mais holística. Este estudo de caráter mais sinóptico começa a ganhar ênfase devido, principalmente, aos momentos que as disciplinas específicas não dão conta de uma elucidação completa de seu objeto de pesquisa sem recorrer a totalidade no qual o mesmo pertence, e, com isso, é despertado o interesse pela visão de mundo. Vale ressaltar que neste processo holístico se inicia uma valorização do historicismo e a integração conjunta de ideais e crenças sendo estudadas como um todo e não de maneira isolada (MANNHEIM, 1952).

Mannheim destaca que as interpretações da realidade eram realizadas acriticamente de modo apressado integrando metodologias e distintas óticas divergentes. Assim, estas análises geraram um procedimento de dupla especialização, primeiramente disciplinas como ciência, arte e religião foram separadas e estudadas isoladamente, e, num segundo estágio, as matérias isoladas foram submetidas a um procedimento de abstração realizado através de distintas perspectivas teóricas. Este processo, que é muito usado nas ciências naturais, demonstrou ser produtivo nos domínios da cultura e da história, permitindo a estruturação de diversos conceitos bem como também a formulação de várias questões (MANNHEIM, 1952). Porém, neste requisito Mannheim ressalta que as pesquisas nas ciências humanas são distintas das ciências naturais. Segundo Alves (2008):

Mannheim adverte que o campo das ciências humanas difere essencialmente das ciências naturais, por se constituírem de objetos, cuja experiência se comporta de forma diversa do mundo natural. Ou seja, estas ciências compreendem visões, opiniões e uma série de interações distintas dos modelos lógico formais das ciências naturais (p.52).

A preocupação de Mannheim se pauta na consideração do produto cultural como um todo, e não de produtos estratificados e estudados isoladamente, em outras palavras, a manifestação cultural deve ser entendida em sua totalidade (MANNHEIM, 1952).

No pensamento de Mannheim existe o conhecimento teórico e o conhecimento *ateórico*. O autor enfatiza que as visões de mundo são formadas a partir destas duas bases:

A visão de mundo, entretanto, não está propriamente localizada em nenhum destes campos – nem no teórico nem em outro campo – mas praticamente em todos eles; por esta exata razão, não é totalmente compreendida [ou apreendida – *erfassbar*] dentro de qualquer um deles. A unidade e a totalidade do conceito de visão de mundo nos desafia a compreender que devemos ir não somente além da teoria, mas além de qualquer objetivação cultural (MANNHEIM, 1980 *apud* WELLER, *et al*, 2002).

Cabe destacar que na visão de Mannheim nossas ações cotidianas sendo tanto teóricas como *ateóricas* não são descabidas de sentido, em outras palavras, as experiências e vivências tanto práticas como teóricas (estéticas e religiosas, por exemplo) não são desprovidas de formas e cabe ao pesquisador uma reflexão acerca destes conhecimentos e tornar o mesmo objeto de análise científica (MANNHEIM, 1952).

Todavia, para estes saberes se tornarem conhecimentos teóricos é necessário um procedimento que Mannheim chama de método de análise documentário. Neste processo de interpretação existem três níveis a serem considerados:

- a) um nível *objetivo* ou *imane*nte, dado naturalmente (por exemplo: num gesto, num símbolo ou ainda na forma de uma obra de arte);
- b) um nível *expressivo*, que é transmitido através das palavras ou das ações (por exemplo: como expressão *de* ou como reação *a* algo);

c) nível *documentário*, ou seja, como documento de uma ação prática (MANNHEIM, 1952).

Para Mannheim, para se ter uma total compreensão de um produto cultural não basta apenas olharmos o seu nível imanente, pois ao contrário de um objeto natural, que apenas ao olharmos já identificamos aquilo que o caracteriza, no objeto cultural deve ser utilizado os três níveis de sentido para obter um total entendimento do mesmo. Estes diferentes níveis de interpretação perpassam não somente as ações culturais mais comumente perceptivas, como a arte e a religião, mas estão implícitos em ações cotidianas das pessoas na sociedade. Para melhor compreendermos esta ideia, Alves (2008) confirma o pensamento de Mannheim:

A interpretação não deve permanecer no nível da análise da superfície dos fatos em si constituídos (imanente) nem na interpretação ou autoimagem que os indivíduos têm dos seus atos (sentido expressivo). Enfim, deve-se avançar para construir, a partir destes dois elementos, a análise teórica dos fatos (documentário). O documento é visto como um processo de interpretação para uma avaliação sinóptica da situação estudada, abrangendo a totalidade das manifestações espirituais (ALVES, 2008, p. 56).

Vale lembrar que o sentido expressivo e o sentido objetivo não devem ser excluídos da metodologia, porém são etapas que devem ser seguidas para se chegar ao nível documentário (MANNHEIM, 1952).

Mannheim utiliza duas justificativas para se usar o método documentário. Primeiramente ele enfatiza a importância do pesquisador valorizar as ações cotidianas através do modelo documentário, que é uma tarefa difícil. Estas experiências fazem parte da dimensão social que se encontram no nível ateórico, mas não devem ser negligenciadas, pois fazem parte de uma estrutura social e de um período histórico que se forem deixadas de lado terá por resultado um conhecimento parcial dos produtos culturais. A segunda justificativa se pauta na formulação de conceitos que perpassam distintas temporalidades, porém Mannheim alerta que se deve tomar muito cuidado com esta etapa, uma vez que a formatação destes conceitos acontece de forma derivativa e não acumulativa. Este arcabouço conceitual se faz necessário devido às ações e vivências desproporcionadas de nomeação (MANNHEIM, 1952).

É importante destacar dois procedimentos explicitados por Mannheim: 1) transformar em documento aquilo que é ateórico; 2) o sistema de conceitos não se

processa separadamente. Mannheim percorre um caminho de integração que procura interagir entre a empiria e a teoria. Esta forma dialética propicia uma mediação de valores entre experiências e teorias, assim para cada ação prática, conceitos são criados para mediar a interpretação de cada experiência. Outro aspecto que deve ser retratado é a verificabilidade da teorização. Para isso, deve-se seguir dois procedimentos: 1) confirmação empírica no material histórico; 2) estabelecer ligações conectando vários fenômenos documentários. Estes dois processos são uma forma de garantir que este domínio de conhecimento seja racional (MANNHEIM, 1952).

Com relação a como foram realizadas as entrevistas, ou seja, a parte prática da pesquisa; também seguimos as diretrizes ditadas pelo método documentário. Em um primeiro momento, não se deve realizar a pesquisa com perguntas “prontas”, em outras palavras, as perguntas são formatadas de acordo com o rumo da entrevista. Perguntas envolvendo a palavra “por que” foram substituídas por perguntas usando palavras “como”, “de que forma”, “de acordo com a sua visão” entre outras. Vale enfatizar que não cabe ao pesquisador identificar se as falas dos atores são verdade ou não; de acordo com o método documentário, o papel do pesquisador é procurar compreender como é constituída a visão de mundo do ator pesquisado. Outro ponto interessante é que o entrevistador deve interromper o mínimo possível as entrevistas, e fazer com que o entrevistado fale o máximo possível. A formulação de novas perguntas deve ser feita apenas quando o entrevistado parar de falar⁶, ou se o mesmo inicia um assunto que não é de interesse do pesquisador.

Durante a transcrição das entrevistas é utilizado um conjunto de símbolos que permite ter uma melhor interpretação do documento ao término da transcrição do relato. Após o término da transcrição da entrevista, são realizadas mais duas etapas. A segunda etapa (a primeira etapa é a transcrição da entrevista gravada para um documento) a entrevista será dividida em temas e subtemas; é importante destacar que estes temas e subtemas são dados pelo entrevistado, nesta etapa da entrevista a função do pesquisador é apenas dividir as informações dadas pelo ator pesquisado. E na terceira e última etapa, o pesquisador irá escolher os temas e

⁶ Para uma entrevista de maior qualidade, é interessante também o pesquisador não formular uma pergunta logo após a pausa do entrevistado, mas esperar um tempo (uns cinco segundos) pois o entrevistado pode voltar a falar por conta própria, sem ser necessário assim a formulação de uma nova pergunta.

subtemas do seu interesse, e neste momento tentará entender as percepções dos atores pesquisados, e também poderá realizar reflexões sobre os assuntos.

Weller *et al* (2002) enfatiza que para Mannheim não existe conhecimento irracional, apenas saberes atóricos que ainda não foram transmitidos para o campo da teoria. Um exemplo de como Mannheim nos ajudou, é quando o produtor **Am** explica algumas técnicas praticadas em sua propriedade, isso é um conhecimento atórico que o método documentário propiciou trazer para o campo da teoria.

Esta metodologia nos possibilitou ter acesso aos aspectos culturais implícitos nos indivíduos permitindo assim uma análise aprofundada e fiel dos produtos culturais presentes nos agricultores. Mas além de obtermos os aspectos culturais inseridos nos atores, ou seja, suas visões de mundo, é imprescindível que identifiquemos também os aspectos culturais “externos” que permeiam o contexto social em que os indivíduos estão conectados. Para isso a teoria ator-rede de Bruno Latour e Michel Callon nos propiciará estas bases, pois após compreendermos as redes nas quais os agricultores estão inseridos, conseguiremos formatar uma rede de aspectos culturais que influenciam a agroecologia. Neste sentido, a Teoria Ator-Rede, em consonância com os vários significados de cultura, propiciará uma base teórica forte para a compreensão da complexidade de nosso estudo.

1.9 MICHEL CALLON E BRUNO LATOUR: TEORIA ATOR-REDE - TAR

A Teoria Ator-Rede - TAR foi criada pelo engenheiro Michel Callon e pelo sociólogo Bruno Latour na década de 1980. Callon atualmente é professor na École de Mines de Paris e Latour leciona no Instituto de Estudos Políticos de Paris. Outro autor que também trabalha com a teoria ator-rede é John Law, usaremos algumas de suas obras também.

Antes de uma explicação da teoria, definiremos os conceitos de ator e redes. Para os criadores da teoria ator-rede, o conceito de ator representa uma gama de elementos distintos, animados ou inanimados, sociais ou naturais, ou seja, um ator pode ser uma entidade individual e coletiva, e não está delimitado apenas a humanos, um ator pode representar também, materiais não humanos (CALLON, 1995). Outro conceito a ser utilizado é o conceito de redes. Segundo Latour:

A palavra rede indica que os recursos estão concentrados em poucos locais - nas laçadas e nos nós - interligados - fios e malhas. Essas conexões transformam os recursos esparsos numa teia que parece se estender por toda parte (LATOURE, 2000.p.294).

Definidos estes dois conceitos, focaremos na explicação da teoria ator-rede.

A teoria ator-rede aglutina elementos humanos e não humanos. Esta característica da teoria pauta-se pelas diversas ligações entre distintos atores no qual a TAR (teoria ator-rede) possibilita identificar. A teoria é estruturada por elementos heterogêneos. A teoria ator-rede expõe os diversos elementos da rede, bem como também suas conexões e interações (CALLON, 1995).

Outra característica da TAR, é que a teoria não vê os atores da rede como superiores ou inferiores, mais poderosos ou menos poderosos. Para a TAR, os atores da rede devem ser analisados de maneira sociológica e de forma igualitária (LAW, 1992). Essa ideia abordada por Law (1992) é importante para nossa pesquisa, pois algumas instituições como o Centro de Apoio ao Pequeno Produtor (CAPA) e a própria associação de agricultores, não serão vistos de maneira “especial”, mais serão estudados de acordo com os pressupostos da TAR, ou seja, como atores “normais” na rede heterogênea.

Para melhor compreendermos a TAR, destacaremos um estudo realizado por Law (1989) em sua obra *O Laboratório e suas Redes*. Neste estudo, Law explica as redes nas quais um laboratório de pesquisa científica está inserido. Law evidencia que as atividades realizadas no laboratório não são puramente, nem principalmente, cerebrais. Além das atividades normais de um laboratório (testes químicos, experiência com ratos, entre outros), Rose, a pesquisadora líder da equipe deste laboratório, exerce várias funções que vão desde participar de eventos no exterior para conseguir recursos para seu laboratório, até negociações e aquisições de produtos para serem realizadas as pesquisas. Suas funções são tantas, que Law a chama de cientista-empresário, e seu trabalho, e as redes construídas pelo mesmo, não se limitam somente ao laboratório, tendo assim, conexões com diversos atores. Podemos fazer uma ligação deste exemplo explicitado por Law com nosso objeto de pesquisa. Os agricultores familiares pesquisados também possuem conexões extra propriedade, desde ligações com o mercado até projetos do governo federal. Neste sentido, o agricultor deve exercer várias funções, não apenas produzir, mais sim, negociar, administrar e vender entre outros. Podemos até designar este agricultor

como agricultor-administrador, devido às várias funções que exerce em sua propriedade. Este aspecto é constatado por **Jf** e **Em**, no qual ambos entendem que suas propriedades são “empresas familiares”. A TAR nos ajudou neste aspecto, que é identificar os atores e redes em que os agricultores pesquisados estão inseridos.

Todavia, após este exemplo destacado, também se tem a percepção da hibridização tanto do agricultor como do meio rural. O conceito de híbridos é outro termo importante da teoria ator-rede. A respeito dos híbridos, Latour em sua obra *Jamais Fomos Modernos* ressalta que estamos inseridos em uma sociedade que possui uma dificuldade em classificar diversos acontecimentos distintos:

Mas como classificar o buraco da camada de ozônio, o aquecimento global do planeta? Onde colocar estes híbridos? Eles são humanos? Sim, humanos, pois são nossa obra. São naturais? Sim, naturais porque não foram feitos por nós. São locais ou globais? Os dois. As massas humanas que as virtudes e os vícios da medicina e da economia multiplicaram também não são fáceis de mapear. Em que mundo abrigar estas multidões?(LATOUR, 1994, p.54).

Com isso Latour enfatiza que ele e seus colegas que estudam estes vários acontecimentos híbridos também são em certo sentido híbridos. Assim Latour define híbridos como um produto composto de elementos heterogêneos sendo humanos e não humanos.

O conceito de híbridos proposto por Latour terá grande importância para o desenvolvimento do trabalho, pois a cultura rural é permeada e constituída de diversos elementos diferentes, resultando assim não em uma cultura rural “pura”, mas em uma cultura rural híbrida. Um exemplo disso são os vários agricultores convencionais que possuem parceiras com grandes empresas, estes agricultores possuem poucos hábitos de seus antepassados, muitos deles, devido à modernização dos meios de produção, nem usam mais a enxada, uma ferramenta característica do campo. Outro exemplo são os próprios agricultores agroecológicos, muitos destes produtores não possuem uma propriedade na qual se pratica totalmente a agroecologia, pois praticam também algumas atividades de caráter convencional. Estes dois exemplos deixam claro o hibridismo no meio rural.

Latour (1994) destaca que os híbridos são criados através do processo de tradução. Law (1992) por sua vez, elucida que “tradução” é um verbo que implica em transformação. Nas palavras de Law:

Assim “tradução” é um verbo que implica transformação e a possibilidade de equivalência, a possibilidade que uma coisa (por exemplo, um ator) possa representar outra (por exemplo, uma rede) (LAW, 1992, p. 386).

Para entendermos melhor o processo de tradução, utilizaremos Callon (1986). Na visão de Callon (1986) o processo de tradução acontece em quatro momentos:

- 1) A problematização: Neste procedimento ocorre o levantamento de assuntos problemáticos por determinado ator e simultaneamente o mesmo ator propunha algumas soluções. Deste modo este ator se autodenomina um marco importante na rede no qual todos os demais atores terão que passar. A problematização possui uma faceta dinâmica: movimentos e desvios devem ser realizados para ganhar confiança dos demais atores, convencer os demais que este ator em específico possui a verdade e soluções, delimitar e estabelecer os pontos de passagens que os outros atores (os que foram convencidos) devem se movimentar, e por último se tornar uma peça fundamental para o quebra-cabeça montado por este mesmo ator principal.
- 2) Atração de interesse: São ações efetivadas pelo ator principal para tentar estabilizar as identidades dos outros atores colocando-os em posições definidas ou quase definidas. O ator central busca a materialização de suas alianças e a eliminação de disputas na rede. Se o interessamento der certo, confirma de certo modo a validade da problematização.
- 3) Matrícula ou alistamento: No alistamento as funções designadas nos processos anteriores devem ser cumpridas, ou pelo menos o ator principal tentará fazer com que elas sejam obedecidas. Neste procedimento um jogo de forças e negociações se inicia, para que o interessamento possa ter êxito.
- 4) Mobilização: Aqui o ator central procura indivíduos que possam ser porta-vozes fiéis, ou seja, que repliquem corretamente o discurso estabelecido pelo ator central. Neste momento são poucos atores falando ou representando muitos. Desta forma os discursos feitos pelos porta-vozes mobilizam atores que antes eram estagnados, e propicia ao ator principal a formatação de uma rede mais homogênea e, conseqüentemente, mais controlável.

Estas são as quatro etapas do conceito de tradução elucidadas por Callon (1986), porém o mesmo autor ressalta:

Ao término dos quatro momentos descritos, uma constrangedora rede de relações foi construída. Mas este consenso e estas alianças podem ser contestados a qualquer momento. Tradução se transforma em traição (CALLON, 1986).

“Tradução é um processo antes de ser um resultado”, essas são as palavras de Callon (1986) sobre a tradução. Ressalta ainda que, para acontecer uma falha neste processo, e esta falha é denominada pelo autor de traição, basta apenas um pequeno erro, pois a realidade e os diferentes contextos sociais e naturais nela inseridos são de alta complexidade dificultando assim concretização eficaz da tradução. Finalizamos a explicação do conceito de tradução com o pensamento de Callon (1986):

Tradução é o mecanismo pelo qual os mundos sociais e naturais progressivamente tomam forma. O resultado é uma situação na qual certas entidades controlam outras. Geralmente entendendo que sociólogos chamam de relações de poder para descrever o modo no qual os atores estão definidos, associados e simultaneamente obrigados permanecer fiéis às suas alianças. O repertório de tradução não só é projetado para dar uma descrição simétrica e tolerante de um processo complexo que constantemente mescla uma variedade de entidades sociais e naturais. Também permite uma explicação de como alguns obtêm o direito de expressar e representar outros muitos atores silenciosos dos mundos sociais e naturais que eles mobilizaram (CALLON, 1986).

Para finalizarmos a análise metodológica da Teoria Ator-Rede, ressaltaremos o pensamento de Law (1992), segundo este, a TAR não vê pessoas como atores centrais na rede, pessoas não são especiais, para a teoria não há diferença entre pessoas e objetos, pois o social é consequência de uma rede heterogênea composta por materiais humanos e não humanos, em outras palavras, o social é uma consequência das ligações entre pessoas e objetos. Law afirma que até o conhecimento é produto gerado através das redes híbridas, ou seja, o conhecimento é gerado através da interação entre humanos e não humanos.

Esta teoria em “parceria” com os diversos conceitos de cultura expostos anteriormente, nos possibilita a construção de uma rede que propicia a identificação

dos aspectos culturais bem como os processos de traduções que ocorrem com alguns. A noção de híbridos permitiu entendermos os distintos aspectos culturais no meio rural.

Após entendermos as redes socioculturais dos atores de nossa pesquisa, temos a percepção que nestas redes, conflitos e negociações são gerados a partir do contato entre diferentes visões de mundo e também de distintos atores. Nesse processo os atores operacionalizam seus conhecimentos, visões de mundo, modos de vida e um sem número de interpretações sobre os processos sociais e produtivos em que estão envolvidos e, nessa dinâmica, podem entrar em conflito ou construir novos acordos e arranjos institucionais. Para entendermos estes conflitos que se apresentam nas redes, acreditamos que Norman Long e a Teoria Ator-Orientado nos permitem entender estas divergências, sobretudo na operacionalização dos conceitos de Campos de Batalha do conhecimento e interface. Vale ressaltar que, baseando-se na concepção de Certeau (2008) comportamentos sociais são cultura, e essas negociações e conflitos são comportamentos sociais. A seguir, abordaremos a teoria de Long.

1.10 NORMAN LONG E A TEORIA ATOR-ORIENTADO

Norman Long cresceu em Surrey, Reino Unido. Seu início de carreira foi em universidades no Reino Unido. Obteve o título de doutor em Antropologia Social, com pesquisas realizadas na Zâmbia, em 1967. Em nossa pesquisa, utilizaremos a Teoria Ator-Orientado formatada por Long. Como base inicial para a operacionalização desta teoria, utilizaremos Alves (2008) bem como textos de Long.

A teoria ator-orientado visa um entendimento dos conflitos existentes em projetos implementados no meio rural, bem como as mutações sociais que ocorrem advindas dos mesmos. Long enfatiza que nestes programas de desenvolvimento rural, diferentes agentes entram em conflito no que ele chama de “campos de batalha do conhecimento” (LONG, 2002). Devido à importância que a agroecologia vem ganhando nos debates no meio rural e acadêmico, e ao fato dela estar inserida nestes processos de desenvolvimento rural, gerando conflitos entre técnicos e acadêmicos (atores externos) com os agricultores (atores internos), principalmente no requisito de divergências de conhecimentos, ou seja, o produtor já possui seus

saberes práticos que algumas vezes podem entrar em conflito com os conhecimentos técnicos e científicos dos agentes externos.

Neste processo de implementação da agroecologia, formam-se pequenas arenas sociais que estão sujeitas a procedimentos ambíguos e sem continuidade. Tentando entender esta dimensão, Long propõe o conceito “campos de batalha do conhecimento” que irá gerar a premissa de arenas de disputa nas quais distintos personagens constituídos de diferentes experiências, interesses e valores são confrontados uns com os outros. Nestas arenas estão inseridas também universidades, ONGs, órgãos do governo que incrementam os debates. Estes campos não se restringem somente ao local e podem fazer parte de projetos maiores que tentam abarcar um grande número de atores sociais; um exemplo disso na agroecologia é o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

As arenas, segundo Long, são constituídas por uma base social complexa, divergentes e contém distintas formas, em outras palavras, é uma abordagem que identifica as várias existências sociais, implicando um conceito de conhecimento formado por múltiplos elementos sociais, culturais, institucionais e situacionais. Long propicia um conceito de conhecimento que propõe uma investigação aprofundada, implicando a maneira de como são formados e colonizados pelas relações sociais os diversos tipos de conhecimentos. Desta maneira, poderá ter-se a percepção do quanto os saberes foram influenciados por conhecimentos e ideias de dimensão macrossociais. Esta ideia proposta por Long será de grande ajuda na pesquisa, uma vez que conceitos como agroecologia e desenvolvimento sustentável foram termos incorporados pelos agricultores, mas não são derivados do seu saber popular. Segundo Long (2002), a teoria contém alguns conceitos importantes, a destacar:

1- Heterogeneidade: a vida como um todo possui uma grande complexidade e é formada de diversos elementos (culturais e sociais) distintos entre si. Estas distinções devem ser analisadas delineando o modo como são criadas, reformuladas, replicadas e concretizadas.

2- Agência: Esta visão implica em analisar a competência dos autores de processarem suas experiências aprendendo com o conhecimento empírico de outros autores. A agência propicia aprender de acordo com um molde prático, que o fazer e o querer fazer são despertados. Isso também implica a colocação de finalidades e significância além de habilidade para liderar e ordenar diferentes hábitos e articular

diversos recursos dentro da rede. Aqui podemos fazer uma ligação com a ciência agroecológica, uma vez que a mesma se fortifica de saberes práticos, e exige por parte do produtor uma constante renovação de técnicas, quando principalmente se constata o surgimento de pragas e doenças nos sistemas agroecológicos.

3- Ação Social: esta atividade se materializa nas teias de relações, geralmente englobando objetos humanos e não-humanos. Estas ações são construídas permeando hábitos e costumes organizativos sendo restringidos por convenções sociais e vínculos de poder. Porém, Alves (2008) chama a atenção para o alerta de Long, que a ação social é resultado de um conjunto de circunstâncias específicas, e que se deve propiciar um exame minucioso nos aspectos particulares e específicos nas arenas de ação social.

4- Cultura e significados: os valores, hábitos, costumes e leituras de mundo não são apenas culturalmente estruturados, são aplicados de diversas maneiras e possuem um caráter mutável, ou seja, são renovados e remodelados de acordo com o contexto no qual estão inseridos, criando assim novos segmentos culturais. Neste aspecto podemos construir uma ponte teórica com a agroecologia, pois muitos hábitos culturais são mantidos na ciência agroecológica, contudo novos padrões surgem de acordo com as necessidades de cada agricultor.

5- Escalas: Neste aspecto as microescalas podem ter conexões com as chamadas macroescalas, com isso esta teoria procura explicar, nas palavras de Alves (2008), “os conjuntos precisos de interligação de relações, projetos, práticas sociais dos atores que interpenetram espaços simbólicos, geográficos e sociais” (p.42).

6- Interface social: Para analisar as inter-relações é de grande utilidade o conceito de interface social. Este termo propicia compreender como as ambiguidades que aparecem devido a diferentes interesses sociais, aspectos culturais, saberes e poderes são debatidos, eternizados e mudados em momentos tensos de conflitos ou de articulações.

7- Contornos sociais: Descrever os inúmeros elementos existentes em programas e comunidades procurando atingir e explicar sua gênese. É preciso entender como estas formações foram construídas sob determinadas arenas específicas relativo às representações passadas (LONG, 2002).

Com isso Long explicita os segmentos de sua metodologia para a compreensão dos “campos de batalha do conhecimento” (LONG, 2002).

O conceito de interface social, ressaltado por Long, será útil na elaboração da dissertação. Para o autor, a interface possibilita um entendimento de como os vários embates relativos aos processos de intervenção são estruturados. A interface se concretiza nos meios em que distintos aspectos sociais se chocam suscitando um campo em que perspectivas conflitantes ou não, disputam a hegemonia de sua própria ótica. Com este conceito pode-se identificar as diversas fontes sociais, segmentos culturais, modo de vida e moldes organizacionais implícitos nos campos de batalha (LONG, 2002).

Desta maneira, a probabilidade de uma análise mais fiel aos acontecimentos e mutações ocorridas nos atores locais durante projetos de intervenção será maior, e também possibilitará identificar de que modo estas divergências influenciaram na execução dos projetos. Entretanto, segundo Alves (2008), Long enfatiza que a interface social deve ser contemplada com cuidado:

Embora a palavra “interface” tenda a carregar a imagem de uma articulação bi-lateral (*two-sided*) ou de confrontação face a face, as situações de interface sociais são mais complexas e múltiplas em sua natureza, contendo dentro delas muitos interesses diferentes, relações, modos de racionalidade e poder. Durante a análise em que se foca os pontos de confrontação e diferenças sociais, estes devem estar conectados e situados em uma análise institucional e de domínios mais amplos de conhecimento/poder. Além disso, requer uma metodologia que equilibre as vozes, experiências e práticas de todos os atores sociais pertinentes envolvidas, inclusive a experimentação empírica em “curvas de aprendizagem” dos profissionais de política pública e pesquisadores (LONG, 2002, p. 6,7 *apud* ALVES, 2008, p.46).

Long enfatiza seis diferentes elementos para a interpretação de interface:

- 1-As interações estabelecidas entre os atores, que dividem limites e expectativas tem como resultado, depois de certo tempo, a organização de uma entidade que será composta de intenções estruturadas em redes estratégicas entre os indivíduos.
- 2- Interface é uma arena de faceta conflituosa, mas também de negociação. Os personagens ali inseridos possuem diferentes ideologias e pertencem a distintos grupos gerando um local de conflito mesmo, às vezes, tendo interesses em comum.
- 3- Interface como uma arena de divergências culturais, que possibilita identificar os moldes culturais nos quais os atores estão incluídos. A interface permite que os

atores envolvidos exponham suas opiniões pessoais e posições políticas e desta maneira a cultura implícita no agente é fortemente expressada.

4- Neste aspecto a interface procura entender como o conhecimento é produzido e construído cognitivamente e socialmente. É importante delinear os diversos tipos de conhecimento, pois para Long o conhecimento está interligado com as mais diversas situações, relações de poder, posições sociais, entre outros.

5- A noção de poder como um produto de conflitos entre estratégias. O poder não é incorporado e utilizado sem alterações; ele é um resultado de conflituosas negociações sociais que estão em contínua movimentação sendo objeto de negociações e construções.

6- Como se dá o procedimento discursivo dos atores, ou seja, os discursos realizados são aceitos ou recusados, confirmados ou desafiados. Observando os diferentes discursos tem-se a percepção das diferentes óticas culturais, políticas e religiosas. Estes discursos têm o poder de derrubar ou reforçar as propostas de desenvolvimento rural.

O conceito de *Campos de batalha do conhecimento* proposto por Norman Long nos auxiliará a identificarmos e esclarecermos os conflitos, negociações e mudanças que ocorrem em projetos de agroecologia; em outras palavras, a arena de conflito gerada na implementação ou perpetuação da agroecologia. Nesta perspectiva, a teoria permite compreendermos os “conflitos culturais” existentes nas redes em que os agricultores estão inseridos. Em um primeiro momento, nota-se um “conflito teórico” na própria concepção de agroecologia, pois os agricultores agroecológicos pesquisados não entendem que praticam agroecologia, mas que praticam agricultura orgânica, como foi constatado nos produtores **Em**, **Bm**, **Am** e **Jf**. Evidencia-se, neste sentido, a contribuição da teoria ator-orientado para a pesquisa.

A seguir, retratamos as contribuições dos autores e teorias discutidas neste capítulo.

1.11 A CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES PARA O ENTENDIMENTO DA INFLUÊNCIA CULTURAL NA AGRICULTURA AGROECOLÓGICA

O meio rural, na atualidade, é permeado por características distintas e atividades. Portanto, a cultura rural é constituída de diferentes facetas, ou seja, é uma cultura híbrida. Para conseguirmos realizar um bom estudo desta complexidade

que está instalada no meio rural, decidimos optar pela utilização de alguns autores, que nos ajudarão na realização da pesquisa.

Em um primeiro momento, discutimos o conceito de cultura sob a ótica de cinco autores. Suas concepções são muitas vezes díspares e ao mesmo tempo similares; essa variedade de opiniões nos permitiu entender melhor a cultura que permeia o ambiente rural, pois o conceito de cultura possui vários significados, englobando comportamentos sociais, visões de mundo, ideologias, hábitos entre outros. Devido a essa diversidade de significados, achamos necessário trabalhar também com distintas visões do conceito. Nosso estudo é composto por uma realidade complexa, e, para melhor compreendê-la, achamos necessário trazer mais três autores para trabalhar a temática cultural.

Primeiramente, Karl Mannheim e o seu método documentário possibilitaram ter acesso às visões de mundo dos atores. Esta teoria identificou os aspectos culturais implícitos nos agricultores, em outras palavras, tivemos acesso aos hábitos, saberes e crenças dos agricultores. Mas não apenas isso, Mannheim também permitiu capturarmos informações valiosas sobre “o mundo agroecológico”.

Em seguida, foi necessário entender as redes que os produtores estão conectados, pois as redes formatam o social e o social também é produto cultural, com isso é necessário trabalhar a TAR em parceria com as concepções culturais. Outro aspecto importante, é que foi através das redes que identificamos os aspectos culturais que interagem com a agroecologia. Com isso, a Teoria Ator-Rede proposta por Bruno Latour e Michel Callon, nos permitirá identificar as redes culturais nos quais os agricultores estão inseridos e os processos de tradução que ocorrem nestas redes. Outro conceito que nos interessa é o conceito de híbridos utilizado por Latour, que permitirá entendermos as “misturas” do meio rural. Em suma, esta teoria nos propiciou os conceitos de rede, tradução e híbridos para a realização da pesquisa.

E por último, foi necessária uma teoria que nos ajudasse a entender os conflitos e divergências ocorridos nas redes culturais, para isso, Norman Long e sua perspectiva de campo de batalha do conhecimento permitiu visualizar os conflitos entre os atores envolvidos nas arenas agroecológicas, ou seja, os conflitos existentes em projetos e empreendimentos que visam à instalação ou manutenção da agroecologia. De sua teoria utilizaremos os conceitos de interface social, agência, cultura e significados e campos de batalha do conhecimento.

Este capítulo procurou expor os diferentes pensamentos do conceito de cultura bem como a metodologia que será usada na dissertação. Com estes autores propiciamos uma base teórica para um melhor entendimento da pesquisa empírica.

No próximo capítulo, discutiremos aspectos da agricultura agroecológica e suas bases teóricas.

CAPÍTULO 2

AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA, PRÁTICA E MOVIMENTO

Não há um consenso na literatura sobre o conceito de agroecologia, podendo o termo ser entendido de diferentes formas a depender do conjunto de atores sociais que o operacionaliza. Nesse sentido, agroecologia pode ser entendida de três diferentes formas: como ciência, como movimento e como prática.

Este capítulo discutirá a agroecologia sob estas três óticas. Estas diferentes visões compartilhadas por diversos autores nos propiciam uma caracterização da agricultura agroecológica. Após a discussão em torno destas três perspectivas, estabelecemos um recorte nas ideias dos autores que contribuem para a pesquisa. Apesar do foco deste capítulo ser uma discussão teórica sobre agroecologia, optamos também por expor alguns aspectos mais técnicos desta agricultura, ou seja, contextualizar algumas técnicas produtivas enfatizadas por alguns autores, para uma melhor compreensão do leitor sobre a agricultura agroecológica.

Observaremos que a agroecologia não pode ser compreendida de forma isolada por ter sido construída, em sua proposta original, como uma ciência que agrega conhecimentos de outras ciências, além de também dialogar com saberes populares e tradicionais oriundos de experiências de agricultores familiares, de comunidades indígenas e camponesas conectados por uma rede de colaboração local e extralocal. Na sequência, iniciamos a discussão do conceito de agroecologia com uma pequena introdução destacando as distintas visões sintéticas do termo agroecologia.

2.1 DISTINTAS VISÕES SOBRE AGROECOLOGIA

A agroecologia é um conceito novo e está muito associado a temáticas como: desenvolvimento sustentável, desenvolvimento rural sustentável, modelos de agriculturas alternativas, dentre outros. Entretanto, apesar das discussões em torno do assunto terem aumentado intensamente, ainda não se tem uma definição “concreta” de agroecologia (ALMEIDA, 2003). Concordamos com o pensamento de Almeida, que além da agroecologia ainda não possuir um significado amplamente aceito, a profusão de concepções amplia a complexidade para estabelecer uma

definição do conceito. Para sustentar nossa posição explicitaremos algumas visões de diversos autores que discutem a agroecologia na literatura científica, no final do capítulo elaboramos um quadro síntese com as principais concepções adotadas na literatura.

Para Petersen *et al* (2009), a agroecologia é constituída de princípios e técnicas que suscitam pontes entre o conhecimento popular e científico, uma ligação importante para que ocorra uma revitalização da inovação local como dispositivo social para o desenvolvimento de agroecossistemas ligados a ambientes naturais. Saquet (2008) concebe agroecologia como uma agricultura menos destrutiva do meio ambiente e que simultaneamente propicia a inclusão social do produtor e a segurança alimentar do mesmo e da sociedade em geral.

Candiotto *et al* (2008) subentende que a agroecologia incorpora alguns princípios da agricultura orgânica⁷, e também prima pelo equilíbrio ambiental, questiona a concentração de riqueza, enfatiza a qualidade de vida e menor dependência dos agricultores com relação a empresas capitalistas; visa também a promoção da consciência política dos produtores para que eles sejam protagonistas do desenvolvimento rural local. Em suma, Candiotto *et al* (2008) pressupõem que a agroecologia é uma forma de agricultura orgânica, mas nem toda a agricultura orgânica se constitui em agroecologia.

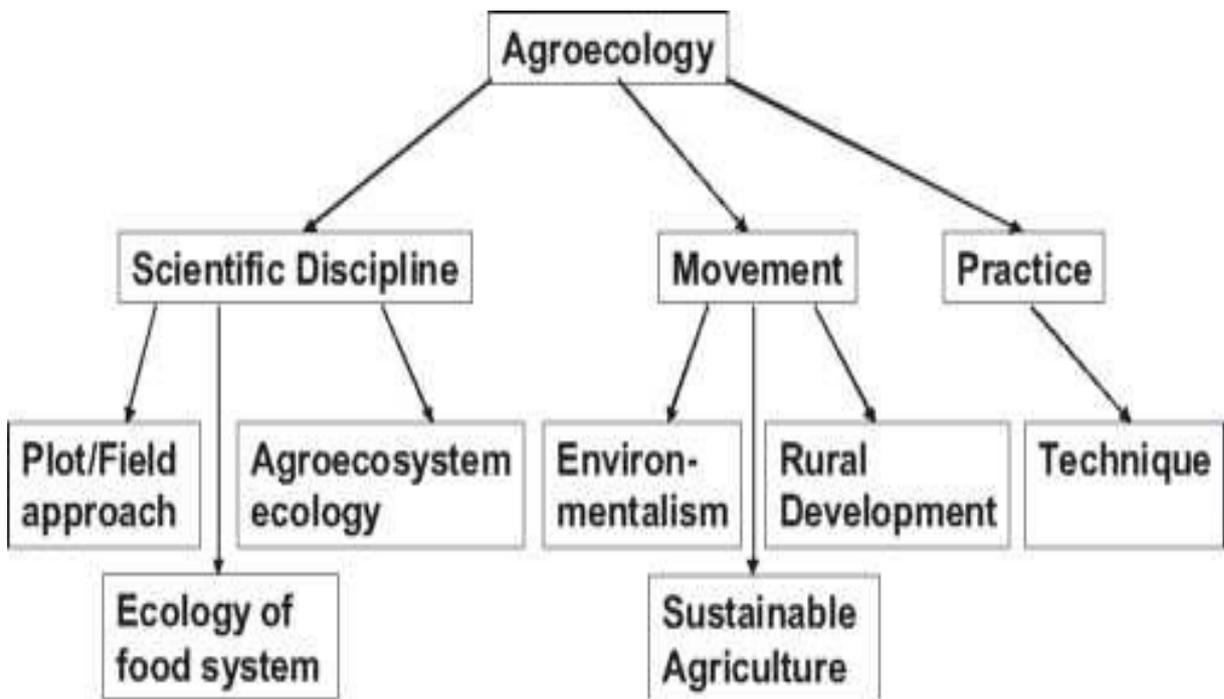
Para Padilha e Brandenburg (2012), a agricultura agroecológica é uma alternativa de produção referente à agricultura convencional e tem por finalidade não apenas promover novas técnicas de produção, mas visa também a sustentabilidade social e econômica perante o mercado capitalista. Já na visão de Azevedo (2011) a agroecologia é uma ciência que tem por princípios norteadores o respeito à natureza e aos atores envolvidos no processo produtivo. A natureza não é vista apenas como objeto, mais é um ser vivo que deve ser preservado constantemente.

Segundo Caporal *et al* (2011) a agroecologia é uma ciência para um futuro sustentável, que tem potencialidade para estruturar uma base para o desenvolvimento rural sustentável. Ell *et al* (2012) respalda que agroecologia é uma fonte do pensamento ecológico e ao mesmo tempo é um movimento social.

⁷ Nosso objetivo neste capítulo não é iniciar uma discussão em torno da agricultura orgânica, contudo, achamos interessante citar a visão de Candiotto *et al* (2008) sobre agroecologia.

Como foi exposto anteriormente, é nítida a profusão de visões em torno da agroecologia. Wezel *et al* (2009) oferece uma análise sintética onde organiza as várias vertentes da agroecologia em três grande grupos. Veja a figura abaixo:

Figura 1: Correntes da agroecologia



Fonte: Wezel *et al* (2009)

Como está exposto na Figura 1, Wezel *et al* (2009) destacam três vertentes da agroecologia: a) agroecologia como ciência, b) prática e c) movimento. Destes três grandes grupos derivam subgrupos. Será a partir destes três grandes grupos que discutiremos a agroecologia.

2.2 AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA

Para o debate em torno de agroecologia como ciência, usaremos as seguintes obras: Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável (ALTIERI, 2004), Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável (GLIESSMAN, 2000), Agroecologia alguns conceitos e princípios (CAPORAL; COSTABEBER, 2004) e Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição

para agriculturas mais sustentáveis (CAPORAL, 2011). Iniciamos com o pensamento de Altieri (2004).

2.2.1 Agroecologia como Arcabouço Teórico Metodológico para o Entendimento das Interações dos Agroecossistemas

Altieri (2004)⁸ parte da premissa de que somente um entendimento maior da ecologia humana dos sistemas agrícolas pode levar à estratégias mais coesas com uma agricultura sustentável. Assim a agroecologia sob o enfoque de uma ciência nova e dinâmica representa um grande avanço na direção da sustentabilidade.

Altieri define agroecologia como elemento que:

(...) fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis (ALTIERI, 2004, p. 21).

A agroecologia oferece, segundo Altieri, um arcabouço teórico metodológico para o esclarecimento das interações que permeiam os sistemas agrícolas ecológicos e também ajuda no entendimento de como estes agroecossistemas funcionam. É uma nova dinâmica que interage com conceitos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos, tendo como foco também as consequências socioambientais do uso da tecnologia no setor agrário. Seu objeto de estudo são os agroecossistemas, abordando as dimensões sociais, culturais e ecológicas, incitando o pesquisador a transitar nos saberes e técnicas dos agricultores e a desenhar os agroecossistemas limitando ou descartando o uso de insumos externos. Nesta transição do pesquisador entre os saberes dos agricultores, há possibilidade de gerar conflitos que serão entendidos a partir dos campos de batalha do conhecimento de Norman Long. Estes conflitos, por sua vez, entendemos como comportamentos sociais, que na perspectiva de Certeau (2008) são elementos culturais.

É importante enfatizar que os conhecimentos tradicionais são relevantes para os agroecologistas, implicando saberes relativos às práticas agrárias e do

⁸ Miguel A. Altieri é engenheiro agrônomo com PhD em Entomologia e professor de Agroecologia do Departamento de Ciência, Política e Manejo Ambiental da Universidade da Califórnia, Berkeley, Estados Unidos.

ambiente, aos modelos taxonômicos, e à utilização de tecnologias que requerem poucos insumos. Vários pesquisadores e cientistas se mostram interessados devido às características apresentadas pelos sistemas tradicionais, a destacar: “capacidade de tolerar riscos, eficiência produtiva de misturas simbióticas de cultivos, reciclagem de materiais, utilização dos recursos e germoplasmas locais, habilidade em explorar toda uma gama de microambientes” (ALTIERI, 2004, p. 26). Para ele, esse incitamento dos cientistas com relação a sistemas agrários tradicionais pode resultar em saberes que ajudarão na formatação de estratégias para desenvolver a agricultura agroecológica em agroecossistemas regionais. Entretanto, deve-se tomar cuidado neste ponto, pois nem todos os saberes tradicionais são agroecológicos. Guivant (1997) salienta que alguns conhecimentos e práticas vão na contramão da sustentabilidade e conservação ambiental pregada pela agroecologia, como por exemplo a derrubada e queimada das matas adotadas por culturas indígenas e caboclos e, posteriormente, adotadas por colonos europeus. Nesse processo, os colonos desmatam determinada área, colocam fogo e depois a usam até o esgotamento do solo. Após o empobrecimento do solo, a área é abandonada e o procedimento de derrubada e queimada é aplicado em outro local. Nota-se que esta técnica chamada *pousio*, é um hábito tradicional indígena, que após o uso destas áreas as deixavam descansar por anos; como os colonos não dispõem de terras suficientes para executar essa técnica, ela se torna prejudicial ao meio ambiente.

O autor ainda destaca que a agroecologia tem como público alvo o pequeno agricultor (para que o desenvolvimento seja realmente de baixo para cima) valorizando, como exposto anteriormente, os recursos e saberes locais e tradicionais.

Altieri (2004) também traz algumas ideias pragmáticas envolvendo a agroecologia. Segundo ele um dos grandes propósitos da ciência agroecológica é fazer com que as interações naturais do sistema agrário, entre organismos e recursos, propiciem fertilidade dos solos, produtividade e proteção das culturas.

A sustentabilidade de um sistema de cultivo agroecológico é proveniente do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos existentes no meio. Quando existe um equilíbrio destas condições e as plantas são resistentes a adversidades, o agroecossistema é produtivo e saudável. Uma estratégia que propicia um maior equilíbrio no sistema agroecológico é a biodiversidade. Quando é inserida no sistema, complexas ligações e transições se

iniciam entre solo, planta e os animais. Esta técnica tem por efeito a criação de uma cobertura vegetal para a proteção do solo, possui uma constante e variada produção de alimentos, ajuda na conservação do solo e água, fortifica o controle biológico de pragas (propiciando ambiente natural para os predadores), possibilita o manejo do agroecossistema sem o uso de insumos químicos (ALTIERI, 2004).

Em determinadas situações os produtores optam por usar “medidas drásticas”, ou seja, fazem uso de inseticidas botânicos e fertilizantes alternativos para a fertilidade do solo e controle de pragas. Segundo Altieri, a agroecologia dita as diretrizes de como fazer isso sem causar grandes impactos no ambiente, além disso, a agroecologia prima por reestabelecer a força dos agroecossistemas. Neste aspecto, revitalizar a força dos sistemas agroecológicos é uma das dificuldades enfrentadas pelos agricultores. **Em** argumenta, que foram necessários dois anos para a conversão de sua propriedade, que era convencional, para se tornar agroecológica. Nestes dois anos o agricultor **Em** explica que não podia vender seus produtos como agroecológicos, mas tinha que plantar desta forma, para **Em** foi uma dificuldade enfrentada no início da prática agroecológica. Essa dificuldade, é acompanhada pelas mudanças de técnicas e práticas no agroecossistema, este aspecto, na visão de Laraia, é cultura.

No *box* a seguir, Altieri esclarece alguns princípios e diretrizes tecnológicas para a recuperação de um agroecossistema.

Box 1: Elementos técnicos básicos de uma estratégia agroecológica

I. Conservação e Regeneração dos Recursos Naturais

- a. Solo (controle da erosão, fertilidade e saúde das plantas)
- b. Água (captação/coleta, conservação *in situ*, manejo e irrigação)
- c. Germoplasma (espécies nativas de plantas e animais, espécies locais, germoplasma adaptado)
- d. Fauna e flora benéficas (inimigos naturais, polinizadores, vegetação de múltiplo uso)

II. Manejo dos Recursos Produtivos

- a. Diversificação:
 - temporal (isto é, rotações, sequências)
 - espacial (policultivos, agroflorestas, sistemas mistos de plantio/criação de animais)
 - genética (multilinhas)
 - regional (isto é, zoneamento, bacias hidrográficas)
- b. Reciclagem dos nutrientes e matéria orgânica:
 - biomassa de plantas (adubo verde, resíduos das colheitas, fixação de nitrogênio)
 - biomassa animal (esterco, urina, etc.)
 - reutilização de nutrientes e recursos internos e externos à propriedade
- c. Regulação biótica (proteção de cultivos e saúde animal):
 - controle biológico natural (aumento dos agentes de controle natural)
 - controle biológico artificial (importação e aumento de inimigos naturais, inseticidas botânicos, produtos veterinários alternativos, etc.)

III. Implementação de Elementos Técnicos

- a. Definição de técnicas de regeneração, conservação e manejo de recursos adequados às necessidades locais e ao contexto agroecológico e socioeconômico.
- b. O nível de implementação pode ser o da microrregião, bacia hidrográfica, unidade produtiva ou sistema de cultivo.
- c. A implementação é orientada por uma concepção holística (integrada) e, portanto, não sobrevaloriza elementos isolados.
- d. A estratégia deve estar de acordo com a racionalidade camponesa, incorporando elementos do manejo tradicional de recursos.

Fonte: Altieri (2004, p.25).

No *Box 1* estão destacadas algumas técnicas produtivas usadas na agroecologia; algumas destas técnicas foram constatadas, como a diversificação da propriedade, pelo agricultor **Bm**.

O perfil de um agroecossistema muda de acordo com as características ambientais do meio e até mesmo as questões históricas e culturais de determinado

povo que desfruta deste sistema agroecológico. Porém, algumas características aparecem na maioria dos agroecossistemas a destacar: diversidade de espécies, usam vários microambientes distintos como solo, água, temperatura, estabelecem os ciclos de materiais através de ações eficientes de reciclagem, fazem pouco uso de insumos externos, pautam-se na utilização de energia humana e animal, articulam o uso de recursos locais e produzem para o próprio consumo (ALTIERI, 2004).

Para Altieri, a materialização de técnicas agroecológicas em projetos de desenvolvimento rural tem aflorado em vários estudos relativos a meios alternativos de produção. Estes estudos têm por finalidade: melhorar a produtividade de alimentos básicos para a família, fortalecer a dieta alimentar da família, preservar os saberes tradicionais, promover o ressurgimento de técnicas tradicionais que estão a ponto de ser perdidas, fomentar o uso de recursos locais, incrementar a diversidade de animais e plantas, preservação de recursos naturais através de controle de erosão, reflorestamento, diminuir o uso de recursos externos, garantir que os modelos alternativos de agricultura fortaleçam os agricultores familiares bem como também a comunidade rural (ALTIERI, 2004).

Altieri ainda pressupõe algumas recomendações que potencializam a agricultura sustentável:

- a) Extinguir os subsídios que incrementam a dilapidação ambiental em todos os países;
- b) Os países industrializados devem acabar com os programas de estímulo agrícola que distorcem os indicadores econômicos para os agricultores e assim criar excedentes de produtos que impliquem altos custos fiscais e danos ambientais excessivos;
- c) Os recursos públicos disponibilizados para pesquisas deveriam considerar os custos ambientais e benefícios das pesquisas propostas;
- d) Dar primazia à agricultura sustentável disponibilizando mais recursos para este tipo de pesquisa;
- e) O monitoramento dos impactos da agricultura deve ser melhorado nos países em desenvolvimento;
- f) Os indicadores econômicos da área agrícola devem expor a degradação ambiental que ocorre durante a prática (ALTIERI, 2004).

Por fim, Altieri afirma que a agroecologia pode produzir grandes colheitas de diversos tipos de alimentos (ALTIERI, 2004).

Assim, entendemos que, Altieri (2004) afirma que a agroecologia fornece princípios para uma agricultura de faceta mais sustentável, para o autor, a ciência agroecológica deve transitar nos saberes da agronomia ecológica, não deixando de lado questões socioeconômicas. Altieri também destaca a importância dos saberes tradicionais para a ciência, e na visão do mesmo, a agroecologia se aplicada em pequenos produtores, ou seja, na agricultura familiar.

Estabelecendo um recorte nestas ideias, optamos por utilizar duas de suas visões: a agroecologia oferece um arcabouço teórico metodológico para o esclarecimento das interações que permeiam os sistemas agrícolas ecológicos, esta visão permite identificar se realmente a agroecologia oferece esses princípios. A segunda ótica é a interação que a agroecologia deve estabelecer com saberes da agronomia, ecologia, saberes populares e até aspectos socioeconômicos. Sob essa perspectiva é permitido identificar se acontecem essas ligações. Ambas as percepções de Altieri envolvem a questão do conhecimento, que novamente na visão de Laraia, é um aspecto cultural.

Na sequência, abordamos a perspectiva de Gliessman. Duas visões destacadas por Altieri são compartilhadas também por Gliessman: a valorização dos saberes populares e a agroecologia como fornecedora de princípios e conhecimentos.

2.2.2 Gliessman e a Agricultura Sustentável

Gliessman⁹ tece críticas à agricultura convencional, para ele, algumas práticas realizadas por esse tipo de agricultura, como monocultura com uso intensivo de insumos químicos, torna este modelo insustentável. Afirma que, embora se obtenha uma alta produtividade no presente, esse modelo tende a comprometer a produção futura devido ao desrespeito aos processos ecológicos. Os recursos naturais usados nos diversos tipos de agricultura (não apenas na convencional), como solo e água, são altamente utilizados e dilapidados, o que altera os ciclos ecológicos em nível global. Dentre os muitos impactos gerados por este modelo

⁹ Gliessman é o professor de Agroecologia no Departamento de Estudos Ambientais da UC Santa Cruz, onde leciona desde 1981. Ele obteve seu doutorado em ecologia vegetal na UC Santa Barbara, e foi o diretor fundador do Programa de Agroecologia UCSC (hoje o Centro de Agroecologia e Sistemas Sustentáveis de alimentos).

agrícola convencional pode-se destacar: degradação do solo, desperdício e uso exagerado de água, poluição do ambiente, dependência de insumos externos, perda da diversidade genética, perda do controle local sobre a produção agrícola e desigualdade social global.

Diante deste panorama, Gliessman enfatiza que a agricultura do futuro deve possuir duas qualidades: ser produtiva devido ao aumento do número de pessoas no mundo e sustentável para manter esta produção. Para que isto aconteça, não se pode deixar de lado todas as práticas convencionais e ficar dependente apenas de manejos tradicionais que não produziram a quantidade necessária de produtos agrícolas para a população. O que Gliessman propõe é uma hibridização entre estratégias agrícolas locais e métodos ecológicos modernos. Nesta perspectiva, o conceito de tradução e híbridos proporcionados pela TAR (teoria ator-rede) permite identificarmos e entendermos estes híbridos rurais.

O autor define agroecologia como “aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis” também enfatiza:

A agroecologia proporciona conhecimento e metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação. Valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade (GLIESSMAN, 2000.p. 54).

Os estudos agroecológicos visam procedimentos de manejo que permitam que a produção tenha um caráter durável, ou seja, tenha uma produtividade em longo prazo. Esta prática também permite a conservação de recursos como solo, água e ar e também analisa as interações entre os organismos existentes no sistema agroecológico (GLIESSMAN, 2000).

Gliessman também propõe o conceito de agroecossistema, para ele, este conceito propicia um mosaico com o qual se pode analisar de forma holística os sistemas de cultivo, incluindo seus conjuntos complexos de insumos e produção e as conexões entre os componentes que os integram. Gliessman define agroecossistema como: “(...) um local de produção agrícola – uma propriedade agrícola – compreendida como um ecossistema” (2000, p.61). Gliessman também

ênfatiza outra característica dos agroecossistemas, segundo o autor, este sistema agroecológico está ligado com o meio social e natural, pois uma teia de conexões é formatada a partir do agroecossistema permeando tanto o setor social como os ecossistemas naturais. Diante deste aspecto, a visão de Geertz sobre cultura (teia de significados) somada à teoria ator-rede, propicia entendermos estas conexões dos agroecossistemas com o setor social.

Gliessman retrata em sua obra algumas ideias de caráter mais pragmático relativo à agroecologia. Para o autor, as dificuldades em criar agroecossistemas sustentáveis estão em alcançar similaridades entre a lavoura e um ecossistema natural mantendo uma produção para ser colhida. Porém, para se chegar a um sistema de cultivo que possua características de um sistema natural, é necessário levar em consideração os fatores ambientais que influenciam no crescimento da planta, a destacar: luz, temperatura, precipitação, vento, solo, umidade do solo, fogo e outros organismos. Estes fatores podem agir individualmente sobre o cultivo, mas também, coletivamente. Outro aspecto importante é que estes fatores ambientais não agem somente com a plantação, mas interagem entre si; por este motivo Gliessman prima por uma visão do todo, ou seja, o agroecossistema deve ser compreendido como um complexo ambiental. Esta complexidade ambiental requer, por parte do agricultor, vários saberes e conhecimentos para implantar a agroecologia, o que muitas vezes torna-se uma dificuldade para o produtor. Este assunto será aprofundado no capítulo cinco.

Para que aconteça um manejo sustentável do agroecossistema é necessário entender como os fatores ambientais, individualmente, influenciam um cultivo e de que maneira estes mesmos fatores interagem para formar uma complexidade ambiental. É preponderante compreender como estes fatores interagem, compensam, favorecem e entram em conflito uns com os outros. Em suma, o produtor deve tirar vantagem deste complexo ambiental e quando não for possível lucrar com estas interações saber compensá-las de um modo que seja ambientalmente correto (GLIESSMAN, 2000), pois ao ignorar as interações existentes em um agroecossistema os impactos ambientais começam a aparecer. Outro fator importante para o manejo sustentável é a interação existente entre os tipos de cultivos. Para o autor a agroecologia reconhece estas interações e procura usar as interações benéficas entre os cultivos para melhorar a produção e reduzir a

dependência de insumos externos. Como exemplo, Gliessman cita a prática de plantar conjuntamente milho, feijão e moranga na América Central.

Finalizando o pensamento de Gliessman, a agroecologia deve possuir uma visão sinóptica, ou seja, possuir uma perspectiva mais holística que implica em estudar os problemas como um todo e não isoladamente, podendo se estender até a dimensão social e econômica que seria o estágio final da pesquisa agroecológica. Neste aspecto social, Gliessman enfatiza as várias mudanças que a agroecologia oferece para o setor rural:

- a) A redução do uso de insumos externos diminuindo assim a dependência do agricultor a fatores econômicos externos não ficando sujeito ao aumento de preços; este item é verificado em nosso estudo, pois **Jf** explica que após iniciar a prática agroecológica, seus custos com insumos diminuíram.
- b) A agroecologia se beneficia de conhecimentos teóricos e práticos, com isso é valorizado o saber dos produtores deixando-os com mais poder em suas reivindicações por um tratamento mais justo;
- c) A agroecologia reconhece os meios de cultivos tradicionais, que possuem uma faceta estável tanto de maneira ecológica como social;
- d) A ciência agroecológica é mais facilmente aplicada em propriedades pequenas, o que favorece o consumo de produtos produzidos em escala local e regional, em vez de exportações;
- e) A concretização dos pressupostos agroecológicos requer mão-de-obra humana com um alto grau de conhecimento, isso pode proporcionar empregos dignos e satisfatórios para muitas pessoas (GLIESSMAN, 2000). Contudo, este alto grau de conhecimento pode ser visto como uma dificuldade, pois os agricultores não possuem tantos saberes e ficam dependentes do técnico que lhes dá suporte. Discutiremos melhor este assunto no capítulo cinco.

Para concluir o raciocínio de Gliessman, a agroecologia propõe mudanças, simultaneamente, na forma de produzir e no meio social agrário (GLIESSMAN, 2000).

Gliessman define a agroecologia como uma ciência que concede saberes para a concretização de uma agricultura mais sustentável. Assim como Altieri (2004), Gliessman também prima pela valorização dos saberes populares. Todavia, o autor enfatiza que deve haver uma hibridização entre os saberes científicos e tradicionais. O autor propõe o conceito de agroecossistemas e destaca que estes sistemas

ecológicos produtivos estão conectados a setores naturais e sociais. Gliessman também explica que são vários os fatores bióticos e abióticos que estão presentes num agroecossistema. Em suma, os agroecossistemas devem ser vistos como um complexo ambiental.

A visão de Gliessman de que um agroecossistema é permeado por várias ligações possibilita identificarmos as redes culturais dos agroecossistemas e sua visão sobre a hibridização de técnicas agrícolas permite visualizar os híbridos culturais nos agroecossistemas.

Em sintonia com Gliessman, Caporal também vê a agroecologia como ciência que oferece conhecimentos e metodologias para a sustentabilidade na agricultura.

2.2.3 Caporal e sua Perspectiva Agroecológica

Caporal¹⁰ e Costabeber¹¹ (2004) salientam que logo após a Segunda Guerra Mundial acontecem grandes avanços da química e da mecânica no setor agrícola. Com isso, surgem em diversos países modos alternativos de produção. Estas agriculturas alternativas recebem diferentes nomes, orgânica, biológica, natural, ecológica, biodinâmica, permacultura, entre outras; cada uma destas tipologias possuía sua própria doutrina. Foi neste contexto, em busca de alternativas, que surgiu a agroecologia com uma nova ótica científica com capacidade para promover a sustentabilidade na agricultura. Mas para Caporal, a agroecologia não propõe resolver todos os problemas derivados da ação antrópica que causa irreversíveis danos socioambientais, apenas tem o propósito de oferecer princípios e métodos para uma agricultura mais sustentável (CAPORAL, 2011).

Para o autor, é cada vez mais nítida a confusão conceitual do termo agroecologia, podendo assim seguir o mesmo caminho de distintas opiniões nas quais está o conceito de desenvolvimento sustentável. Há várias definições empregadas à agroecologia, por exemplo: Agroecologia como um tipo de agricultura alternativa, agricultura que respeita as leis da natureza, agricultura sem destruição

¹⁰ Francisco Roberto Caporal é graduado em agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria e possui mestrado em extensão rural pela mesma universidade. Obteve doutorado pela Universidade de Córdoba, Espanha. Atualmente é professor na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

¹¹ José Antonio Costabeber é engenheiro agrônomo e mestre em extensão rural pela Universidade Federal de Santa Maria e doutor em agronomia pela Universidade de Córdoba, Espanha.

do meio ambiente, entre outras expressões. Estas ideias podem ter relevância no processo de entendimento do que é agroecologia, mas quando usadas de forma para definir o termo, acabam gerando um reducionismo do conceito. Esta difusão de diferentes definições conceituais tem por consequência diferentes interpretações do que é este modelo ainda em desenvolvimento (CAPORAL, 2011).

A agroecologia deve ser vista como uma ciência que procura interagir com diversos ramos do conhecimento. Nas palavras de Caporal (2011):

A Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo tanto a compreensão, análise crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar, holística (CAPORAL, 2011, p.88).

Nenhuma destas visões sobre agroecologia abordadas por Caporal são perceptíveis na pesquisa, como podemos observar nos depoimentos de **Am** para o qual a agroecologia é uma agricultura que não usa insumos, já para **Jf** agroecologia seria um estágio mais avançado da agricultura orgânica. Veremos com mais detalhes no capítulo cinco.

Ainda para Caporal (2011), a finalidade da agroecologia não é “levantar uma nova bandeira” de caráter revolucionário, que proponha um novo paradigma “modernizador”, mas sim oferecer atividades de faceta transformadora e dialética. Esta articulação começa pelos saberes locais e tradicionais, valorizando-os e integrando-os à ciência para ter como consequência a produção do conhecimento orientado para a preservação socioambiental. Neste ponto, Mannheim e Long foram preponderantes na efetivação da pesquisa, pois Mannheim possibilitou o acesso ao saber atóxico dos agricultores, ou seja, através de Mannheim os saberes práticos dos produtores foram captados e transformados em conhecimentos teóricos e assim tornam-se passíveis de análise científica. E Long permitiu uma compreensão da produção do conhecimento no meio rural através das interfaces entre saber local e ciência.

Para Caporal (2011), o conceito de transição é de vital importância para a ciência agroecológica, pois a transição agroecológica propicia que, gradualmente, mudanças de cunho ecológicas sejam inseridas nos agroecossistemas, mas essas

mudanças não ocorrem apenas no manejo da propriedade, substituindo práticas agrícolas convencionais por práticas ecológicas, mas requerem modificações no procedimento econômico, político, social e cultural, englobando mutações tanto na racionalidade econômico-produtiva como também nas ações e percepções dos atores envolvidos no programa agroecológico. Pode-se estabelecer uma ligação entre Caporal (2011) e Zonin e Brandenburg (2012). Zonin e Brandenburg (2012) constata três tipos de transição agroecológica. Primeiramente em seu estudo é constatado uma “migração” de uma agricultura de subsistência para uma agricultura agroecológica pautada em técnicas agroflorestais. Na segunda transição houve uma passagem de uma agricultura dependente de insumos convencionais para uma agricultura orgânica dependente de insumos ecológicos. E, por último, a transição seguiu as diretrizes da agroecologia, e criou um sistema de certificação participativa “remapeando” os sistemas produtivos, baseando-se nas potencialidades de cada agricultor. No entanto, esta transição pode “falhar”, como é constatado em nossa pesquisa com **Em**, posteriormente explicaremos esta “falha” utilizando o conceito de tradução. Esta transição implica em uma “nova” padronização dos comportamentos dos agricultores com relação ao seu modo de produzir que na visão de Bauman é um aspecto cultural.

A agroecologia além de utilizar os saberes populares, também se nutre de saberes científicos derivados de diferentes áreas do conhecimento; isso propicia a formatação de metodologias e estratégias para articular o manejo de agroecossistemas sustentáveis e programas de desenvolvimento rural. Porém, a agroecologia não oferece uma teoria sobre desenvolvimento rural sustentável, mas procura utilizar os conhecimentos e saberes empíricos já existentes, ou através de investigações e pesquisas, um método de interferência que possibilitará transformações sociais para suscitar novos padrões de produção e consumo (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). Este ponto é perceptível em nosso estudo, pois a agroecologia propiciou uma mudança de mentalidade dos produtores em relação às suas propriedades e modos de produzir. Segundo Geertz, cultura é uma ciência interpretativa, neste sentido, vamos procurar interpretar como aconteceu essa mudança de percepção.

Caporal e Costabeber (2004) subentendem que a concretização dos princípios agroecológicos resulta em práticas agrícolas ecológicas, que tem por efeito produtos de qualidade biológica superior ao produto advindo da agricultura

convencional. Todavia, para que os pressupostos agroecológicos sejam respeitados, essa agricultura deve primar pela conservação dos recursos naturais, respeitar os aspectos sociais e culturais, propiciar força política e empoderamento dos atores envolvidos, obter bons resultados econômicos, possuir uma perspectiva durável, ou seja, deve ser uma agricultura sustentável. No aspecto de força política, não se evidencia nenhuma percepção dos produtores com relação ao empoderamento político.

Para a construção de agriculturas mais sustentáveis é necessário a concretude dos pressupostos da sustentabilidade nas dimensões: social, política, ambiental, econômica, cultural e ética. Concomitantemente isso também implica em questões complexas como: reforma agrária, garantia de acesso aos direitos básicos da cidadania, respeito às diferenças culturais, raça, gênero e etnia, consideração das diferentes visões de mundo e sua relação com a natureza, entre outras. Outro aspecto relevante é a problemática ambiental; a partir do momento que os impactos ambientais negativos e positivos provenientes da prática agrícola forem contabilizados nos custos de produção, os praticantes da agroecologia (agricultores familiares, indígenas, e outros) passam a fortalecer-se. (CAPORAL, 2011).

Caporal (2011) supõe que a agroecologia requer uma mudança nos currículos dos profissionais que irão atuar nesta área, bem como também nas metodologias e estratégias usadas nas extensões rurais, pois a ciência agroecológica exige intervenções de faceta integradora e holística. Podemos estabelecer uma ponte teórica com Guivant (1997), pois se a mudança pregada por Caporal não ocorre, tem por consequência o que Guivant chama de “áreas de ignorância”. Segundo a autora, o encontro entre técnicos e agricultores pode gerar conflitos que se não solucionados, causarão um distanciamento entre agricultores e técnicos, e, conseqüentemente, surgindo as “áreas de ignorância” que perpetuarão a supremacia da ciência sobre o saber popular.

A agroecologia se utiliza de muitos saberes e tecnologias usadas na agricultura convencional, porém, deve-se saber as possíveis consequências do uso das mesmas no agroecossistema, ou seja, as implicações ambientais derivadas destas práticas, até mesmo as influências socioculturais derivadas de determinadas técnicas (CAPORAL, 2011). Novamente, Mannheim possibilita identificarmos este conhecimento ateórico, que é inteligível em **Am** que utilizou o agrotóxico dois quatro

D em sua propriedade. Esta ação de **Am** é uma experiência prática do agricultor, que através de Mannheim foi trazida para o campo da teoria.

Devido a esse pressuposto elaborado anteriormente, a ciência agroecológica requer uma doutrina que siga os princípios da natureza, ou nas palavras de Caporal:

Quando se trabalha com um enfoque de Agroecologia, deve-se partir não da lógica cartesiana da simplificação, mas da lógica da natureza que se expressa no ecossistema que será transformado em um agroecossistema (ou já foi transformado de forma insustentável e precisa ser recuperado), assim como da história de processos de intervenção humana menos degradantes da qual se possa ter conhecimento (CAPORAL, 2011, p. 101).

Para Caporal (2011), um dos primeiros passos para implementar a agroecologia nos sistemas de cultivo é promover a diversificação das culturas cultivadas, ou seja, abandonar a prática da monocultura e iniciar uma plantação que contenha a diversidade de espécies e animais. Quanto maior a diversidade do agroecossistema, maior será a sustentabilidade ambiental da propriedade. Por isso, para a materialização da ciência agroecológica nas propriedades, não basta apenas ocorrer a substituição de insumos, mas sim articular um redesenho da propriedade dando ênfase às interações bióticas e abióticas nos agroecossistemas manejados pelo homem. Essa diversidade é constatada no estudo, **Bm** ressalta a criação de animais e plantação de grãos para o próprio consumo em sua propriedade.

A partir desta ideia, se subentende que os sistemas agroflorestais, sistemas agrosilvipastoris, manejos rotativos de pastagens, entre outros, apresentam maior sustentabilidade que os sistemas convencionais (CAPORAL, 2011).

Outro segmento importante para a agroecologia é a condição do solo no agroecossistema. Um solo em boas condições propiciará o desenvolvimento de plantas fortes e saudáveis, e as mesmas sofrerão menos com ataques de doenças e pragas. Neste sentido, técnicas que possibilitem um solo com menos erosão e melhorias em seus aspectos biológicos, físicos e químicos são fundamentais para um ótimo cultivo. Algumas estratégias usadas para o melhoramento do solo são: o uso de cobertura vegetal, de plantas melhoradoras e fixadoras de nitrogênio, o uso de cobertura morta, de adubos orgânicos, compostos, pós de rocha, técnicas de plantio em nível, plantio direto, cultivo mínimo, terraceamento, cordões em contorno, entre outras (CAPORAL, 2011). **Am** justifica o uso de adubos orgânicos em

determinados locais de sua propriedade, afirmando que a aplicação destes adubos melhorou a produção.

As plantas espontâneas muitas vezes são um entrave nos cultivos, pois competem com as plantas cultivadas por nutrientes e outros benefícios do agroecossistema. Mas ao contrário da agricultura convencional, que faz o uso de herbicidas para o controle das mesmas, na agroecologia deve-se manejar estas plantas segundo o enfoque ecológico. O aparecimento de muitas ou poucas plantas espontâneas se dá por muitos fatores, porém, logo que aparecem, é necessário um equilíbrio para conter a disputa entre estas invasoras e as plantas cultivadas. Algumas ações podem ser aplicadas para se obter este controle: arranjo espacial dos cultivos, densidade de plantas, época de plantio, rotações de culturas, uso de policultivos, potencialização de efeitos benéficos da alelopatia, entre outras técnicas (CAPORAL, 2011). Nenhuma destas técnicas foi constatada em nosso estudo. A técnica observada em nossa pesquisa para o controle de plantas invasoras é o uso da enxada, conforme resposta ao questionário dada por **Am**.

As doenças que se instalam nos agroecossistemas e prejudicam a produção são um grande problema para a agroecologia. Uma medida que ajuda a controlar ou evitar as doenças em plantas é a escolha do cultivo de variedades e plantas que possuem certa resistência à pragas e doenças. Estas plantas não são as plantas desenvolvidas pela agricultura convencional, mas sim as sementes crioulas localmente adaptadas. O agricultor deve estudar e escolher as variedades de plantas mais resistentes e empregar algumas técnicas como “a rotação de culturas, redução de hospedeiros alternativos, policultivos, plantas companheiras, manejo adequado da irrigação, eliminação de restos de cultura contaminados, entre outras alternativas”. Desta maneira as doenças prejudicarão menos a produtividade do agroecossistema (CAPORAL, 2011). Em nossa pesquisa, **Jf** explica que os mesmos não possuem suas próprias sementes agroecológicas, neste caso, a teoria de Caporal acima mencionada, não é aplicada, ou seja, além de não possuírem suas próprias sementes crioulas, **Jf** também não possui o conhecimento necessário para escolher as melhores variedades de sementes para serem plantadas.

Caporal destaca as disparidades de concepções envolvendo a agroecologia, o autor “teme” que a pluralidade do conceito percorra o mesmo caminho que o conceito de sustentabilidade, ou seja, uma discussão e profusão de opiniões que geram um reducionismo do conceito. A agroecologia sob a ótica de Caporal deve

interagir com saberes tradicionais ocasionando mudanças tanto no aspecto produtivo como social e cultural. Na concepção do autor, para ocorrer uma maior sustentabilidade dos agroecossistemas, deve-se primar pela diversificação da produção e conservação do solo. Em suma, a agroecologia proporciona métodos e conhecimentos, advindos de diversas áreas do conhecimento, tendo uma abordagem transformadora e dialética, visando a sustentabilidade do meio rural.

O recorte estabelecido na visão de Caporal pauta-se em: a agroecologia implica mudanças nos atores envolvidos; através desta ótica identificaremos as mudanças culturais proporcionadas pela agroecologia. A outra perspectiva é de uma abordagem dialética e transformadora da agroecologia; procuraremos perceber se esta abordagem acontece de fato.

Após discutirmos agroecologia como ciência, abordaremos a agroecologia como movimento.

2.3 AGROECOLOGIA COMO MOVIMENTO

Para discutir agroecologia como movimento, utilizaremos a obra de Brandenburg - Movimento Agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas (2002). A opção por escolher somente uma obra, deve-se ao fato de não termos constatado, em nossa pesquisa, nenhuma evidência com relação ao tópico “movimento”, em outras palavras, os agricultores pesquisados não se identificam com o movimento agroecológico. Desta forma, nosso objetivo é apenas destacar e diferenciar esta vertente da agroecologia das duas demais fontes (ciência e prática), apesar de que algumas de suas ideias serão utilizadas na pesquisa.

2.3.1 Agroecologia como Movimento Social

Seguindo a divisão proposta por Wezel *et al* (2009) temos a agroecologia estratificada também em movimento e este se divide em três subcategorias: ambientalismo, desenvolvimento rural e agricultura sustentável. Contudo, no Brasil e na América Latina, há também a existência da articulação da agroecologia com os movimentos sociais que se identificam com os paradigmas da esquerda e formam um amálgama que une práticas agrícolas e movimentos de resistência política à subordinação dos agricultores ocasionada pela Revolução Verde.

Segundo Brandenburg¹² (2002), antes de a modernização agrícola ocorrer no Brasil, metodologias ecológicas pragmáticas já existiam na agricultura e eram exercidas por imigrantes europeus ou descendentes dos mesmos. Descendentes de índios também possuíam uma dinâmica agrícola que respeitava as leis naturais dos ecossistemas. Mas foi na década de 1970 que a agricultura alternativa ou ecológica¹³ surge como um movimento socialmente organizado, ou seja, um movimento de caráter paradoxo e alternativo relativo à Revolução Verde. Esta agricultura “moderna”, de faceta excludente, causou um ímpeto nos agricultores não inseridos neste novo modelo, é neste cenário que a agroecologia ganha relevância, principalmente por parte de agricultores familiares. Brandenburg (2002) explica:

Os grupos alternativos serão formados por agricultores familiares em via de exclusão, ou excluídos diretamente pelos mecanismos de expropriação política agrícola. Sem assistência dos serviços oficiais, esses agricultores serão agentes de ação de órgãos ligados à ala progressista da Igreja Católica ou Protestante. As chamadas Comissões Pastorais da Terra irão desenvolver um trabalho junto aos agricultores e, em alguns casos, através de órgãos criados com finalidade específica (BRANDENBURG, 2002.p. 12).

Exemplos destes órgãos, no Paraná, é a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (Assessoar) localizada no Sudoeste Paranaense, e o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) com um de seus núcleos localizados no Oeste do Estado do Paraná.

Na concepção de Brandenburg (2002), o movimento agroecológico no Brasil é constituído basicamente (mas não inteiramente) de agricultores familiares. Entretanto, em países como Alemanha e França, profissionais formados em curso superior como agronomia, ou profissionais de outras áreas do conhecimento também fazem parte destes movimentos. No Brasil, as associações de agricultores juntamente com as ONGs, contribuíram para reforçar o caráter de autonomia do movimento. É principalmente através das ONGs, no Brasil, que profissionais de agronomia, zootecnia, entre outros, se juntam aos movimentos. Em nosso estudo, a associação AAFEMED é vista pelos agricultores como uma alternativa de

¹² Alfio Brandenburg possui doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP (1997), mestrado em Sociologia Rural pela Universidade de São Paulo- ESALQ/USP (1980). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Paris X, Nanterre. Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Paraná/Departamento de Ciências Sociais, com participação no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Doutorado em Meio Ambiente.

¹³ Este autor considera que estas duas tipologias dividem o mesmo significado.

mercado, não contribuindo para o movimento, e as ligações com ONGs são bem limitadas.

Com a participação de atores com formação nos movimentos ecológicos, tem-se um movimento organizado com reconhecimento sociopolítico da sociedade. Nas palavras de Brandenburg, “esse reconhecimento constitui uma dimensão fundamental para a afirmação do sujeito enquanto ator social” (2002, p.18). A inserção de atores profissionais nos movimentos também contribuiu para uma “profissionalização” do movimento, colocando a agroecologia em um patamar elevado, ou seja, a agroecologia passa a ter condições para competir com a agricultura convencional. Essas ideias, num primeiro momento, não foram evidenciadas em nosso estudo, já que não constatamos nenhum movimento agroecológico; num segundo momento, talvez por não possuir caráter de movimento, a agroecologia não tem “forças” para “lutar” ou competir com a agricultura convencional. Ao contrário, o número de agricultores ecológicos têm diminuído com o tempo, como veremos no capítulo cinco.

Brandenburg (2002) explica que a agricultura ecológica passou por três momentos distintos. Primeiro como um contramovimento ao processo de “modernização” da agricultura. Em segundo, é constatada a formação das organizações comerciais (feiras, associações) e por último, a agroecologia como uma forma de produção, ou seja, a agroecologia é institucionalizada segundo padrões da produção convencional.

Finalmente, para Brandenburg (2002, p. 13), “o movimento agroecológico é um contramovimento ao domínio da lógica industrial de produção”. Ele também define agroecologia como, “uma opção de sobrevivência para o agricultor familiar e significa a reconstrução de uma relação socioambiental cuja raiz tem origem na condição camponesa” (2002, p.12).

Nota-se que Brandenburg (2002) vê o movimento agroecológico como um contramovimento relativo à agricultura “moderna”. Para ele, o movimento ecológico surgiu na década de setenta e era formado basicamente por agricultores familiares que não eram contemplados pelas políticas agrícolas. Entendemos também que a interseção do profissional no movimento, através das ONGs, fortaleceu o movimento agroecológico.

Apesar de não evidenciarmos qualquer aspecto que identifique agroecologia como “movimento” em nossa pesquisa, não podemos desprezar a vertente que

discute e defende tal concepção da agroecologia, sobretudo no Brasil, onde há um forte processo de exclusão social. Podemos, dessa forma, observar nas ideias de Brandenburg (2002), que o conceito de agroecologia é apresentado como uma opção de sobrevivência para o agricultor familiar. Essa ideia é basicamente o motivo pelo qual os agricultores pesquisados aderiram à agricultura ecológica, ou seja, como uma alternativa de produção que permite que os mesmos permaneçam no meio rural. Aprofundamos esse assunto no capítulo cinco.

Após analisarmos agroecologia como movimento, veremos a agroecologia como prática.

2.4 AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA

Para discutirmos agroecologia como prática, utilizaremos o artigo: Agroecologia como ciência, movimento e prática: uma revisão ¹⁴ de WEZEL *et al*, (2009). Também discutiremos a obra de Leff (2002) Agroecologia e Saber Ambiental.

2.4.1 Agroecologia como Prática sob a Ótica de Wezel *et al*

Neste artigo os autores argumentam que o conceito agroecologia surgiu na década de 1920. A agroecologia é provinda das disciplinas de agronomia e ecologia, no entanto sofreu influência também da zoologia e fisiologia. Wezel *et al* comentam:

From the 1970s agroecology continued to be defined as a scientific discipline, but also gradually emerged both as a movement and as a set of practices beginning in the 1980s.¹⁵

Nota-se que foi no início da década de 1980 que a agroecologia começa a ser visualizada como movimento e prática e não apenas ciência como era vista até então. A ótica de agroecologia como prática surgiu no México e América Central com apoio de profissionais das áreas de ecologia, agronomia e *Etnobotânica* (WEZEL *et al*, 2009).

¹⁴Agroecology as a science, a movement and a practice. A review.

¹⁵A partir da década de 1970 agroecologia continuou a ser definida como uma disciplina científica, mas também surgiram gradualmente tanto como movimento e como um conjunto de práticas que começam na década de 1980.

A agroecologia como prática é entendida como técnicas e saberes advindos de comunidades indígenas, agricultura camponesa, quilombolas, entre outros, em outras palavras, são conhecimentos populares envolvendo agricultura, que propicia práticas para serem aplicadas nos agroecossistemas. Estas técnicas visam uma agricultura de faceta mais sustentável e são usadas para melhorar a agricultura indígena, camponesa, etc. Pode-se dizer que a prática agroecológica é aquela que não prejudica o meio ambiente (WEZEL *et al*, 2009). Colaborando com essa ideia, Zonin e Brandenburg (2012) definem agroecologia como uma prática socioambiental. Nas suas palavras:

Como prática socioambiental, a agroecologia incorpora criticamente as experiências históricas dos camponeses e seus saberes, com elementos de diversas correntes de agricultura ecológica, resguardando a autonomia de repensar e redesenhar o estabelecimento agrícola, o sistema produtivo, a certificação, a comercialização, a organização social e política, de acordo com os seus propósitos (ZONIN e BRANDENBURG, 2012, p. 235).

As atividades provenientes da prática agroecológica geralmente são: fertilidade do solo, gestão de matérias orgânicas, conservação de recursos naturais e da biodiversidade dos agroecossistemas, técnicas que ajudam a combater a erosão, entre outras atividades. É importante ressaltar, que estas técnicas são a base da agroecologia como prática nos países da América Latina (WEZEL *et al*, 2009). Neste aspecto Mannheim e o método documentário nos propiciaram identificar estes conhecimentos populares.

Wezel *et al* (2009), ressalta que no Brasil a agroecologia iniciou-se como movimento tendo por base práticas agrícolas tradicionais e não como ciência. Nos países em que o movimento agroecológico está bem consolidado, a ideia de agroecologia como prática possui uma forte conexão com os movimentos agroecológicos. Essa ligação entre agroecologia como prática e movimento tem o propósito de desenvolver e auxiliar a transição de agriculturas convencionais para agriculturas sustentáveis.

Em seus estudos, Wezel *et al* (2009) destacam a agroecologia em quatro países: Estados Unidos, França, Alemanha e Brasil. Em sua pesquisa, os autores procuram identificar como é vista a agroecologia nestes países. Os autores concluem que a agroecologia na Alemanha é vista como disciplina científica e não

está associada à prática ou movimento; na França é vista apenas como prática. Nos Estados Unidos a agroecologia pauta-se como “movimento”, prática e ciência, contudo, a ciência agroecológica é mais predominante que as outras duas modalidades. E, no Brasil, a agroecologia possui as três perspectivas, entretanto, a agroecologia como movimento e prática prevalece em relação à agroecologia como ciência. Em nosso estudo, identificamos agroecologia apenas como ciência e prática.

Wezel *et al* (2009) pressupõem que a maneira sob qual é “encaixada” a agroecologia depende muito do histórico epistemológico que fornece uma estrutura base para a validade do conceito. Fatores como a existência ou não de movimentos sociais, das tradições científicas e suas evoluções e uma base teórica conceitual para descrever os novos tipos de práticas, movimentos e conhecimentos influenciam na maneira como a agroecologia será abordada em determinada região. Neste sentido, a TAR de Latour e Callon, a noção de teia de significados de Geertz e as visões de mundo de Mannheim, propiciam identificar os tipos de conhecimentos que “formatam” a agroecologia em nosso objeto de estudo.

Avaliamos que Wezel *et al* destacam o início da agroecologia como prática a partir dos anos 1980; a agroecologia como prática é entendida como saberes populares que “potencializam-na” propiciando uma alternativa de produção para agricultores familiares, comunidades indígenas, etc. Segundo os autores, a prática agroecológica é aquela que não prejudica o meio ambiente, algumas técnicas usadas nos agroecossistemas que contemplam a prática agroecológica são a conservação dos solos, biodiversidade do agroecossistemas, técnicas que combatem a erosão, entre outras aqui não elencadas.

Nota-se, que no Brasil a agroecologia é vista sob as três óticas, movimento, prática e ciência, ganhando destaque a agroecologia como prática e movimento, que, segundo os autores, estão interligados. Para finalizar, Wezel *et al* enfatizam que são as bases epistemológicas do local que “decidirão” qual o foco adotado pelos praticantes da agroecologia.

Diante das ideias de Wezel *et al*, utilizaremos duas delas: primeiramente as técnicas que compõem a agroecologia como prática, que permitem identificar se elas acontecem na prática; e sua concepção, que é o histórico epistemológico, que fornece uma estrutura base para a validade do conceito como ciência, prática ou

movimento. Esta visão permite entendermos as bases epistemológicas em nosso estudo.

Outro autor que trabalha agroecologia como prática é Enrique Leff, como veremos a seguir.

2.4.2 Agroecologia como Saber Ambiental

Para Leff¹⁶ (2002), a agroecologia é um novo paradigma¹⁷ de produção, pautado pela ciência, técnica e práticas, visando um meio produtivo ecologicamente sustentável no meio rural. Segundo Leff os saberes agroecológicos:

[...] são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população. Estes saberes e estas práticas não se unificam em torno de uma ciência: as condições históricas de sua produção estão articuladas em diferentes níveis de produção teórica e de ação política, que abrem o caminho para a aplicação de seus métodos e para a implementação de suas propostas. Os saberes agroecológicos se forjam na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas. (LEFF, 2002, p. 37).

Sendo a agroecologia uma constelação de conhecimentos tem por consequência a formação de um “ser” híbrido; com isso é necessário Latour para entendermos esse híbrido, a TAR e Long para identificarmos estes conhecimentos que compõem a agroecologia. Os saberes agroecológicos se formatam em uma interface, sendo assim, a interface social de Long propicia identificarmos conflitos, e Mannheim em ter acesso às cosmovisões.

A agroecologia é uma resposta ao modelo agrícola destrutivo, que se formata através de uma nova lógica de saberes práticos para uma maior sustentabilidade na agricultura. A agricultura ecológica objetiva um equilíbrio ambiental do planeta, é uma atividade de subsistência, voltada ao bem comum e segurança alimentar de populações rurais. A agricultura ecológica toma por princípios norteadores a ciência ecológica, em que a utilização da terra baseia-se

¹⁶Enrique Leff é um economista mexicano, doutor em Economia do Desenvolvimento. Também é coordenador da Rede de Formação Ambiental para a América Latina e Caribe do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

¹⁷Não é nossa intenção discutir o conceito de paradigma neste trabalho, apenas estamos expondo a ideia de Leff (2002).

nos potenciais ambientais e culturais do ambiente. A agroecologia cria suas próprias regras para o seu espaço, a mesma é um caldeirão no qual “misturam-se” saberes, ciências, tecnologias, práticas, ofícios e arte, para a criação de um novo modelo produtivo (LEFF, 2002). Para entendermos essas “regras da agroecologia” será utilizado Bauman e sua padronização das relações humanas, Geertz e os programas que governam o comportamento.

Leff subentende que a agroecologia não são apenas métodos ecológicos a serem materializados pelos agricultores, a agricultura agroecológica leva em consideração as condições culturais e comunitárias em que os praticantes estão inseridos. A identidade, seus saberes e suas práticas, são essenciais para a agroecologia. Com esta ideia de Leff, podemos fazer uma ligação com Gomes (2012); este autor enfatiza que os saberes tradicionais possuem algumas dificuldades para serem “perpetuados”. Segundo Gomes (2011):

O conhecimento tradicional, na agricultura familiar, depende de reprodução em dois sentidos: do surgimento de novas pessoas e do aprendizado sobre o modo de reprodução que as caracteriza. Ou seja, sua circulação depende do contato direto entre os atores sociais, num contexto histórico e cultural. Fenômenos como êxodo ou diáspora, quando ocorrem, provocam também uma ruptura, ao interromper o ciclo. Isso também é o que temo corrido pelo processo de invasão cultural e lavagem cerebral, impostas pela ideologia da civilização urbana industrial, baseada em duas premissas falsas: superioridade dos técnicos e pesquisadores sobre a cultura rural (atrasada) e a ideia de que a ciência representa a única forma de conhecimento válido, transformada em ideologia e mecanismo de dominação (GOMES, 2011, p. 32).

Conforme Leff, o pesquisador agroecológico deve compreender que seu conhecimento científico não é “melhor” do que os saberes tradicionais, ambos os conhecimentos devem ser “tratados” em forma de igualdade. Desta forma o pesquisador é envolvido pela agroecologia, este ponto é perceptível na pesquisa, no qual o técnico que dá suporte aos agricultores admite ter aprendido muito com os mesmos.

Como destacado anteriormente, Wezel *et al* (2009) argumentam que a prática agroecológica está muito envolvida com o movimento político; Leff também expressa essa concepção e destaca que a agroecologia não é apenas a aplicação de saberes e práticas, mas deve obter um caráter político para que essa estratégia

política os conduza e os façam valer, frente às valorizações da produtividade econômica e tecnológica de curto prazo. Como já foi dito, essa faceta política não é notória no estudo.

A agricultura ecológica permite recuperar o valor de uso ecológico, ou seja, não partilha da percepção de que o meio ambiente é apenas um meio para alcançar a lucratividade. As práticas agroecológicas resgatam o respeito pelo meio ambiente, no qual o solo e seus recursos são tratados como seres vivos. As técnicas usadas na agroecologia propiciam a incorporação de novos elementos nas técnicas tradicionais e simultaneamente recuperam práticas agrícolas tradicionais dos agricultores (LEFF, 2002).

A hibridização do conhecimento na agroecologia, ajuda a “potencializar as capacidades dos agricultores” (LEFF, 2002, p. 42), e esta hibridização destaca-se por seu elemento unificante não ser, nas palavras de Leff, “o desejo de lucro, senão a reprodução ecológico-cultural do agroecossistema” (2002, p.43).

Nos saberes agroecológicos também são incorporadas questões éticas e culturais. Outro ponto interessante da agroecologia, segundo Leff, é que ao contrário da agricultura convencional, que testa e aprova seus conhecimentos em laboratório, a agroecologia ratifica seus saberes, na prática, em cultivos dos agricultores.

Para concluir, Leff (2002) define práticas agroecológicas como:

As práticas agroecológicas nos remetem à recuperação dos saberes tradicionais, a um passado no qual o humano era dono do seu saber, a um tempo em que seu saber marcava um lugar no mundo e um sentido da existência (LEFF, 2002,p. 36).

Leff aborda agroecologia como um novo paradigma produtivo, uma agricultura que se nutre de conhecimentos tradicionais, científicos, técnicas e práticas. O autor também prima por uma hibridização destes conhecimentos, que teriam por finalidade fortificar os agricultores. A agroecologia, na visão de Leff, leva em consideração as questões culturais e comunitárias dos praticantes desta agricultura, também defende que o pesquisador da agroecologia não deve desprezar os saberes populares.

Do autor Enrique Leff extraímos duas de suas concepções: primeiro a sua definição de práticas agroecológicas, que permitirá compreendermos as práticas utilizadas pelos agricultores. E por segundo, sua definição de saberes

agroecológicos, que nos propicia verificar os conhecimentos dos produtores. No próximo tópico, realizamos uma reflexão sobre o assunto abordado neste capítulo.

2.5 DISCUTINDO AGROECOLOGIA

Neste capítulo, suscitamos um debate em torno da temática agroecologia. Em um primeiro momento, realizamos um debate em torno da agroecologia como ciência e prática e movimento. É importante lembrar que, agroecologia como movimento não foi constatada em nossa pesquisa, diante disso, trabalharemos com as perspectivas de agroecologia como prática e ciência. Percebemos que existe uma conexão entre estes dois ramos da agroecologia, e devido a essa conexão, achamos importante para a pesquisa trabalhar com as duas visões.

Além desta conexão, evidenciamos em nosso estudo fatores que nos levam a analisar a agroecologia sob estas duas perspectivas. Estes fatos são: a alta dependência que os agricultores agroecológicos têm do suporte técnico e a perda dos saberes empíricos destes produtores. Ao constataremos estes dois aspectos, deduzimos que: se os agricultores perderam muitos de seus conhecimentos tradicionais e ao mesmo tempo têm uma grande dependência do técnico, a agroecologia que praticam é fundamentada na ciência, ou pelo menos, certos conhecimentos são científicos. Contudo, não podemos desprezar o conhecimento que estes produtores têm de sua propriedade e dos seus cultivos. Devido a estes fatores, vamos estudar agroecologia como ciência e como prática.

Estas duas visões trabalham agroecologia de maneira distinta, porém, com objetivos similares. A agroecologia como ciência pauta-se mais na pesquisa e conhecimentos científicos com o propósito de alcançar a sustentabilidade. Agroecologia como prática trabalha com os saberes populares e tradicionais, mas também tem por finalidade uma agricultura sustentável.

Além de tratarmos a agroecologia como ciência e prática, baseados nas definições e características da temática e alguns aspectos práticos desta agricultura, achamos importante fazer essas abordagens para deixar claro para o leitor os significados do conceito agroecologia e também expor como teoricamente a agroecologia é aplicada.

Constatamos também que os autores que trabalham a agroecologia como ciência não desprezam os saberes populares dos agricultores. E Leff que passa uma

ótica de agroecologia como prática, também não despreza a ciência ou tecnologia. Devido às várias ideias expostas neste capítulo, optamos por estabelecer um recorte transversal e “capturar” as concepções que darão maior auxílio ao nosso estudo, estas visões estão ilustradas no quadro dois.

Quadro 2: Diferentes perspectivas sobre Agroecologia

Autores	Perspectivas sobre Agroecologia	Princípio chave: visão da Agroecologia
Altieri (2004)	A agroecologia oferece um arcabouço teórico metodológico para o esclarecimento das interações que permeiam os sistemas agrícolas ecológicos e também ajuda no entendimento de como estes agroecossistemas funcionam;	Ciência
	A agroecologia deve interagir com conceitos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos;	
Caporal (2011) (2004)	A transição agroecológica propicia que gradualmente mudanças de cunho ecológicas são inseridas nos agroecossistemas, mas essa mudança não é apenas no manejo da propriedade, substituindo práticas agrícolas convencionais por práticas ecológicas, mas requer modificação no procedimento econômico, político, social e cultural, englobando mutações tanto na racionalidade econômico-produtivo como também nas ações e percepções dos atores envolvidos no programa agroecológico;	Ciência
	A agroecologia proporciona métodos e conhecimentos, advindos de diversas áreas do conhecimento, tendo uma abordagem transformadora e dialética, visando a sustentabilidade do meio rural;	
Brandenburg (2002)	Agroecologia é uma opção de sobrevivência para o agricultor familiar e significa a reconstrução de uma relação socioambiental cuja raiz tem origem na condição camponesa;	Movimento
Wezel <i>et al</i> (2009)	As atividades provenientes da prática agroecológica geralmente são: fertilidade do solo, gestão de matérias orgânicas, conservação de recursos naturais e da biodiversidade dos agroecossistemas, técnicas que ajudam a combater a erosão, entre outras;	Prática
	A maneira sob qual é “encaixada” a agroecologia depende muito do histórico epistemológico que fornece uma estrutura base para a validade do conceito. Fatores como, a existência ou não de movimentos sociais, das tradições científicas e suas evoluções e uma base teórica conceitual para descrever os novos tipos de práticas, movimentos e conhecimentos, influenciam na maneira como a agroecologia será abordada em determinada região.	

Gliessman (2000)	O sistema agroecológico (agroecossistemas) está ligado com o meio social e natural, pois uma teia de conexões é formatada a partir do agroecossistema permeando tanto o setor social como os ecossistemas naturais;	Ciência
	A agricultura do futuro deve possuir duas qualidades, ser produtiva devido ao aumento do número de pessoas no mundo, e sustentável para manter esta produção. Para que isto aconteça, não se pode deixar de lado todas as práticas convencionais e ficar dependente apenas de manejos tradicionais que não produziram a quantidade necessária de produtos agrícolas para a população. O que Gliessman propõe é uma hibridização entre estratégias agrícolas locais e métodos ecológicos modernos;	
Leff (2002)	As práticas agroecológicas nos remetem à recuperação dos saberes tradicionais, a um passado no qual o humano era dono do seu saber, a um tempo em que seu saber marcava um lugar no mundo e um sentido da existência;	Prática
	Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população. Estes saberes e estas práticas não se unificam em torno de uma ciência: as condições históricas de sua produção estão articuladas em diferentes níveis de produção teórica e de ação política, que abrem o caminho para a aplicação de seus métodos e para a implementação de suas propostas. Os saberes agroecológicos se forjam na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas;	

Fonte: Altieri (2004); Leff (2002); Wezel *et al* (2009); Brandenburg (2002); Caporal (2011) (2004); Gliessman (2000);
Organização: Oliveira (2014).

Essas diversas concepções nos possibilitarão um abrangente entendimento da agricultura agroecológica. Nota-se que, mesmo que Brandenburg (2002) discuta agroecologia como movimento, não encontrado na pesquisa, uma de suas ideias é importante para o trabalho. Neste sentido, esse quadro síntese possibilita deixar mais claro as concepções dos autores e que foram usadas para a elaboração da dissertação. É importante destacar que mesmo as ideias não colocadas no quadro foram fundamentais para entender agroecologia.

No próximo capítulo, vamos abordar o tema agricultura familiar.

CAPÍTULO 3

O CONCEITO AGRICULTURA FAMILIAR E SUAS PROCESSUALIDADES

Este capítulo visa estabelecer uma discussão em torno do conceito agricultura familiar. Para isso, expomos a visão de dois autores sobre o conceito: Ricardo Abramovay (1990) e (2005), e Antônio Marcio Bauanin (2006) e (2003). O capítulo está dividido em quatro tópicos nos quais discutimos a agricultura familiar. No primeiro tópico realizamos uma introdução problematizando o conceito agricultura familiar com o intuito de enfatizar a disparidade que permeia o conceito. No segundo, debatemos as ideias de Abramovay, no terceiro discutimos as ideias de Bauanin, e por último, nossa reflexão sobre as óticas dos autores e a exposição das contribuições dos mesmos para a pesquisa.

3.1 O CONFLITO EM TORNO DO TERMO AGRICULTURA FAMILIAR

O conceito de agricultura familiar ainda está em construção. Atualmente existem diversas formas de entendê-lo e também distintas concepções de diferentes autores envolvendo o conceito. A seguir, expomos diferentes visões sobre o conceito agricultura familiar.

Iniciando com Altafin (2003) a agricultura familiar originou-se de cinco categorias sociais distintas, a destacar: os índios, os escravos africanos, os mestiços, os brancos não herdeiros e os imigrantes europeus. A mesma autora ressalta que o conceito agricultura familiar é um “guarda-chuva conceitual” no qual, “abriga grande número de situações, em contraposição à agricultura patronal, tendo como ponto focal da polarização o tipo de mão-de-obra e de gestão empregadas” (ALTAFIN, 2003, p.13).

Schneider (2003) destaca que o conceito agricultura familiar abarcou sob sua égide várias categorias sociais, entre as quais se destacam: assentados, arrendatários, parceiros, integrados à agroindústrias, entre outros, que não mais encaixavam-se nos termos pequenos produtores, trabalhadores rurais, etc.

Já no Dicionário da Terra (2005), o verbete destinado a definir Agricultura familiar diz que o conceito possui diversos significados. Em matéria de política e sindical, o termo abarca uma variedade de produtores que tem por base de mão-de-

obra a própria família. Relativo a lutas políticas, o conceito obtém o caráter formatado pelos poderes jurídicos, ou seja, a definição que está cristalizada no texto do Pronaf.

O conceito de agricultura familiar vem sendo definido e redefinido para englobar as mais diversas categorias sociais carentes de políticas públicas, podendo destacar: agricultores, pescadores, artesãos, assentados, extrativistas entre outras (DICIONÁRIO DA TERRA, 2005). O verbete agricultura familiar define o conceito de agricultura familiar como:

Para efeitos de construção de uma definição geral (conceitualmente universalizável), capaz de referenciar de forma abstrata a extensa diversidade de situações históricas e socioeconômicas e de tipos econômicos, a agricultura familiar corresponde a formas de organização da produção em que a família é, ao mesmo tempo, proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas (DICIONÁRIO DA TERRA, 2005, p.25).

Para Guanzioli (2012) a agricultura familiar não possui nenhum traço de superioridade relativo a outros segmentos do meio rural não familiar, apenas é uma diferenciação de uma categoria que usa mão-de-obra familiar na administração e produção na propriedade, o que, paradoxalmente, os não familiares fazem uso de mão-de-obra contratada para a realização destes serviços.

Nota-se que Altafin (2003) vê o conceito de agricultura familiar como um guarda-chuva conceitual; para Schneider (2003) o termo abarcou várias categorias sociais; no Dicionário da Terra (2005), a família é proprietária dos meios de produção e também executa as atividades, por sua vez Guanzioli (2012) entende que a agricultura familiar administra e produz em seu estabelecimento. Com isso é evidente que as visões citadas possuem algumas semelhanças e divergências.

Diante “das diferentes perspectivas com relação ao termo”, concluímos que para avançar na compreensão e análise das características que permeiam este segmento social, é importante analisar as obras a seguir: *De Camponeses a Agricultores: Paradigma agrário em Questão* (ABRAMOVAY, 1990), *A agricultura familiar entre o setor e o território* (ABRAMOVAY et al, 2005). Também utilizaremos *Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: questões para debate* (BUAINAIN, 2006) e *Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural* (BUAINAIN

et al, 2003). Acreditamos que estas quatro obras permitirão um melhor entendimento do conceito agricultura familiar.

3.2 ABRAMOVAY E SUA VISÃO SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar foi formatada pelo próprio Estado. O Estado através de interferências nas estruturas agrárias, políticas agrícolas, que muitas vezes não refletem o interesse do agricultor, determinação estrita da renda agrícola e até a “modernização” do setor agrário, “criou” a agricultura familiar (ABRAMOVAY, 1990).

Segundo ele, a agricultura familiar que se encontra integrada ao mercado econômico, perdeu seu caráter camponês¹⁸ pois, apesar do campesinato e a agricultura familiar possuírem algo em comum, que é a mão de obra familiar, são nítidas as diferenças sociais que existem entre os dois segmentos. Enquanto a produção familiar está inserida no mercado, a agricultura camponesa ainda produz para a própria subsistência ou possui ligações “fracas” com o mercado, ou os mercados no qual possuem conexões são mercados locais. O autor cita um exemplo que deixa notória essa disparidade. Abramovay faz um comparativo entre um suinocultor europeu do qual seu lucro depende do acordo realizado em Bruxelas, e o camponês da Índia para quem sua ligação com o mercado são as relações interpessoais que o mesmo possui. Em nossa pesquisa, foram encontrados pouquíssimos “vestígios” (mas não nulos) de uma agricultura camponesa, o que se evidencia em nosso estudo são agricultores familiares conectados ao mercado e à venda de produtos, buscando novos mercados ou estratégias de comercialização. O que “restou” do campesinato são apenas alguns hábitos culturais, como por exemplo, produzir seu próprio alimento. Com isso, a perspectiva de Bauman de cultura como algo conservador e dinâmico, propicia identificar os “vestígios” culturais, e os “novos” padrões culturais. E a Teoria Ator-Rede possibilita identificar as ligações com o mercado.

A agricultura familiar tem fortes ligações com o mercado (principalmente no Sul do Brasil) que, conseqüentemente, geram mudanças significativas advindas destas conexões; mudanças das técnicas produtivas, dos hábitos culturais, em suma, ocorrem transmutações em seu círculo social, como diz Abramovay, “de

¹⁸ Nosso objetivo aqui não é despertar uma discussão em torno do conceito agricultura camponesa ou campesinato, mais apenas expor as ideias de Abramovay (1990).

camponeses tornaram-se agricultores profissionais” (1990, p.139). Essa “nova” categoria social é caracterizada por não ser mais um estilo de vida, mas sim uma profissão, uma forma de trabalho. Neste sentido, segundo Abramovay, os laços comunitários¹⁹ entre agricultores desapareceram e deram lugar à competição e efetividade que se tornam as novas “normas” para a reprodução social dos agricultores. Nos permitimos discordar e ao mesmo tempo concordar com essa ideia de Abramovay. Em primeira instância concordamos, pois é algo que constatamos em nossa pesquisa, pois na visão de **Bm** “não se encontra mais um “camarada²⁰” para exercer funções no meio rural, apenas “tranqueiras²¹”. Em segunda instância, discordamos de Abramovay já que em Tesche e Machado (2012) a reciprocidade ainda permeia a agricultura familiar. Segundo os autores esta virtude de dar sem esperar nada em troca ainda está muito presente na família rural fortalecendo os laços sociais existentes. A reciprocidade ficou evidenciada em nossa pesquisa, na qual os agricultores da associação estudada, Associação dos Agricultores Familiares e Ecológicos de Medianeira (AAFEMED), ficaram um período sem o suporte técnico, com isso, os agricultores agroecológicos procuram ajudar-se mutuamente para resolver seus problemas na produção. Outro traço interessante é ressaltado por Finatto e Salamoni (2008), ambos enfatizam que a relação do produtor com sua propriedade é muito forte, isso se deve ao fato de muitas vezes este local ter sido herdado e pertence à mesma família por várias gerações. Nota-se que vários traços culturais camponeses ainda permeiam o ambiente rural, com isso, reforçamos novamente nossa posição em trabalhar com uma cultura rural híbrida, devido a estas distintas características da agricultura familiar. Outro ponto interessante para o estudo é a visão de Gliessman (2000) e a hibridização de técnicas agrícolas propostas pelo autor. Essa ótica permite constatar se as técnicas dos agricultores são híbridas.

Na concepção de Abramovay (1990) após a segunda guerra mundial a agricultura familiar alimentou o continente europeu, esse fato deve-se principalmente aos novos traços incorporados pela categoria social, novas técnicas de produção, inserção no mercado capitalista.

¹⁹ Abramovay entende por laços comunitários os códigos sociais que determinavam as condutas dos indivíduos, estas condutas por sua vez pautava-se pelas relações pessoa a pessoa.

²⁰ Na visão de Bm, o “camarada” seria aquele sujeito confiável e responsável que ajuda a realizar as tarefas do campo, algumas vezes sem cobrar nada.

²¹ Optamos por deixar algumas palavras pronunciadas pelos produtores, para ser um relato mais fiel de suas concepções.

Para ele o agricultor familiar não possui mais controle sobre sua propriedade, ou seja, não controla mais a maneira de produzir, o que produzir, a que preço vender, tudo isso é controlado pela esfera pública. É ela quem determina e organiza a agricultura familiar. Não sabemos até que ponto vai a interferência do Estado em nosso objeto de pesquisa.

A mão-de-obra familiar é algo extremamente importante para a agricultura familiar; essa característica torna a agricultura familiar um setor único no capitalismo contemporâneo. São poucos os setores econômicos em que os laços familiares são tão importantes para um empreendimento. Este aspecto fica evidente em nossa pesquisa, **Bm** retrata que uma de suas dificuldades é a pouca mão-de-obra em sua propriedade. Na propriedade reside **Bm**, sua esposa e uma filha, o que, na visão dele são poucos membros, e, conseqüentemente, pouco conseguem fazer na propriedade.

Finalizando o pensamento de Abramovay, o autor destaca que dentre os países Latino-Americanos foi no Brasil que o conceito agricultura familiar mais ganhou força entre os movimentos sociais, comunidades científicas e até políticas públicas. O autor afirma que a expressão agricultura familiar não é apenas “um setor social e econômico, é um valor”, em outras palavras, o conceito reflete as diversas camadas da população rural que foram marginalizadas na história agrária, e que com a criação deste termo, começaram a ser valorizadas pelas políticas agrícolas e setores de pesquisa (ABRAMOVAY *et al* 2005).

Outra característica é a formação de associações e cooperativas de agricultores. Para Abramovay *et al* (2005) alguns produtores têm dificuldades em entrar no mercado, com isso a formação de empreendimentos coletivos promovidos por agricultores são exemplos de organizações que modificam os moldes empresariais existentes, em outras palavras, apresentam características dificilmente vistas em empresas capitalistas, uma vez que propiciam a muitos agricultores adentrarem neste ambiente de comercialização. Um exemplo a ser dado são as associações e cooperativas formadas no Oeste do Paraná com o objetivo de auxiliarem os produtores na venda de seus produtos. Para Abramovay *et al* (2005), a agricultura familiar, a partir da década de 1990, também adquire uma feição sindicalista, neste momento esta categoria social reivindica pautas como: alternativas de comercialização, formas de produção associadas entre outras reivindicações.

Abramovay considera a agricultura familiar distinta da agricultura camponesa. Para ele, o camponês produz para a própria subsistência ou possui ligações tênues com o mercado, já a agricultura familiar possui fortes ligações com mercados capitalistas, o que ocasiona várias mudanças sociais e culturais nestes agricultores inseridos no mercado. Com isso, Abramovay supõe que estes agricultores não são mais camponeses, mas são “profissionais do campo”, tendo suas bases culturais camponesas substituídas por novos hábitos culturais de facetas capitalistas. Abramovay também destaca que a criação de cooperativas e associações facilita na inserção do produtor no mercado, possibilitando, desta forma, a venda de seus produtos.

Das ideias de Abramovay, usaremos duas de suas concepções: primeiro é a característica dos agricultores em formar associações para entrarem no mercado, esta ideia permite identificarmos as associações que os agricultores têm contato. A outra concepção pauta-se pela importância da mão-de-obra familiar para a agricultura familiar, desta maneira permite identificar se os laços parentescos são importantes para esta categoria social. A seguir discutiremos Buainain

3.3 A ÓTICA DE BUAINAIN SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR

Para Buainain a agricultura familiar brasileira é bem diversificada. Ela é composta por agricultores que vivem pouco acima da linha da pobreza e, simultaneamente, é composta também por agricultores afiliados ao agronegócio e que vivem muito acima desta mesma linha da pobreza. Essa diversificação também é advinda do caráter multifacetado da agricultura familiar, ou seja, das diversas características e fatores distintos que permeiam este segmento social, a citar: setor econômico, heranças culturais, formação histórica dos grupos familiares, diferentes meios de acesso e disponibilidade de recursos naturais e humanos, mercados distintos nos quais estão inseridos, etc. Portanto, para Buainain (2006), talvez seja um equívoco agregar o conceito “agricultura familiar” a estes diversos grupos distintos apenas por possuírem um princípio em comum, utilizar mão-de-obra familiar. Buainain (2006) ainda enfatiza que:

Nenhum critério ou metodologia é totalmente satisfatório, e nenhum está livre de certo grau de arbitrariedade. Em geral, o ‘corte original’— ser ou não ser agricultor familiar — é feito tomando-se,

como variável básica, a utilização de mão-de-obra familiar. Que proporção de trabalho familiar caracteriza um agricultor como familiar? A partir de que quantidade de trabalho contratado o agricultor deixa de ser familiar e passa a ser patronal? Qual a importância de fatores como herança cultural, tradições etc.? Todas essas questões são relevantes e despertam polêmicas tão intensas quanto inconclusas (BUAINAIN, 2006, p.18).

Segundo Buainain (2006), reconhecer essa diferenciação implica em uma reflexão sobre o desenvolvimento da agricultura familiar, e ao mesmo tempo, em refletir sobre os pontos positivos que uma agricultura alternativa pode trazer para esta categoria social. Para o autor, são nítidas as diferenças entre os agricultores familiares, principalmente se for comparado agricultores familiares residentes em diferentes países; com isso, Buainain explica que o conceito é apenas um rótulo com valores políticos, esse rótulo ajudou os grupos familiares brasileiros a serem inseridos na agenda política do país (BUAINAIN, 2006).

Mesmo esse conceito tendo um caráter político, não se pode ignorar os questionamentos levantados pelo autor, de que são deixados de lado muitos aspectos relevantes da agricultura brasileira. Entretanto, Buainain encontra uma maneira de caracterizar a agricultura familiar enfatizando dois segmentos: a direção do estabelecimento deve ser exercida pelo produtor, e o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado (BUAINAIN, 2006). Esta definição de agricultura familiar norteou nossa pesquisa.

Segundo Buainain (2006) a agricultura familiar foi, durante muito tempo, “carente” de políticas agrícolas, tendo mudado de cenário apenas em 1996 com a criação do Pronaf e sua ampliação em 2004. Na década de 1990 a agricultura familiar foi muito prejudicada pela inflação, o que leva Buainain a afirmar que a agricultura familiar foi e é um dos setores mais “fracos” da sociedade, sem mecanismos de proteção.

Os agricultores familiares optam pela diversificação da produção, produção de matérias primas para o uso na própria propriedade e também a plantação de alimentos para o autoconsumo; estas atividades visam reduzir que riscos econômicos e alimentares atinjam o estabelecimento. Entretanto, Buainain (2006) ressalta que estas ações são feitas também por outro viés:

[...] a diversificação e a produção para autoconsumo se explicam pelas condições objetivas enfrentadas pelos agricultores familiares no passado e que não estão ainda superadas para um número significativo de produtores: acesso precário aos mercados; imperfeições do processo de comercialização que tinham como resultado a baixa remuneração do esforço produtivo e a transferência de renda para os intermediários; insegurança alimentar por causa da distância dos mercados; isolamento nos períodos de chuva; acentuadas variações de preço entre a safra e a entressafra; ausência de mecanismos de financiamento e proteção contra os riscos da natureza (BUAINAIN, 2006, p. 34).

Em nosso caso, a diversificação da produção acontece por ser um dos pressupostos da agroecologia, e também para diminuir a compra de insumos alimentícios, diminuindo assim os gastos financeiros.

Devido às alegações destacadas anteriormente, a opção pela diversificação da produção e autoconsumo alimentar é adotada pela maioria dos agricultores familiares. Todavia, conforme estas implicações vão sendo superadas, é notório que os agricultores vão especializando a produção e estabelecendo relações mais fortes com o mercado. Essa especialização da produção e maior interação com o mercado causam uma mudança na dinâmica e lógica produtiva da agricultura familiar, pois, novas normas e exigências serão impostas a estes agricultores, o que pode debilitar algumas unidades produtivas nas quais os agricultores possuem pouco suporte técnico e dificuldades em se readaptar ao novo modo de produzir, por outro lado, se os agricultores tiverem suporte técnico e boa capacidade de aprendizagem, esta especialização da produção e ligação com o mercado permite melhorar suas condições de vida (BUAINAIN, 2006).

Buainain (2006), destaca que na região Sul do Brasil mais de 70% dos agricultores familiares vende mais de 50% de sua produção, enquanto no Nordeste mais de 50% dos agricultores são poucos ligados ao mercado. Contudo, os agricultores do Nordeste vivem abaixo da linha da pobreza, e os agricultores do sul vivem relativamente melhor que os produtores do Nordeste. Este ponto reflete a importância que o mercado de comercialização tem para o agricultor familiar. No nosso estudo, em sintonia com as características levantadas por Buainain (2006) observamos a importância do comércio para os agricultores. Os agricultores pesquisados retratam a importância que a associação tem no processo de comercialização dos produtos. Para eles, a associação é a entidade que os articula

ao mercado, pois possibilita a venda dos produtos ou como destaca **Jf**, “a associação para nós é fundamental, pois ela é o nosso mercado”.

Outro aspecto importante estudado por Buainain é o emprego não-agrícola. Para o autor, este tipo de emprego é proveniente da modernização da agricultura somado “à expansão de atividades industriais e de serviços, a montante e a jusante das atividades estritamente agrícolas” (BUAINAIN *et al*, 2003, p.315). Outro motivo é a expansão das indústrias que tem buscado espaços no meio rural para realizar suas atividades. Corroborando com as ideias de Buainain, Schneider (2003) e Silva (1997) também estudam o assunto. Schneider (2003) destaca um fenômeno chamado pluriatividade, no qual acontece a praticidade de atividades não-agrícolas realizadas por atores do meio rural. Este novo molde de trabalho é efetuado dentro ou fora da propriedade rural. Silva (1997) ressalta que na dinâmica rural estão inseridas as mais diversas atividades: prestação de serviços pessoais, comércio, indústria (agroindústrias), turismo rural, lazer (através dos pesque-pague, hotéis-fazenda, chácaras), bens de saúde, etc. Com isso, pode-se perceber que o ambiente rural não é apenas um local de produção de alimentos, ou, nas palavras de Silvia (1997) “não se pode caracterizar o meio rural brasileiro somente como agrário” (p. 24). Ficou evidente, este “fenômeno” em nossa pesquisa, pois **Bm** possui a sua agroindústria de melado. Esta constatação reforça nossa posição em estudar a cultura sob a ótica híbrida.

Buainain também vê a agricultura familiar como um fortalecedor da democracia. Para o autor, a agricultura familiar pode dar contribuições econômicas através da geração de renda, contribuições sociais ao compartilhar as riquezas não as monopolizando, e contribuições políticas na divisão do poder. Para isso acontecer é necessário que a agricultura familiar seja “explorada”, em outras palavras, a agricultura familiar deve se desenvolver e acompanhar as mudanças da sociedade no geral, e não visar o desenvolvimento sobre si mesmo, que usa a terra como terra de trabalho, mas sim visar um desenvolvimento desta “terra”.

Na visão de Buainain (2006), muitos agricultores familiares têm dificuldades de se inserirem no mercado. Estas dificuldades permeiam quatro motivos, flexibilidade, informação, qualidade e *timing*. Em matéria de flexibilidade, os produtores têm sérias dificuldades financeiras e tecnológicas para acompanhar as mudanças ou satisfazer as exigências do mercado capitalista. Muitos agricultores não possuem recursos, infraestrutura e conhecimentos necessários para se

ajustarem aos moldes estabelecidos pelo mercado. Com isso, não satisfazendo as regras do mercado, este produtor é “excluído” do meio. A respeito das informações, os agricultores possuem um acesso precário às informações, e mesmo quando possuem essas informações, poucos conseguem colocar em prática devido, principalmente, a falta de recursos financeiros. Outro ponto é qualidade e *timing*, estes dois aspectos também são consequência dos poucos recursos financeiros e tecnológicos dos agricultores. A falta de capital dificulta o aproveitamento de fases favoráveis do mercado, como, por exemplo, plantar determinado produto fora de época ou antecipar a colheita para vender no final de entressafra; estes aspectos influenciam também a qualidade dos produtos. Diante destas dificuldades da inserção no mercado, os agricultores optam por alternativas como: feiras, cooperativas e associações.

Na perspectiva de Buainain *et al* (2003) um grande problema enfrentado pela agricultura familiar é o êxodo rural. Para o autor, o número de indivíduos no meio rural tende a diminuir, e com isso diminui também a mão-de-obra familiar. Os motivos que levam a estes fatores são vários, Buainain *et al* (2003) destaca alguns:

[...] é notório que tanto o tamanho das famílias rurais como da mão-de-obra familiar tende a diminuir. Nas áreas mais desenvolvidas, o esvaziamento é associado às novas e melhores oportunidades oferecidas aos filhos dos agricultores nos centros urbanos, ou à falta de desenvolvimento local, em particular no meio rural. Na camada de produtores familiares mais prósperos, é comum que os filhos sejam enviados às cidades para estudar, contribuindo para reduzir a disponibilidade de mão-de-obra. Nas áreas mais pobres e menos dinâmicas, a redução da mão-de-obra está associada aos tradicionais fatores de expulsão (BUAINAIN *et al*, 2003, p. 332).

Em nosso estudo, constata-se que os jovens abandonam o campo por melhores oportunidades na cidade, ou por causa da “dura vida” no campo. Outro ponto mencionado na pesquisa por **Am** é a falta de incentivo ao produtor, e que também é ressaltado por Buainain (2006), que explica que uma das maneiras de fazer com que o jovem permaneça no meio rural é o incentivo através de políticas públicas voltadas para estimular os jovens agricultores.

Uma das consequências deste êxodo é o envelhecimento do meio rural, como pudemos observar com relação ao agricultor **Em**, que não conta mais com a ajuda dos filhos na propriedade. Outro aspecto interessante enfatizado por Buainain

et al (2013) é a tendência do Brasil em seguir os “rumos da Argentina”, ou seja, para os autores o desenvolvimento agrário no Brasil vai ser uma “cópia” do que aconteceu na Argentina; a dominação da agricultura de alta escala, e esvaziamento demográfico do campo. Novamente encontramos esse problema junto aos agricultores pesquisados, e de certa maneira fomos “alertados” por **Em**, **Am** e **Jf** sobre as consequências do êxodo rural. Todos eles expressaram grande preocupação com esta problemática.

Buainain (2006) entende que além da agricultura familiar possuir um caráter heterogêneo devido principalmente a fatores culturais, ambientais, sociais e econômicos, esta categoria social é “controlada”. Nas palavras de Buainain:

A agricultura familiar está inserida e envolvida por um conjunto de relações que determinam, em grande medida, sua dinâmica, espaço, desempenho e futuro (BUAINAIN, 2006, p.61).

Compreendemos que Buainain percebe a agricultura familiar como uma categoria diversificada, heterogênea. Para o autor, não tem uma metodologia adequada para a heterogeneidade presente da agricultura familiar. Buainain destaca o caráter político do conceito, bem como também a importância do comércio para a categoria social. A diversificação da produção nos agricultores familiares é importante, contudo conforme o agricultor vai estabelecendo melhores relações com o mercado, o mesmo tem uma tendência de especializar a produção.

Entendemos também que Buainain vê a agricultura familiar como um fortalecedor da democracia, pois a categoria não visa concentração de riqueza e poder, e, simultaneamente, é uma fonte geradora de riqueza. Buainain destaca também o êxodo rural. Para o autor a população do campo está envelhecendo devido ao alto índice de jovens que vão residir no meio urbano. Para o autor políticas agrícolas voltadas para esta problemática devem ser feitas, com o objetivo, principalmente, de manter o jovem no campo.

Dentre as ideias de Buainain estabelecemos um recorte em quatro de suas concepções: primeiro na sua definição de agricultura familiar, na qual o autor caracteriza a agricultura familiar enfatizando dois segmentos: a direção do estabelecimento deve ser exercida pelo produtor, e o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado. Foi com essa definição que concebemos a pesquisa; segundo, o emprego não-agrícola que nos propiciou identificar esta modalidade no campo;

terceiro, o êxodo rural, suas ideias envolvendo este fenômeno nos ajudaram a entender o mesmo em nossa pesquisa; e, por último, o universo da agricultura familiar é heterogêneo, por isso possibilitou trabalhar com nosso objeto de pesquisa entendendo esta diversidade. A seguir realizamos uma discussão geral do capítulo.

3.4 DISCUTINDO AGRICULTURA FAMILIAR

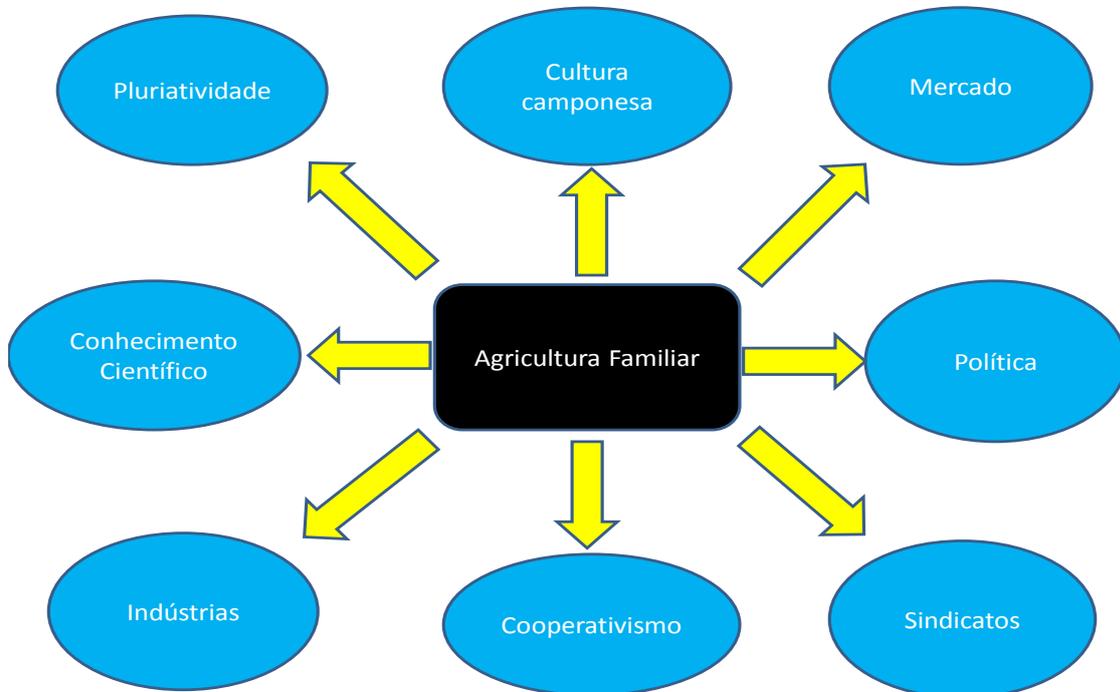
Tivemos por finalidade neste capítulo discutir o conceito de agricultura familiar. Como foi visto alguns autores se assemelham na caracterização do conceito, enquanto outros são totalmente díspares. Notamos que Abramovay vê agricultura familiar totalmente diferente da agricultura camponesa, para o autor a diferença básica entre as duas categorias pauta-se pela primeira ser integrada ao mercado, enquanto a segunda produz para a subsistência. Já em Buainain a agricultura familiar é uma categoria heterogênea, composta por distintos grupos sociais, e que possui um caráter político.

Procurando avançar em nosso entendimento no assunto, destacamos que este segmento social é um universo híbrido, composto por diferentes grupos sociais, heranças culturais, entre outras especificidades. Esta categoria ganhou certa notoriedade a partir da década de 1990 com a criação do Pronaf, mas na atualidade vai perdendo espaço para o agronegócio devido principalmente ao êxodo rural dos jovens.

Destaca-se também o emprego não-agrícola, ou a pluriatividade, esta nova “modalidade” tem sido uma alternativa para agricultores permanecerem no meio rural.

Concluimos que a agricultura familiar está inserida em uma rede híbrida, composta por diversas ligações. Buainain (2006) ressalta que a diversidade encontrada na agricultura familiar é provinda do meio social e cultural no qual estes atores estão inseridos. A figura a seguir demonstra as diversas conexões existentes na agricultura familiar, estas ligações são, em grande medida, responsáveis pela hibridização da mesma.

Figura 2: Redes onde/ em que a agricultura familiar está inserida



Fonte: Abramovay (1990) (2005); Buainain (2006) (2003) (2013); Schneider (2003); Tesche e Machado (2012) Organização: Oliveira (2014).

Nesta rede, também fazem parte, ONGs, mercados, conhecimento cotidiano, estado, associações, empresas integradoras, etc.

Fica nítido que a agricultura familiar situa-se num “contexto” de alta complexidade no qual permeiam distintas características rurais e não rurais. Com isso, concluímos que a melhor maneira de se estudar este universo é com o conceito de híbridos disponibilizado por Latour. Para finalizarmos o capítulo, no quadro numero três se encontram as concepções que foram utilizadas na dissertação.

Quadro 3: Óticas sobre Agricultura Familiar

Autor	Óticas
Abramovay (1990) (2005)	A formação de empreendimentos coletivos promovidos por agricultores são verdadeiros exemplos de organizações que modificam os moldes empresariais existentes, em outras palavras, apresentam características dificilmente vistas em empresas capitalistas, e que propiciam que muitos agricultores adentrem neste ambiente de comercialização.
	A mão-de-obra familiar é algo extremamente importante para a agricultura familiar, essa característica torna a agricultura familiar um setor único no capitalismo contemporâneo. São poucos os setores econômicos (ou talvez nem tenha) em que os laços familiares são tão importantes para um empreendimento.
Buainain (2006) (2003)	A agricultura familiar brasileira é heterogênea. Ela é composta por agricultores que vivem pouco acima da linha da pobreza e simultaneamente é composta também por agricultores afiliados ao agronegócio e que vivem muito acima desta mesma linha da pobreza. Essa diversificação, também é advinda do caráter multifacetado da agricultura familiar, ou seja, das diversas características e fatores distintos que permeiam este segmento social, a citar: setor econômico, heranças culturais, formação histórica dos grupos familiares, diferentes meios de acesso e disponibilidade de recursos naturais e humanos, mercados distintos no qual estão inseridos, etc.
	A agricultura familiar pode ser caracterizada por dois segmentos: a direção do estabelecimento deve ser exercida pelo produtor, e o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado.
Buainain (2006) (2003)	O emprego não-agrícola é proveniente da modernização da agricultura somado “à expansão de atividades industriais e de serviços, a montante e a jusante das atividades estritamente agrícolas”. Outro motivo é a expansão das indústrias, que tem buscado espaços no meio rural para realizar suas atividades.
	Com o êxodo rural, o tamanho das famílias rurais como da mão-de-obra familiar tende a diminuir. Nas áreas mais desenvolvidas, o esvaziamento é associado às novas e melhores oportunidades oferecidas aos filhos dos agricultores nos centros urbanos, ou à falta de desenvolvimento local, em particular no meio rural. Na camada de produtores familiares mais prósperos, é comum que os filhos sejam enviados às cidades para estudar, contribuindo para reduzir a disponibilidade de mão-de-obra. Nas áreas mais pobres e menos dinâmicas, a redução da mão-de-obra está associada aos tradicionais fatores de expulsão.

Fonte: Buainain (2006) (2003); Abramovay (1990) (2005);
Organização: Oliveira (2014);

No próximo capítulo nos debruçamos sobre o histórico do Oeste Paranaense, da cidade de Medianeira e da associação dos agricultores. Também será realizada uma caracterização do objeto de pesquisa.

CAPÍTULO 4

HISTÓRICO, REDES E CARACTERÍSTICAS DO OBJETO DE ESTUDO

Por ser a cultura historicamente construída, é importante para a dissertação apresentar alguns aspectos do histórico da região Oeste do Paraná, bem como também a história da cidade de Medianeira e da associação de agricultores. Neste capítulo procuraremos analisar e entender a formação cultural e regional onde os agricultores estão inseridos. Contudo, por não ser o objetivo de nosso estudo, não discutiremos a complexidade da formação cultural da região, além disso, há uma escassa bibliografia sobre o assunto, o que dificulta muito o seu aprofundamento.

Desta forma o texto se apoiará em Rohde e Biesdorf (1996) e na tese de Gregory (2002). Neste capítulo procuraremos descrever também a formação da Associação de Agricultores com o objetivo de expor as características e redes de nosso objeto de pesquisa.

4.1 HISTÓRICO DO OESTE DO PARANÁ

A região Oeste do Paraná é composta por cinquenta municípios com uma extensão territorial de 22.851,1 Km² e uma população de 1.219.551 habitantes. Seu PIB anual é de 27.937.555.000 (IBGE, 2010).

Segundo Gregory (2002) a ocupação do espaço no Brasil, por muito tempo limitou-se apenas no litoral, as áreas mais no interior só recebiam atenção quando as fronteiras estavam ameaçadas por países vizinhos. No Paraná não foi diferente, tendo sido colonizado primeiramente em seu litoral, porém, em 1889, foi criada no Oeste Paranaense a colônia militar, que deu origem ao atual centro urbano de Foz do Iguaçu. Esta colônia tinha o propósito de manter as fronteiras territoriais.

A cidade de Foz do Iguaçu é a cidade mais antiga da região, hoje com 100 anos, entretanto, naquela época, eram poucos os brasileiros que viviam neste local, que era amplamente habitado por estrangeiros, paraguaios e argentinos. Os poucos brasileiros habitantes nesta colônia exerciam funções públicas, fiscalizando e cobrando impostos. Havia, ainda, na região, companhias de exploração da erva-mate e madeira (GREGORY, 2002).

O Oeste do Paraná foi colonizado, predominantemente, por migrantes vindos dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Estes migrantes, por sua vez, eram em grande parte descendentes de italianos, poloneses e alemães. A partir de 1920, o Oeste Paranaense (juntamente com o Sudoeste Paranaense) começou a ser visto como um espaço a ser colonizado.

Gregory (2002) enfatiza que alguns fatos em nível nacional e mundial repercutiram no Oeste do Paraná, a destacar: em função da Primeira Guerra Mundial companhias estrangeiras passaram a investir menos na exploração da erva-mate e da madeira, as Cataratas do Iguaçu já tinham ampla divulgação no Brasil e passaram a ser visitadas por um número crescente de brasileiros, Getúlio Vargas após assumir o governo em 1930, assinou o decreto 19.842, de 12 de dezembro de 1930, no qual exigia que as empresas tivessem em seus quadros de funcionários dois terços de empregados brasileiros, dificultando a permanência de estrangeiros no solo brasileiro, principalmente paraguaios e argentinos, e impondo novas dificuldades às empresas estrangeiras. Outro fato importante foi a criação do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, em 1938, que foi responsável por criar a BR- 35 mais tarde denominada BR 277, ligando Foz do Iguaçu a Ponta Grossa. Estes fatores destacados criaram condições para ocorrer a colonização da região.

Após o fim da segunda guerra mundial, as empresas estrangeiras desativaram seus empreendimentos no Oeste do Paraná, algumas chegaram à falência. Estes fatos propiciaram espaços para que as empresas nacionais investissem na região. Este acontecimento também foi fundamental para a colonização da região. Outro fator importante para a colonização foi a migração de colonos para a ampliação dos territórios agrícolas. As colônias formadas por europeus no Rio Grande do Sul e Santa Catarina já dispunham de excedentes populacionais dispostos a reproduzir seu estilo de vida em outros locais. Entre 1943/1945, foram instaladas as primeiras serrarias na região oeste, com propósitos comerciais (GREGORY, 2002).

Durante a segunda guerra mundial o Brasil tinha dificuldades para importar produtos, isso fez com que o Brasil desenvolvesse sua indústria base, tendo por consequência a rápida urbanização. Com o aumento da população urbana houve maior demanda por alimentos o que impulsionou a colonização de novas regiões por novos agricultores, e estes, por sua vez, produziram excedentes alimentícios para a

população urbana. A necessidade de madeira tanto para as construções nacionais quanto internacionais (reconstruir a Europa devastada pela segunda guerra) foi outro aspecto preponderante para a colonização, pois, desta maneira, as companhias colonizadoras primeiramente exploravam e comercializavam a madeira, e depois vendiam as terras para os agricultores que produziam alimentos e realizavam novas tarefas na propriedade (GREGORY, 2002).

A partir do final da década de 1940 e ao longo da década de 1950, ocorreu uma forte migração para o Oeste Paranaense devido aos fatos mencionados anteriormente. São várias as companhias que colonizaram o Oeste do Paraná, a destacar: Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – Maripá; a Pinho e Terras com as secções Piquiri, Céu Azul, Porto Mendes, Lopei; a Industrial Agrícola Bento Gonçalves Ltda; a Colonizadora Gaúcha Ltda; Colonizadora Matelândia Ltda e Colonizadora Criciúma Ltda.

A respeito das vendas de terras realizadas por estas empresas colonizadoras, as mesmas optaram por pequenas propriedades familiares constituídas de agricultores descendentes dos *euro brasileiros*. Estas propriedades deveriam ter um caráter agroindustrial, desta maneira se adequariam aos objetivos desenvolvimentistas estabelecidos em nível estadual e federal. As colonizadoras tinham a preocupação com as pequenas propriedades, com a industrialização e com os colonos. Elas procuravam produtores adaptados à agricultura colonial em pequenas propriedades, isso fez com que buscassem material humano do sul do Brasil. De modo geral, a colonização do Oeste do Paraná tinha semelhanças com a colonização ocorrida no Rio Grande do Sul e Santa Catarina: os lotes coloniais mediam em torno de 25 hectares e tinham uma formatação longa e estreita (GREGORY, 2002).

Apesar de algumas diferenças sociais e culturais existirem, as pessoas residentes na região eram solidárias entre si; juntos uniram-se e construíram estradas, formaram as primeiras cooperativas para conquistarem seus mercados, construíram hospitais, escolas e igrejas (GREGORY, 2002).

As companhias colonizadoras foram de grande importância no processo de colonização do Oeste Paranaense, pois, além de projetar os espaços coloniais, eram referências nas pequenas cidades em desenvolvimento, tornando-se assim instituições que propiciavam ajuda aos colonos recém chegados, dando suporte na criação de hospitais, escolas e até mesmo no comércio.

No início dos anos 1960, teve início a modernização agrícola no Brasil, esta modificação do meio rural atingiu o Oeste Paranaense no final dos anos 1960. Essa modernização do campo trouxe inúmeros impactos para os colonos, que possuíam suas próprias práticas sociais, econômicas e culturais. Estas heranças culturais foram paulatinamente substituídas e perdidas diante dos novos hábitos provindos da “inovação” rural. Com isso, novas maneiras de produção e uma inserção mais efetiva no mercado foram exigências desta “nova” agricultura para o produtor. As técnicas produtivas herdadas dos antepassados destes migrantes foram substituídas por técnicas ditas modernas e gestadas por ambientes externos ao rural; em outras palavras, neste momento o agricultor começaria a ter contato com empresas capitalistas, técnicos do estado, entre outros. A modernização agrícola do Oeste Paranaense deu-se de forma similar a outras “reformas” ocorridas no Brasil, sendo estas modernizações patrocinadas pelo Estado e outras instituições, concretizando-se de forma heterogênea, ou seja, privilegiando alguns produtores em algumas regiões (GREGORY, 2002). Com este novo modelo agrícola implantado no Oeste do Paraná, os colonos tiveram que adquirir novos conhecimentos teóricos e práticos, pois sua “formação” tradicional não era suficiente para dar conta das exigências. Para conseguir adaptarem-se aos novos padrões, os colonos optaram pelas criações de instituições como: sindicatos, escolas e cooperativas. Estas instituições objetivavam facilitar a “atualização” dos produtores. No que tange às cooperativas, a região construiu cooperativas fortes e resistentes, os agricultores em fase de transição para a agricultura convencional tinham participação constante. Para continuarem inseridos no grupo, os produtores tinham que demonstrar interesse em deixar a forma tradicional de produção optando pela “moderna” forma de produzir. Para que isso se materializasse, as cooperativas, em parceria com outras instituições, promoviam cursos, palestras e aulas práticas de campo. Os melhores produtores recebiam prêmios provenientes das empresas que vendiam máquinas e insumos aos mesmos (GREGORY, 2002).

Na década de 1970, a incorporação tecnológica da região aconteceu de forma rápida, isso devido ao fato que muitos produtores já estavam anexados ao mercado, facilitando, assim, essa “tecnificação”. Entretanto, simultaneamente, as pequenas propriedades foram diminuindo na região Oeste, conforme essa maquinaria era implantada. Estima-se que as propriedades de até 50 hectares tiveram uma redução de 109.000 unidades, sendo que a maioria destas

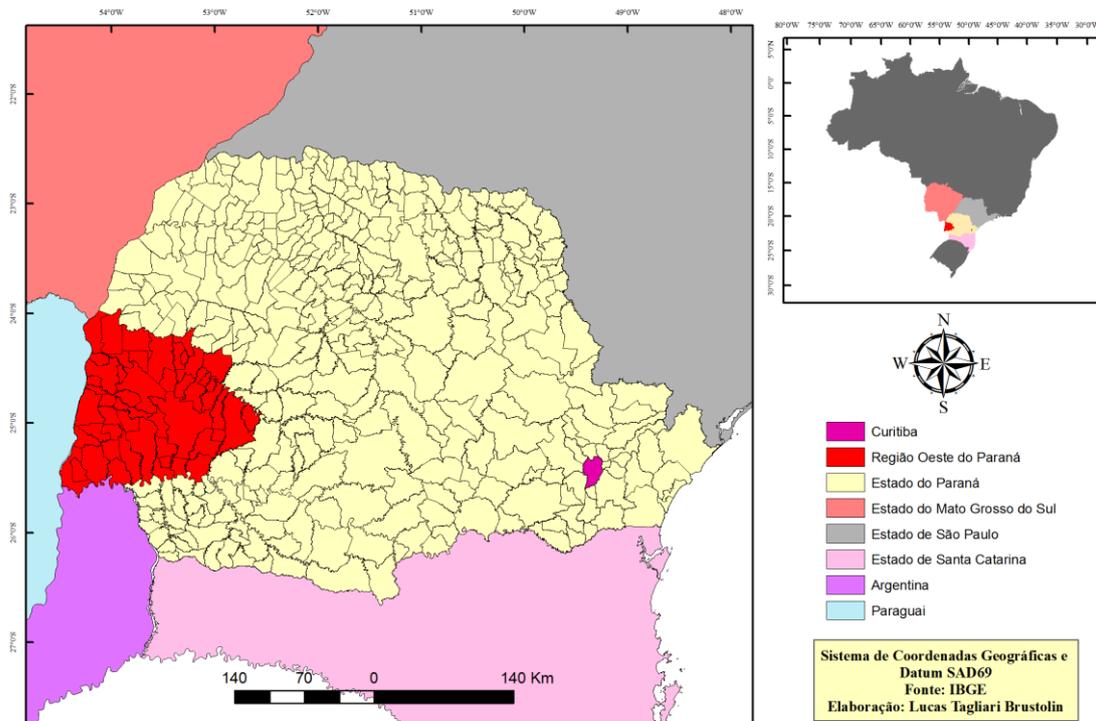
propriedades “extintas” era de 10 a 20 hectares. Os estabelecimentos que possuíam entre 20 a 50 hectares adaptaram-se melhor às mutações ocorridas no processo de modernização, enquanto os estabelecimentos de 10 a 20 hectares não possuíam capital suficiente para a transição. Vale ressaltar que o poder público teve grande influência nesta mudança do meio rural, pois era grande seu incentivo para a “modernização” do campo (GREGORY, 2002).

Segundo Gregory (2002) a modernização da agricultura também ocasionou mudanças nas relações sociais, deixando os agricultores mais individualistas; houve uma quebra nas relações de confiabilidade entre os mesmos. Essas novas ligações dos colonos com o mercado externo teve por consequência uma profunda dependência do produtor com as indústrias capitalistas, afetando assim a identidade cultural deste homem regional.

Essa transformação sociocultural tem sua gênese instalada no acesso ao crédito para a modernização, pois os agricultores menos capitalizados tinham maior dificuldade em acessar este benefício e, quando conseguiam o crédito, endividavam-se juntos ao banco e não conseguiam, muitas vezes, pagar suas dívidas. Desta maneira, uma perversa seleção de propriedades foi instalada. Os agricultores que conseguiam pagar suas dívidas continuavam a ter acesso aos créditos e os agricultores endividados, muitas vezes tinham que vender sua propriedade para pagar suas dívidas. Este aspecto, segundo Gregory (2002) reforçou a rivalidade dos agricultores, diminuindo cada vez mais os laços de companheirismo existentes. Segundo ele “a modernização da agricultura, no Oeste do Paraná, e seu processo seletivo, provocou uma tendência geral de concentração da propriedade e de concentração de produção” (p.226). Esta transformação da estrutura original provocou alterações na estrutura social da região bem como o surgimento de um importante complexo agroindustrial paranaense composto por grandes cooperativas.

Na atualidade, a região Oeste do Paraná é reconhecida como uma grande produtora de grãos, especificamente milho e soja. As cooperativas retratadas anteriormente cresceram, tornando-se empresas poderosas na região, podendo destacar a Cooperativa Agroindustrial Lar, C. Vale - Cooperativa Agroindustrial, Cooperativa Agroindustrial - Copagril, Cooperativa Agroindustrial Consolata – Copacol e a Frimesa Cooperativa Central. O mapa “1” mostra a localização do Oeste Paranaense.

Mapa 1: Localização do Oeste do Paraná



Após revisarmos, brevemente, a história do Oeste do Paraná, faz-se necessário também uma revisão da história da cidade de Medianeira, para melhor compreendermos nosso objeto de pesquisa. Na sequência abordaremos o histórico da cidade.

4.2 HISTÓRIA DA CIDADE DE MEDIANEIRA

Para conhecer a história da cidade de Medianeira será usado o livro Resgate da Memória de Medianeira (1996), um trabalho realizado pela Associação dos Professores Aposentados de Medianeira.

No dia 27 de maio de 1949 parte uma comitiva da cidade de Curitiba com destino ao Oeste Paranaense. Esta caravana chefiada por Alfredo Ruaro é composta por vinte homens vindos de vários municípios do Estado do Rio Grande do Sul, como Bento Golçalves, Guaporé e Veranópolis. Alfredo Ruaro representava a empresa Pinho de Terras Ltda, que visava à venda de uma gleba de terra localizada entre os Municípios de Matelândia e Gaúcha (atual São Miguel do

Iguaçu). Nesta comitiva estava presente o senhor José Callegari (ROHDE; BIESDORF, 1996).

Em 29 de setembro de 1949, na cidade de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, é criada uma sociedade por quotas limitadas com o nome de: Industrial e Agrícola Bento Gonçalves Ltda. Esta empresa terá por objetivo explorar o ramo de colonização e loteamento de terras, extração, industrialização e comércio de madeira e o início de práticas agrícolas. A sociedade era constituída por dois diretores: José Callegari e Pedro Soccol, e um conselho fiscal composto por sete membros: Alfonso Martinelli, Germano Dalla Costa, João Scarton Sobrinho, Andrea Argenta, Celeste Dall' Oglio, Alfeu Torriani e Adolfo Zuchetti (ROHDE; BIESDORF, 1996).

Após a demarcação das terras a serem colonizadas, a comitiva parte para o Oeste Paranaense, iniciando a derrubada da mata em setembro de 1950. Em 20 de março de 1951, chegou as quatro primeiras famílias. Dois meses depois, a nova vila é nomeada Medianeira, em homenagem a Nossa Senhora Medianeira, santa em que todos eram devotos. Em outubro do mesmo ano foi terminada a Avenida Brasília na atualidade a principal avenida da cidade (ROHDE; BIESDORF, 1996).

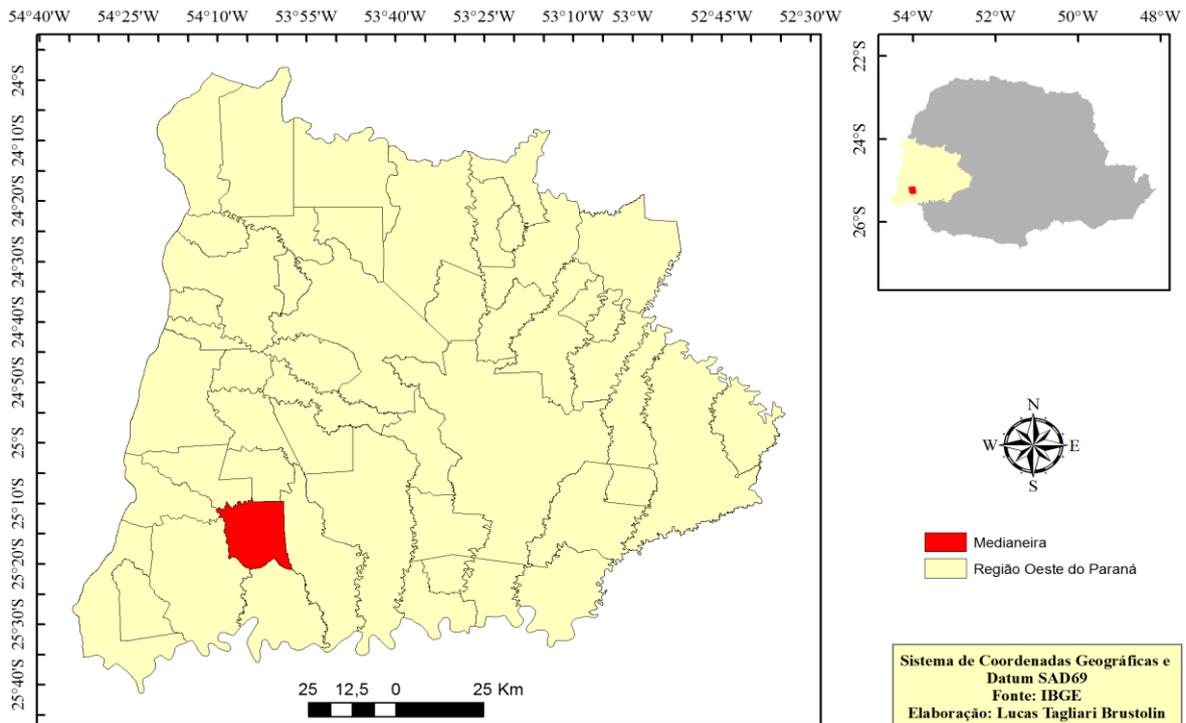
Paulatinamente, a pequena vila foi crescendo e se desenvolvendo, e sua independência política e administrativa aconteceu naturalmente. Medianeira foi fundada no dia 24 de outubro de 1951. Após fundada, o próximo passo foi a elevação de distrito de Foz do Iguaçu, que aconteceu em 31 de julho de 1952, juntamente com dos distritos de Gaúcha e Matelândia. Em 14 de dezembro de 1959, o senhor Santo Reginatto foi nomeado para exercer o cargo de subprefeito de Medianeira. Ficaria neste cargo até a criação do município. Segundo Rohde e Biesdorf (1996):

O município de Medianeira foi criado pela lei estadual nº 4245, de 25 de julho de 1960, publicado no diário oficial do estado nº 119, de 28 de julho de 1960. O município foi desmembrado do território pertencente a Foz do Iguaçu. [...] O município foi oficializado em 28 de novembro de 1961, em sessão solene de instalação da Câmara Municipal de Medianeira (ROHDE; BIESDORF, 1996, p. 328).

Atualmente, a cidade possui cerca de 42.000 habitantes, em uma extensão territorial de 328.732 km². Seu PIB anual é de 760.473 (IBGE, 2010). A cidade se destaca regionalmente por conter duas fortes cooperativas: a Frimesa Cooperativa

Central e a Cooperativa Agroindustrial Lar. Também possui uma Universidade Federal - Universidade Tecnológica Federal do Paraná e uma faculdade particular, Centro Universitário Dinâmica das Cataratas. No mapa “2” está a localização da cidade.

Mapa 2: Município de Medianeira



Segundo dados do - Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural, Unidade Medianeira (Emater) - a cidade possui oitocentas e cinquenta e duas famílias rurais e cento e cinquenta agricultores patronais. Também possui quinze associações de grupos de máquinas, uma cooperativa de Leite, a COOPLAF - Cooperativa de Leite da Agricultura Familiar com Intenção Solidária de Medianeira – duas associações para comercializações de produtos, APROME – Associação Feira do Pequeno Produtor Rural de Medianeira, com vinte famílias que realizam feira no município, e a AAFEMED - Associação dos Agricultores Familiares e Ecológicos de Medianeira. A AAFEMED foi o nosso objeto de estudo; no próximo tópico faremos um breve histórico da associação.

4.3 A HISTÓRIA DA AAFEMED

Para expor a história da associação AAFEMED, utilizaremos o relato do atual presidente da associação²², identificado nesta pesquisa como **Gm**; este agricultor é um dos sócios mais antigos e também um dos fundadores da associação.

Gm é agricultor, tem cinquenta e oito anos, é de origem italiana, sua propriedade possui 18,5 hectares e reside na Linha saúde, Medianeira. Sua esposa tem cinquenta e sete anos, o casal tem dois filhos e nenhum dos filhos reside na propriedade. Ele pratica agricultura convencional, cultiva cana-de-açúcar com a qual produz cachaça em sua agroindústria.

Gm explicita que nos anos 1980²³, iniciaram-se as conversas e reuniões para se formar uma associação com o objetivo de comercializar os produtos diretamente com o consumidor, evitando assim os atravessadores, que na visão dele só tinham o trabalho de repassar o produto tornando a despesa do agricultor maior e, conseqüentemente, o lucro do agricultor, menor (Gm: entrevista “1” Agricultor, pesquisa de campo 2014).

Nos anos 1990²⁴ a associação é registrada sob o nome APAM - Associação dos Pequenos Produtores de Medianeira - e ganha trezentos mil dólares de uma ONG²⁵ da Bélgica. Segundo **Gm** o governo Belga tinha recursos que eram destinados a promover o desenvolvimento em países subdesenvolvidos. Após a aquisição deste dinheiro a associação também ganha um terreno da prefeitura da cidade, e assim é aberto um mercado para comercialização e também uma feira (Gm: entrevista “1” Agricultor, pesquisa de campo 2014).

Com a abertura da feira e do mercado, os agricultores também abriram um ponto de venda em Foz do Iguaçu e planejaram construir um frigorífico, nas palavras de **Gm**:

[...] a gente abriu em Foz do Iguaçu também alguma coisa lá dai partimo pro, a gente queria abate animais né, bovinos, ai a gente penso em monta uma estrutura mínima pra te condição de abate mais, ai foi indo legalmente, a gente gasto um monte de dinheiro e acabo não rendendo em nada, ai foi tipo uma derrocada foi Foz do

²²Optamos por utilizar o relato do agricultor, pois a associação não tem nenhum documento ou texto com o seu registro histórico.

²³ Gm não lembra a data exata do inicio das reuniões.

²⁴ Novamente Gm não lembra a data exata do acontecimento. Entretanto em busca pela internet, a informação encontrada é que a data da criação da associação é 16/10/1991, ver esta informação no site: <http://wooki.com.br/w/cnpj/apam/cG2wdh7Dhy3BclfbvR6g9UDRb>.

²⁵ Gm não lembra o nome da ONG.

Iguaçu, foi o frigorífico, e daí foi a APAM mesmo, foi pro buraco (Gm: entrevista 1 Agricultor, pesquisa de campo 2014, linhas 39-43).

É importante lembrar que antes desta queda da associação, ela era composta por cento e vinte e cinco associados e trinta e oito feirantes. Após o investimento que não deu certo, a APAM fechou o mercado de comercialização e continuou apenas com a feira. Além disso, o local onde os agricultores faziam a feira também foi vendido, e os agricultores passaram a realizar a feira em outro lugar, que segundo **Gm** era um péssimo local para fazer feira; nesta época ficaram apenas umas dez a doze famílias na associação. Após um tempo, estes agricultores tiveram que deixar este novo local de comercialização, e nas palavras de **Gm**, “ficamos na rua” (Gm: entrevista “1” Agricultor, pesquisa de campo 2014).

Segundo **Gm**, depois desse “despejo” o mesmo parou de realizar venda de produtos na Feira, por falta de espaço para realizar a comercialização. Depois de um mês **Gm** ficou sabendo que alguns agricultores estavam vendendo produtos na praça da cidade, deixando os produtos no carro e realizando a venda “no carro mesmo”. Nesta época também alguns agricultores iniciam a produção orgânica e, algum tempo depois, mais especificamente, em 24 de julho de 2002 foi fundada a APROMED - Associação dos Produtores Orgânicos de Medianeira (Gm: entrevista “1” Agricultor, pesquisa de campo 2014).

Com a criação da associação dos produtores orgânicos, as duas associações começaram a realizar feira juntas, foram muitas as dificuldades enfrentadas, segundo **Gm**:

[...] a gente abriu uma barraca junto com os orgânicos né, e a gente fez feira ai na praça uns dois anos, a gente montava a barraca de manhã quando era calor era calor, quando era frio era frio, quando tinha chuva, tinha chuva, molhava quem iria compra e quem tava lá, mais a gente enfrento tudo isso [...] (Gm: entrevista 1 Agricultor, pesquisa de campo 2014, linhas 90-93).

Gm explica que alguns agricultores eram associados à APAM e à APROMED, isso e mais a questão de venderem seus produtos no mesmo local, facilitou a união destas associações, que ocorreu no dia 22 de Agosto de 2006, nesta data foi criada a - AAFEMED - Associação dos Agricultores Familiares e Ecológicos de Medianeira (Gm: entrevista 1 Agricultor, pesquisa de campo 2014).

Na atualidade a AAFEMED possui cerca de cento e dois associados, apenas dez agricultores da associação são produtores agroecológicos certificados pela Rede Ecovida. A associação possui convênio com a cooperativa COAFASO - Cooperativa da Agricultura Familiar e Solidária do Oeste do Paraná – para poder realizar a comercialização de produtos (Gm: entrevista “1” Agricultor, pesquisa de campo 2014).

Com relação à comercialização, a associação AAFEMED realiza para os agricultores convênios com programas do Governo Federal PAA e PNAE, também vende os produtos dos mesmos. As vendas acontecem da seguinte maneira: os produtores trazem os produtos para a associação, cada produtor coloca o próprio preço em seu produto, e o agricultor irá receber apenas pelos alimentos vendidos. Da venda, são descontados vinte por cento do lucro do agricultor, três por cento vai para a cooperativa COAFASO, e o resto fica para suprir as despesas da associação com energia, água, funcionários, etc.(Gm: entrevista “1” Agricultor, pesquisa de campo 2014). No mapa três está a localização da AAFEMED, e na foto um está a associação.

Mapa3: Localização da AAFEMED

Mapa de Localização da Sede da Associação dos Agricultores Familiares e Ecológicos de Medianeira- AAFAMED

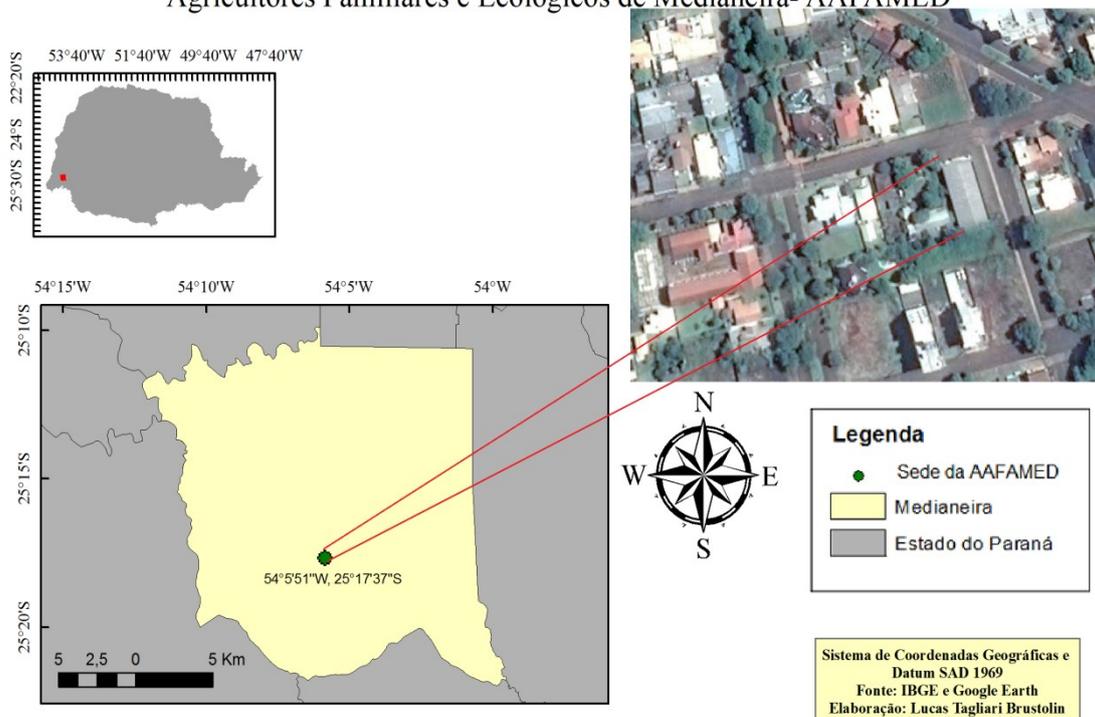
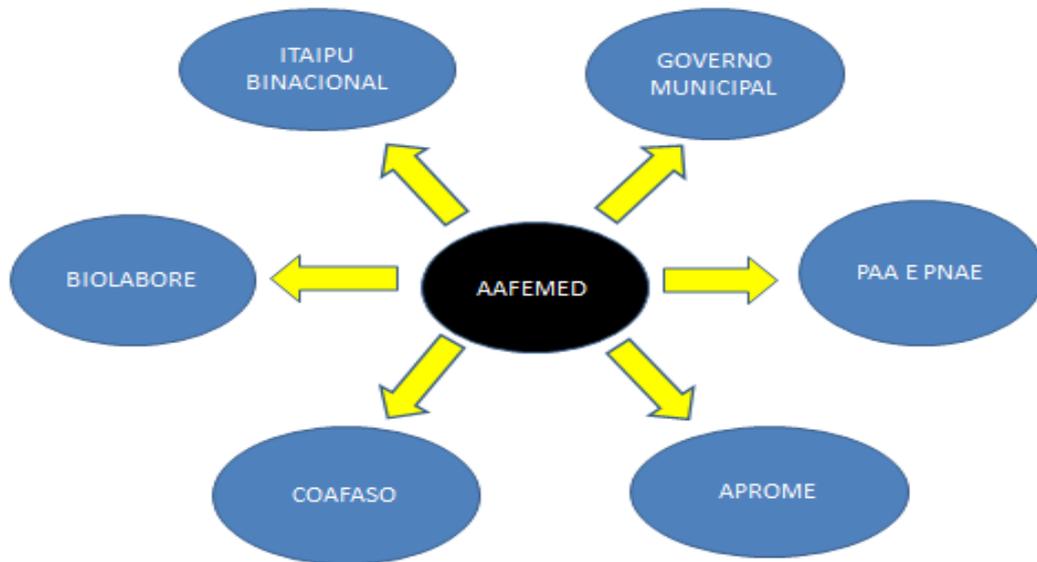


Foto1: AAFEMED

Fonte: OLIVEIRA (2014);

A AAFEMED, no momento, não possui nenhuma dívida, entretanto, enfrenta alguns problemas como falta de variedades de produtos, alguns programas governamentais demoram a efetuar os pagamentos, gerando certas crises financeiras entre alguns associados. Por objetivos, a associação pretende manter sua estrutura de comercialização e, se possível, aumentar para melhor atender a demanda de produtos na região. Também visa aumentar a diversidade dos produtos e, simultaneamente, a qualidade (Gm: entrevista “1” Agricultor, pesquisa de campo 2014).A seguir, na figura dois, está a rede no qual esta inserida a AAFEMED.

Figura 3: Redes da AAFEMED



Organização: Oliveira (2014)
 Fonte: Pesquisa de Campo (2014);

A ligação com a Itaipu Binacional acontece através da BIOLABORE, pois é a Itaipu quem paga o salário do técnico agrícola que dá suporte aos associados. A ligação com a APROME – Associação Feira do Pequeno Produtor Rural de Medianeira existe, pois as duas associações dividem o mesmo espaço físico e o local foi adquirido em conjunto. A seguir, descrevemos o perfil dos agricultores que participaram de nossa pesquisa.

4.4 DESCRIÇÃO DOS ATORES EM, JF, BM E AM

Os agricultores **Em**, **Am**, **Bm** e **Jf** são os principais protagonistas deste trabalho, é baseada em seus relatos que a pesquisa foi estruturada. Descreveremos estes atores separadamente na próxima etapa.

4.4.1 Agricultor Agroecológico Bm

Bm é um agricultor agroecológico, tem setenta anos, reside na Linha Santa Rita, Medianeira. Tem descendência italiana e nasceu em Santa Catarina. Sua propriedade possui 26,5 hectares que segundo ele é uma terra com morros e

pedras, por isso é pouco produtiva. A propriedade foi herança dos pais e vive ali desde 1963 e sempre foi agricultor.

Na propriedade residem **Bm**, sua esposa e uma filha. São católicos. **Bm** tem duas filhas, uma de dezoito anos, já casada, e não reside mais na propriedade, e a outra tem dezesseis anos e ainda mora com o pai. A principal atividade geradora de renda é a fabricação de melado e açúcar mascavo em sua agroindústria, porém também cria galinhas, porcos e vacas para consumo próprio. Além disso, também planta grãos como feijão e milho e cultiva hortaliças.

Bm recebe aposentadoria do Governo Federal, e possui convênio com o PAA. Em sua propriedade usa tecnologia de tração animal, possui uma trilhadeira e motosserra e faz uso de ferramentas como enxada e machado. Não usa nenhum insumo químico em sua propriedade, possui convênio com a cooperativa COAFASO, AAFEMED e Sindicato dos Trabalhadores Rurais; não é filiado a nenhum Partido Político e usa o Pronaf para investimentos. Com relação à assistência técnica **Bm** a recebe mensalmente, ou quando precisa de ajuda. Quem lhe dá suporte é o técnico da BIOLABORE - Cooperativa de Assistência Técnica e Trabalho do Paraná -, para **Bm** a assistência técnica é importante pois sempre aparece alguma dúvida.

4.4.2 Agricultora Agroecológica Jf

Jf é agricultora, tem quarenta e três anos, casada, tem dois filhos, descendente de italianos e reside na Linha Sávio, Medianeira. A propriedade pertence aos seus pais, possui sete hectares e vive no local há seis anos. Seus pais são assentados da Reforma Agrária. O marido de **Jf** tem quarenta e sete anos, e assim como ela é produtor rural; na propriedade vivem seis pessoas e a principal geração de renda é o plantio de hortaliças e a comercialização de leite. **Jf** é católica tem dois filhos, um de doze anos e outro de vinte e cinco anos que residem na propriedade. Possui convênio com PAA e PNAE, são associados à AAFEMED, COAFASO e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e não possui vínculo com partidos políticos. Recebe assistência técnica da BIOLABORE uma vez por mês e acha a assistência importante, pois sempre “aparece dúvidas”. Faz uso do Pronaf para investimentos, usa insumos químicos em uma pequena área da propriedade para

produzir milho, é produtora agroecológica há cinco anos, não realiza nenhuma atividade extra-propriedade e não recebe benefícios do Governo Federal.

4.4.3 Produtor Agroecológico Am

Am tem quarenta anos, é de descendência polonesa e italiana, e nasceu no Paraná. Reside na Linha São Valentim, Medianeira. É dono da sua propriedade que possui trinta e dois hectares, a propriedade é advinda de herança e mora no local há quarenta anos. **Am** é agricultor, sua esposa tem trinta e sete anos e também é agricultora. Em sua propriedade residem seis pessoas, todos católicos e a principal fonte de renda é o leite e gado de corte, contudo, planta, também, milho, feijão e hortaliças.

Não realiza nenhuma atividade extra-propriedade, seus pais recebem aposentadoria do Governo Federal; **Am** tem duas filhas, uma de treze anos e outra de quatro anos, ambas moram na propriedade.

Am possui convênio com PAA e PNAE, não usa nenhum tipo de insumo químico, é sócio da COAFASO e AAFEMED e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, não tem vínculo com partidos políticos, acha a assistência técnica importante e recebe a mesma uma vez por mês, do técnico da BIOLABORE. Também utiliza o Pronaf para investimento. **Am** pratica agroecologia há treze anos, faz uso de trator e ferramentas como enxada, foice e machado.

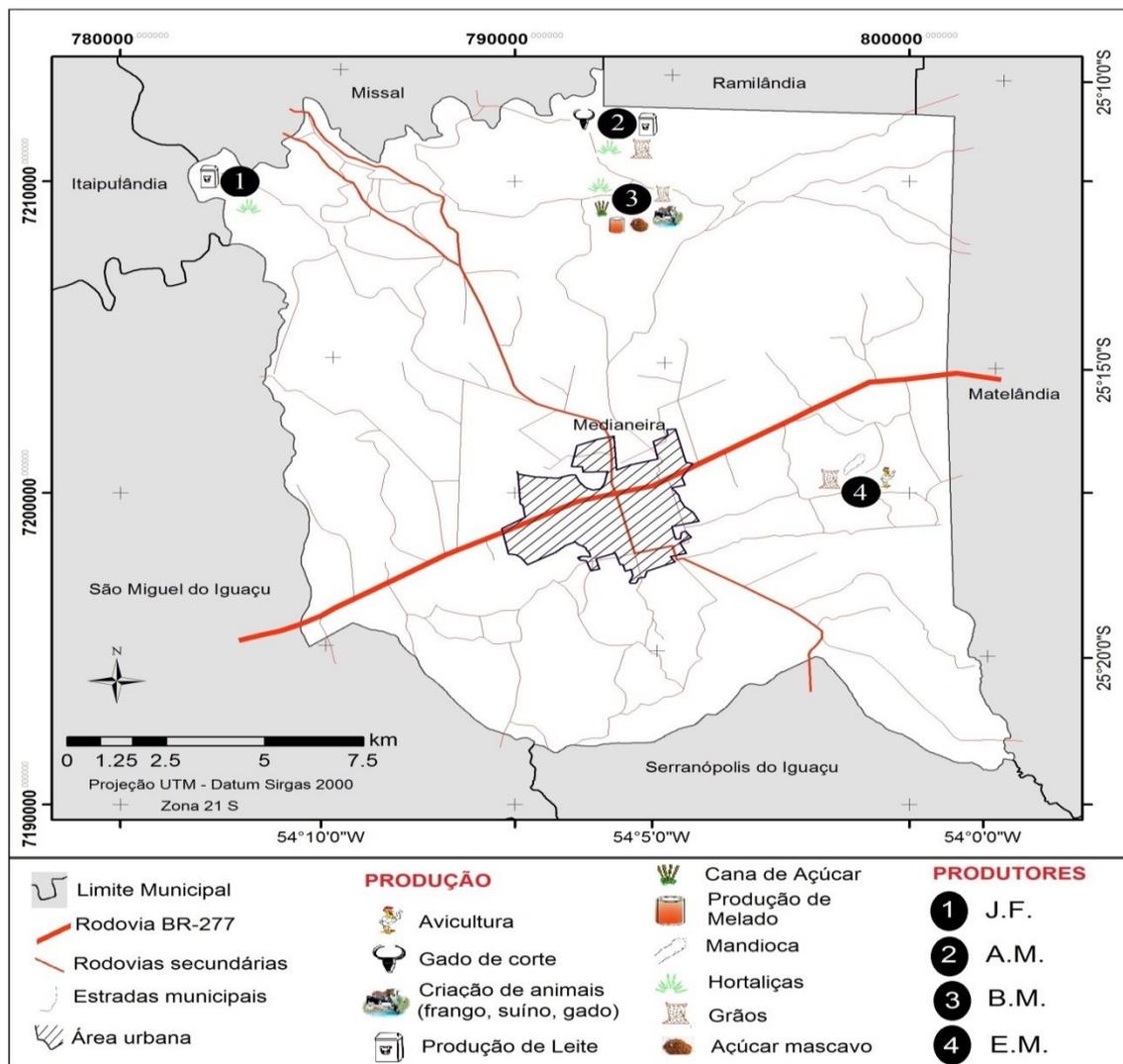
4.4.4 Agricultor Convencional Em

Em tem cinquenta e sete anos, é produtor convencional e reside na Linha Salete, Medianeira. É descendente de italianos e nasceu no Paraná. É dono de sua propriedade que possui oito hectares e vive no local há cinquenta anos. Sempre foi agricultor, sua esposa tem cinquenta e sete anos, e na propriedade vivem apenas **Em** e sua esposa. **Em** é católico é pai de três filhos, dois homens de trinta e dois e vinte e nove anos e uma filha de vinte e cinco anos, nenhum deles reside na propriedade.

A principal fonte de renda é a plantação de grãos: milho, soja e feijão, e também tem criação de frango caipira e plantação de mandioca. Sua esposa recebe aposentadoria do governo federal. Em sua propriedade usa máquinas agrícolas

como trator, plantadeira e pulverizador. Possui convênio com PAA e PNAE, faz uso de insumos químicos e agrotóxicos, e é sócio da AAFEMED e COAFASO, também faz parte do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Recebe assistência técnica do técnico da BIOLABORE, acha importante essa assistência para trocar ideias, não desenvolve agroindústria e usa o Pronaf para custeio e investimento. **Em** possui uma característica interessante, este agricultor praticava agricultura convencional, mudou para a agroecologia e por fim voltou à agricultura convencional. No mapa número quatro, a localização das propriedades destes agricultores.

Mapa 4: Localização das propriedades de Bm, Jf, Em e Am



Fonte: Pesquisa de Campo (2014).

Neste capítulo foi feito um breve histórico do Oeste do Paraná e da cidade de Medianeira, bem como também as redes nas quais a associação AAFEMED está inserida, e o perfil dos agricultores entrevistados. A seguir no capítulo cinco, expomos o resultado de nosso trabalho.

CAPÍTULO 5

ARENAS, INTERFACES, REDES E TRADUÇÕES: A INTERAÇÃO ENTRE CULTURA E AGROECOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo discutir e apresentar os resultados de nossa pesquisa empírica. O capítulo está dividido em nove seções; nele procuramos demonstrar a influência da cultura na agricultura agroecológica. Os tópicos discutem os aspectos culturais que contribuem na adoção e manutenção da agroecologia, bem como também na não adoção e não perpetuação da agroecologia. Na última parte procuramos realizar uma discussão do capítulo.

Num primeiro momento, entendemos que a agroecologia pode proporcionar muitos benefícios aos agricultores que a praticam, iremos discutir este assunto na sequência.

5.1 OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA AGROECOLOGIA

A agroecologia pode proporcionar vários benefícios aos seus praticantes, e conseqüentemente os mesmos fazem com que muitos produtores adotem ou mantenham esta prática. Num primeiro instante, identificamos na pesquisa que a agricultora **Jf** retrata que a agroecologia foi, para ela, uma alternativa produtiva; em suas palavras “a gente começou a ver uma luz no fim do túnel” (Jf: entrevista “1” Agricultora, pesquisa de campo, linha 20). Segundo ela, após a intoxicação de seu marido, tiveram dificuldades em sua propriedade, pois eles eram da “lavoura” e sua migração para o meio urbano não seria inviável para a família, uma vez que eles só sabiam trabalhar no meio rural. A afirmação da agricultora vem de encontro com a concepção de Brandenburg (2002) que diz ser a agroecologia uma opção de sobrevivência aos agricultores familiares.

Outro aspecto que faz da agroecologia uma alternativa produtiva é sua ótica de diminuição do uso de insumos externos na propriedade. Para Gliessman (2000) este é um dos objetivos da agroecologia. Esta premissa é retratada por **Jf** que afirma o baixo custo que a família tem com a compra de insumos, pois dão ênfase ao uso de recursos da própria propriedade. De fato, a agroecologia ofereceu a **Jf** o que Altieri (2004) afirma, isto é, um arcabouço teórico-metodológico que visa um

entendimento do funcionamento dos agroecossistemas. Esse conhecimento de como funciona um agroecossistema permitiu que **Jf** diminuísse a compra de insumos na sua propriedade.

Para a agroecologia a propriedade rural é vista como um sistema composto por interações entre meio ambiente e seres vivos. Essa ótica se incorporada pelo ator praticante da agroecologia propiciará vários benefícios para o produtor e para a produção. Identificamos essa interação nas falas de **Jf**, que retrata o caso dos ataques de pragas na sua propriedade e argumenta que isso ocorre pela falta de equilíbrio ambiental na lavoura. Essa visão de **Jf** vai de encontro com a opinião de Gliessman (2000), o qual diz que a agroecologia oferece saberes e metodologias que visam entender o funcionamento dos agroecossistemas.

O agricultor **Bm** é questionado sobre quais os benefícios de praticar agroecologia. Ele responde que a procura pelo produto agroecológico é boa, que ele vende bem seus produtos. Nas palavras de **Bm**:

O lado bom é que na venda uma a propaganda acho que ajuda porque o pessoal descobrindo que é orgânico²⁶ eu to vendo hoje que eles tão avançando mais nem que tu não encobre os trinta por cento pra ti mais dai vende mais vende mais porque a procura é mais assim pro povo que seja um produto mais limpo né mais fora de tóxico e outra coisa é que se tu vende o produto com os trinta por cento em cima do preço é normal né é fica melhor né e ai é outra coisa come coisa sem veneno também é eu acho pra vida é uma coisa boa né na horta assim é tudo é tudo com sem orgânico sem químico sem veneno sem nada é limpo é produto natural [...] (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 136-144).

Bm também destaca que a agroecologia faz bem ao próprio produtor, “ tu se sente melhor né, mais disposição para trabalha” (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linha 171).

Caporal e Costabeber (2004) subentendem que a concretização dos princípios agroecológicos resultam em práticas agrícolas ecológicas, que tem por efeito produtos de qualidade biológica superior ao produto advindo da agricultura convencional, fato verificado na fala de **Bm**. O agricultor **Em** também destaca a qualidade dos produtos advindos da agroecologia. Para o produtor era gratificante levar um produto saudável e de qualidade para a venda, ressalta também que os

²⁶ Os agricultores pesquisados não usam o conceito agroecologia, apenas o conceito de agricultura orgânica.

consumidores gostavam do produto e sentiam a diferença entre o produto agroecológico e convencional. Ainda nesta ideia, o produtor **Am** enfatiza que a agroecologia consegue produzir qualidade e quantidade, basta apenas tempo para o agricultor se dedicar a atividade.

Outro aspecto ressaltado pelo agricultor **Em** é com relação a sua saúde, nas suas palavras: “ até para a saúde da gente melhorou, a gente se sentia outra pessoa” (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 142). Na concepção de Bauman, uma das funções da cultura é ordenar o ambiente humano. Avaliamos que a agroecologia propõe diversos conhecimentos, técnicas e metodologias para que sejam aplicados num agroecossistema. Estes elementos proporcionados pela agroecologia atuam de forma horizontal padronizando o comportamento de seus praticantes, ou seja, os agricultores agroecológicos aderem a novos hábitos produtivos ao praticar agroecologia. Estes novos hábitos resultam em produtos de qualidade e melhorias na saúde do produtor.

Para Altieri (2004), os agroecossistemas são diferentes entre si, mas algumas características são compartilhadas por estes sistemas agroecológicos: produzem para consumo local, utilizam variedades de espécies de plantas e animais, não utilizam insumos externos à propriedade ou usam somente o necessário. Neste sentido entendemos que estas semelhanças encontradas nos distintos agroecossistemas, como, por exemplo, a não utilização de insumos químicos são padrões da agroecologia, já incorporados pelos produtores e que resultam em benefícios aos praticantes.

Outro aspecto proporcionado pela agroecologia é a ética relativa à produção. O produtor **Bm** enfatiza que é importante vender produtos com qualidade para os consumidores, pois, segundo o mesmo, “saúde não é só pra mim, é para os outros também”. A consciência de produzir também com qualidade “para os outros” demonstra ética nas atitudes do agricultor. Corroborando com a ideia de **Bm**, **Am** também tem preocupação em vender produtos saudáveis para o consumidor, em suas palavras: “ se eu quero o bem pra mim, eu quero pra minha família e quero para os outros também, o consumidor” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 417-418).

Nota-se que os produtores **Am** e **Bm** tem o compromisso de produzir de maneira ética, isto é, produzir levando em conta a saúde do consumidor. Conforme Caporal (2011), a agroecologia requer mudanças não apenas de maneira produtiva,

mas mutações envolvendo questões culturais e sociais que propiciem novas percepções dos atores envolvidos com a prática. Entendemos que a ética dos agricultores **Bm** e **Am** são mudanças benéficas proporcionadas pela agroecologia.

Entretanto, apesar dos vários benefícios proporcionados pela agroecologia, os agricultores pesquisados também destacaram diversas dificuldades que os mesmos enfrentam. A seguir discutiremos este assunto.

5.2 DIFICULDADES EM PRATICAR AGROECOLOGIA

Foi evidenciado na pesquisa que alguns produtores encontram dificuldades logo na adesão da agroecologia. Muitos agricultores que adotam a agroecologia antes de disso praticavam agricultura convencional. Com isso, estes produtores tiveram de adaptar sua propriedade ao novo modelo produtivo. Esta adaptação, que é chamada de transição agroecológica, torna-se, muitas vezes, um obstáculo para o produtor. **Em** ressalta essa dificuldade:

[..] tinha que fazer tirar os adubo químico e inseticida, teve esse dois, três, dois anos pelo menos, os dois primeiros anos, eu não podia vender como orgânico e tinha que plantar como orgânico, até limpa a terra vamos dizer, fica bom, né [...](Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 61-63).

Entendemos que este procedimento foi necessário devido aos antigos hábitos adotados por este produtor, estes procedimentos que englobavam utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos, influenciaram na transição para a prática da agroecologia. De acordo com Caporal (2011), a transição agroecológica instala mudanças nos agroecossistemas que abrangem desde os cultivos plantados até modificações sociais e culturais nos produtores. Estas mutações acontecem paulatinamente, principalmente no requisito de mudar os hábitos produtivos. Por sua vez, Bauman (2012) discute que cultura é, simultaneamente, conservadora e inovadora, conserva hábitos culturais e ao mesmo tempo cria novos padrões culturais. Neste sentido, o agricultor **Em** adquiriu novos hábitos culturais, que envolvem a agroecologia, o que nos remete a Laraia (2009) que destaca cultura como algo dinâmico, no qual os indivíduos podem adquirir novas habilidades e conhecimentos, como aconteceu com **Em**.

Long (2002) por sua vez enfatiza as mudanças socioculturais advindas de projetos de desenvolvimento rural, neste caso, o projeto em específico é a agroecologia. A partir do momento em que **Em** aderiu a agroecologia novos conhecimentos foram adquiridos pelo mesmo, ou seja, neste campo de batalha do conhecimento houve interações e “negociações” entre o produtor e o técnico agroecológico, que teve por consequência mudanças nos saberes deste produtor. Estas mudanças nos remetem ao conceito de agência. O conceito de agência enfatiza a capacidade que um indivíduo tem em aprender com as experiências de outras pessoas, ou seja, com o conhecimento atóxico de outros atores. Entendemos que na transição agroecológica **Em** teve que aprender muitas técnicas para serem aplicadas em sua propriedade. Avaliamos que a transição agroecológica pode muitas vezes fazer com que os produtores não adotem a agroecologia, pois além destes produtores terem de realizar mudanças radicais em suas propriedades e modos de vida, é uma transição de no mínimo dois anos, onde os agricultores devem plantar de forma agroecológica mas não podem vender o seu produto como tal.

Outra dificuldade que os agricultores agroecológicos enfrentam, são as difíceis condições de trabalho presentes no meio rural e na agroecologia. O agricultor **Bm** destaca que sua plantação de cana fica longe de sua agroindústria. **Bm** não possui trator ou qualquer maquinário para transportar a lenha e a cana, ainda usa carroça de boi, e explica:

[...] não posso ainda compra um tratorzinho pra mim seria bom pra puxa uma lenha a cana né, principalmente porque é longe aonde que eu pego a cana e justamente lá na minha terra tem quase doze mil metro de comprimento a cana ta lá em cima eu peguei um pedaço da terra mais melhor né, então plantei lá a cana, então fica longe da fábrica²⁷ né, ai vai carroça de boi, dai é uma dificuldade né [...] (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 118-123).

Nota-se um antigo costume do meio rural ainda sendo praticado na propriedade, o uso de tecnologia de tração animal, porém, esta atividade ainda é realizada por necessidade e, segundo o produtor, lhe acarreta muitas dificuldades.

Já o agricultor **Am** enfatiza as diferentes condições de trabalho que permeiam o ambiente rural e urbano:

²⁷ O agricultor Bm se refere a sua agroindústria como fábrica.

[...] que nem a cidade quem ta bem empregado às vezes tá melhor que nós, chego um final do mês ta ganhando, final do ano tem o décimo terceiro, a gente não tem essas coisa, de férias, a gente não existe férias pra nós [...] (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 207-208).

Am retrata uma dificuldade não apenas dele, mas da maioria dos agricultores familiares. Segundo Abramovay (1990), os agricultores familiares são reféns da agricultura, pois os mesmos lidam com elementos vivos, eles estão submetidos a forças naturais. Um agricultor simplesmente não pode abandonar a propriedade por trinta dias, pois tem animais para cuidar e cultivos para colher. No quesito que envolve a falta de maquinário está diretamente ligado a descapitalização destes produtores, o acesso restrito a financiamentos, por isso têm dificuldades em conseguir tecnologias para a propriedade, como é o caso de **Bm**. Nas pequenas propriedades, geralmente, a mão-de-obra é familiar, o próprio agricultor administra o negócio, e por isso não há direitos sociais como décimo terceiro salário, férias remuneradas, fundo de garantia como naqueles que trabalham na iniciativa privada ou pública.

Outras dificuldades retratadas pelos agricultores, como trabalhar no sol quente e trabalhos braçais como enfatiza **Bm**, são as condições de trabalho do meio rural, que podem ser superadas parcialmente com recursos tecnológicos (como comprar um trator) ou financeiros (contratar empregado para o agricultor tirar férias), mas não serão superadas inteiramente devido às condições naturais que os agricultores estão submetidos. Diante deste argumento, entendemos que os agricultores de nossa pesquisa estão inseridos em redes limitadas, e com isso seu acesso a recursos humanos, financeiros e tecnológicos são reduzidos, causa da maioria dos problemas vivenciados pelos mesmos.

As condições de trabalho no meio rural são um dos motivos que ocasionam a falta de mão-de-obra. Por sua vez, a falta de mão-de-obra é outro obstáculo para estes produtores, segundo a produtora **Jf** :

[...] é uma coisa que exerce bastante mão-de-obra né e nos nossos tempos mão-de-obra está sendo né... é o que seria mais essencial... já foi aqueles tempo em que a família era grande né, e agora é pequenininha, então tem isso tudo né [...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 76-79).

Entendemos que **Jf** se refere mais à mão-de-obra familiar, no qual as famílias eram maiores, os casais tinham mais filhos e com isso havia mais pessoas para trabalhar na propriedade. Na atualidade as famílias são menores, tendo, por consequência, menos pessoas para trabalhar na mesma.

Em salienta a dificuldade em achar pessoas para trabalhar quando se planta de maneira agroecológica:

O problema maior dos orgânico ali, o soja, é a mão-de-obra às vezes tu tinha que acha dez pião... naquele solão quente você tinha que acompanha... e chega a um ponto a gente vê e se começa a chove o soja começa a fica no mato... eu chego um ano, eu perdi mais de dois alqueire, não deu pra colhe que tava... viro um quiçassão danado então tem essas dificuldade (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 112-116).

O agricultor **Am** ressalta que as principais dificuldades enfrentadas pelo mesmo é a falta de mão-de-obra. O agricultor explica que seus pais ajudam no que podem, contudo ambos têm idade avançada, e muitas atividades já são incompatíveis com suas forças físicas. Suas filhas ainda são jovens, e vão à escola. Apenas **Am** e a esposa trabalham diariamente na propriedade, e segundo **Am** é difícil encontrar alguém para trabalhar no meio rural.

Bm também sofre com o mesmo problema, o produtor destaca que sua esposa e filha residentes na propriedade ajudam no que podem, mas além de ajudar na propriedade, têm os afazeres domésticos, o que limita ainda mais a contribuição delas na manutenção da propriedade. O produtor também argumenta que faltam pessoas confiáveis para trabalhar. Nas suas palavras:

Eu acho difícil é hoje tu arruma aquele que te ajuda né, não se arruma mais camarada assim... pra te dá uma mão é difícil ,a gente acharia mais tranqueira... sabe como é... não dá pra... pra facilita né. (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 123-126).

Refletimos que pouco resta do espírito de solidariedade entre os agricultores. Na atualidade os produtores são mais individualistas e buscam apenas seus próprios interesses. Para Abramovay (1990) os laços comunitários característicos da agricultura camponesa não estão presentes na agricultura familiar.

Segundo Abramovay (1990), a mão de obra familiar é um fator preponderante para a agricultura familiar, os laços familiares permitem a reprodução desta categoria social. Este aspecto é evidente em **Jf**, **Am** e **Bm**; estes agricultores argumentam que algumas dificuldades enfrentadas pelos mesmos são o resultado do reduzido número de membros familiares na propriedade.

A teoria Ator Rede nos ensina que é através das conexões e redes formatadas pelos atores que os recursos, conhecimentos e outros atores são conectados e acessados pelos indivíduos. Supomos que uma das dificuldades dos agricultores em contratar mão-de-obra externa para trabalhar na propriedade seja por falta de recursos. Outro aspecto é a falta de material humano para trabalhar no meio rural. Na agricultura convencional esta lacuna é preenchida por máquinas, algo que não acontece na agricultura agroecológica, que ainda é carente de tecnologia e dependente de recursos humanos. Com isso, entende-se que as redes e conexões da agricultura convencional são mais “poderosas” que as redes da agroecologia, porque lhes propicia maior acesso a diferentes recursos.

No quesito de transporte e embalagem dos produtos, os agricultores pesquisados também encontram dificuldades. **Jf** sustenta que os pequenos agricultores tem dificuldade para embalar os produtos, o que se pode entender de sua fala é que os produtos agroecológicos muitas vezes não são bem vistos devido ao tipo de embalagem usado, “o bonito é o enlatado”. Na concepção de **Jf**, seria difícil abrir uma indústria para embalagem dos seus produtos, pois a burocracia para montar a empresa seria grande demais. Enviar a uma indústria para ser embalado também está fora de questão, pois não teriam condições financeiras para isso.

Outro problema listado por **Jf** é o transporte da produção, uma vez que a associação está localizada em local distante da propriedade. Com isso a despesa com o transporte dos produtos aumenta a despesa e diminui a renda familiar.

Am também comenta sobre o transporte da produção:

[...] como eu moro longe tu não produz muito às vezes tem coisa que nem compensa... deixa estraga lá, e tira do lugar, e faz composto, alguma coisa, por que se não, pra leva daqui até lá [na AAFEMED], não compensa né, isso é uma dificuldade que acho que tem [...]
(Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 141-144).

O agricultor **Am**, por residir na zona rural, tem despesas com o transporte e, em muitos casos, o lucro do produto vendido na associação não é suficiente para cobrir os gastos com o transporte.

Através da Teoria Ator Rede podemos ter a percepção das redes nas quais estes produtores estão inseridos. Suas conexões se limitam a: AAFEMED, BIOLABORE, CAPA, PAA, PNAE, COAFASO, Sindicato dos trabalhadores Rurais, Rede Ecovida, CRESSOL. Estas ligações ainda não possibilitaram a estes produtores meios de transportes ou recursos para embalar seus produtos, como no caso de **Jf**.

Muitos agricultores agroecológicos quando iniciam a produção de caráter agroecológico não têm todos os insumos necessários para esta prática. No caso de **Jf**, uma das dificuldades retratada pela mesma, é a compra de sementes. Segundo ela: “a gente compra semente né ,nós não temos a produção própria da semente ,que é um problema pra nós né” (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 168-169). **Jf** explica que não fazem o cultivo de sementes na propriedade por ser muito trabalhoso.

Concluimos que a compra de sementes para serem usadas na propriedade acarreta mais despesas. Novamente utilizaremos a TAR, Teoria Ator Rede, para entendermos este problema dos agricultores. As redes híbridas formadas por objetos humanos e não- humanos, são construídas com o objetivo de estabelecer conexões para terem acesso a recursos que são escassos em determinados locais, ou para aumentar a sua capacidade de negociação com distintos atores. Neste sentido, as redes em que os agricultores pesquisados estão inseridos são redes de faceta limitada, e ainda não conseguiram proporcionar a esta agricultora os recursos necessários para a mesma produzir suas sementes.

Uma evidência interessante identificada na pesquisa com o agricultor **Bm**, é que algumas exigências da Rede Ecovida ²⁸são difíceis de ser concretizadas, nas palavras de **Bm**:

[..] Ecovida é que eles tem as exigências²⁹ deles, e nós tem que faze né, então ali também é um pouco mais difícil faze, mais se não acho

²⁸ A rede Ecovida é formada por agricultores familiares, técnicos e consumidores reunidos em associações, cooperativas e grupos informais que, juntamente com pequenas agroindústrias, comerciantes ecológicos e pessoas comprometidas com a agroecologia, objetiva o desenvolvimento da agroecologia.

que fazendo... assim, pelo que eu to, fazendo eles estão aceitando e alguma coisa assim, que às vezes tá fora do normal né, que é pra se eles já te avisam né, então o tem que faz isso, tem que faz aquilo, e vê se dá pra melhora... só que nunca me apuraram sabe, nunca me prometeram de me expulsa (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 203-208).

Entendemos que a Rede Ecovida tem uma grande influência nos produtores agroecológicos, principalmente no requisito de certificação.

Na premissa de Geertz (2008) cultura são mecanismos de controle do comportamento humano, e o autor Bauman destaca que cultura padroniza e ordena o ambiente humano. Em nossa observação, a Rede Ecovida estabelece alguns padrões e algumas “regras” a serem seguidas pelos produtores. Estas exigências são provenientes da agroecologia; neste sentido a agroecologia além de conhecimentos e metodologias também propõe certas diretrizes ou “regras” a serem aplicadas pelos produtores. Caso estes agricultores não seguirem estas “regras”, os mesmos não praticam agroecologia.

Contudo, um dos maiores obstáculos dos produtores evidenciados em nossa pesquisa, é a perda de produção. A agricultora **Jf** é questionada sobre quais as dificuldades na produção agroecológica, ela responde que umas das dificuldades é a perda da produção. Em suas palavras:

[...] a gente até quase que perdeu a produção de tomate, tinha uns mil pés de tomate e deu uns ataque de inseto, a gente utilizo vários produto, a gente utilizava assim e não controlo né, e dai depois foi visto um outro produto que é a base de assim... como é que é... faz um fungo... como é que é... agora me fugiu da cabeça... daí pra utiliza ...daí aquele até que controlo [...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 188-192).

Neste segmento podemos enfatizar o limite de conhecimento da agricultora com relação às adversidades que aparecem na produção. Segundo Leff (2002) os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos que abrangem técnicas e saberes tradicionais diversos, que envolvem diferentes culturas, condições econômicas e ecológicas, entre outras. Em suma, os saberes agroecológicos se forjam nas interfaces entre cosmovisões, teorias e práticas.

²⁹ A rede Ecovida certifica os produtores agroecológicos. Para os mesmo receberem a certificação, devem seguir as diretrizes impostas pela Ecovida. Estas diretrizes são as exigências destacadas pelo agricultor Bm.

Simultaneamente Gliessman (2000) explica que os agroecossistemas devem ser vistos como complexos ambientais, e questões como temperatura, umidade, interações abióticas e bióticas devem ser levadas em consideração na produção. Estas duas opiniões envolvendo os saberes agroecológicos deixam claro a gama de conhecimentos que os produtores precisam ter em seu cotidiano, o que resulta em um longo e lento processo de aprendizagem. Com isso as dificuldades explicadas por **Jf** são advindas desta complexidade com as quais os agricultores devem interagir.

Na propriedade de **Am** vivencia a mesma problemática: a perda de produtos. Um dos motivos retratado por **Am** é “descobri o produto que tu vai passa” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linha 32), diante dessa afirmativa, pode-se interpretar que isso reflete na falta de conhecimento do produtor com relação às pragas que atacam a produção. Outro motivo apontado por **Am** é a falta de tempo, segundo o produtor, o mesmo tem muitas atividades para realizar, o que deixa seu tempo limitado para resolver todos os problemas. **Am** também explica:

[...] na verdade o valor que tem no PAA é muito pouco pelo vamos dizer... porque a gente tem muita perda lá no... o problema é as perda que a gente tem, a gente não consegue recupera mesmo que a gente ganha trinta por cento a mais não consegue, então hoje eu melhorei um pouquinho, mas eu cheguei a um ponto ali, que se não fosse meu pai me ajuda financeiramente, eu não sei como eu iria me vira, pois eu não conseguia produzi...o ano passado eu acabei perdendo por causa do furgão né, não consegui controla e deu em 500 pé... não, cinco cinco mil pé não... 500 pé... cinco mil pé³⁰ [...] (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 110-116).

Fica claro que **Am** tem enfrentado muitas dificuldades com relação à produção por não ter, ainda, conseguido resolver os problemas de infestação de pragas que tem causado perdas de produtos, e, em consequência, perdas financeiras.

Altieri (2004) sintetiza que a agroecologia deve interagir com conceitos agrônômicos ecológicos e socioeconômicos, ao mesmo tempo Gliessman (2000) esclarece que uma teia de conexões é formatada a partir de um agroecossistema. Estas duas concepções nos ajudam entender a falta de tempo comentada por **Am**, ou seja, a partir do momento que a agroecologia deve interagir com outras áreas,

³⁰**Am** não deixa claro quantos pés o mesmo perdeu, e nem que tipo de produto era.

além da agronômica e ecológica, uma rede de ligações é formatada. Para esta rede “permanecer” **Am** terá mais tarefas a realizar envolvendo, além da produção, aspectos socioeconômicos.

Segundo Law (1992) o conhecimento é produto gerado através das redes híbridas, ou seja, o conhecimento é gerado através da interação entre humanos e não-humanos. O conhecimento é um produto final das conexões existentes nas redes, como as redes nas quais a agroecologia está inserida são redes curtas, o conhecimento gerado por estas redes serão limitados, principalmente os saberes que são relativos às novas tecnologias. Neste sentido, não seriam os indivíduos em si (o agricultor) que são limitados, mais sim as redes da agroecologia.

A falta de incentivo ao produtor agroecológico é outro aspecto que dificulta a manutenção da agroecologia. Fato que é evidente nas visões de mundo dos atores **Am** e **Jf**. Iniciando com **Jf**, a agricultora é questionada sobre o suporte dado à agroecologia vindo de entidades governamentais, ela responde que o apoio do Estado é mínimo, como exemplo ela ressalta a Emater. Este órgão do Estado oferece pouco suporte técnico aos agricultores da associação AAFEMED, e o suporte dado pelo Município também é mínimo.

O agricultor **Am** se reporta em várias passagens do seu discurso à falta de incentivo ao produtor. Para **Am** os governos municipal, estadual e federal devem dar um maior suporte para o agricultor familiar. Em suas palavras: “ vamos ver o incentivo dos governo ai, se tive incentivo a gente vai produzi sem problema” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 387-388).

Perguntamos a **Am** se o mesmo permaneceria na agricultura agroecológica, ele demonstra incerteza e diz que tem vontade de dar continuidade ao trabalho, porém muitas vezes fica “meio assim com o orgânico”. Conforme **Am**

[...] os meus planos futuros seria da continuidade apesar que muitas vezes eu tô meio assim com o orgânico, muitas vezes trabalha com o orgânico não é que nem o convencional, tu aplico já tá melhor na hora [...] (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 178-180).

Essa indecisão fica nítida também em outras passagens da entrevista, na qual em uma delas, ele admite já ter pensado em mudar para a agricultura convencional devido à influência de seu irmão, e admite que, às vezes, ele fica “balançando”. Entendemos que essa indecisão de **Am** é devido às dificuldades que

o mesmo enfrenta em sua propriedade, dificuldades que seriam amenizadas se o produtor agroecológico tivesse mais incentivo governamental. De acordo com Buainain (2006), a agricultura familiar possui um caráter heterogêneo, no qual fazem parte produtores que vivem em péssimas condições de vida e, simultaneamente, produtores que vivem em boas condições. Essa diversificação é derivada de fatores socioeconômicos, culturais, ambientais, disponibilidade de recursos naturais e humanos, mercados, entre outros. Os agricultores **Jf** e **Am** estão no “grupo” que possuem certas dificuldades de acesso a recursos humanos e econômicos.

De fato, todas estas dificuldades destacadas neste tópico fazem com que muitos agricultores agroecológicos não adotem ou não mantenham a prática agroecológica. A desistência de agricultores de praticar agroecologia é nítida na fala do agricultor **Bm**. Ao ser questionado sobre o futuro da agroecologia, o mesmo responde:

Aqui em Medianeira parece que está indo para trás é quando nós começamos os curso por aí tinha um mundo de gente tinha sempre trinta, quarenta, cinquenta pessoas participando pra formatura de começa a faze um pouco de agroecologia e foi diminuindo e agora não sei... não sei como é que ta, não perguntei mais quantos tem que trabalha com isso[...] (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 181-185).

De acordo com Brandenburg (2002) a agroecologia adquiriu forças suficientes para “lutar” contra a agricultura convencional. Não evidenciamos esta concepção em nossa pesquisa. Em nosso estudo o cenário encontrado é ao contrário àquele descrito por da Brandenburg (2002), ou seja, o número de agricultores agroecológicos diminuiu, algo que se constata na fala de **Bm**. Na atualidade apenas dez agricultores, contando com **Bm**, praticam agroecologia no município de Medianeira. Não temos os dados exatos de quantos agricultores iniciaram a prática agroecológica, mas com base no discurso de **Bm**, entendemos que muitos produtores desistiram de praticar agroecologia.

Além das dificuldades retratadas pelos produtores que implicam na não adoção e não manutenção da agroecologia, o êxodo rural é outro fator cultural que contribui para que agricultores não pratiquem agroecologia, abordaremos este aspecto a seguir.

5.3 “ MEDIANEIRA VAI VIRA A CIDADE DA SOJA”

Essa expressão citada acima é a opinião do agricultor **Em** com relação ao meio em que vive. Em nossa pesquisa, identificamos nos relatos dos produtores uma preocupação dos mesmos com o êxodo rural. Iniciando com a agricultora **Jf**, a mesma desabafa:

[...] eu fico muito triste sabe, quando eu vejo os meus jovens, na comunidade, todos vindo pra cidade trabalha de empregado, por que ali na cidade é ganha um salário mínimo, um salário mínimo, daí eu falo assim: meu Deus me cuide, cinco, seis vaquinha, lá, trabalha lá, que você tira isso, mas capaz! os outros estão tudo na cidade e eu pareço aquele bocó da roça, sabe, é assim [...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 285-290).

Jf também destaca que em sua comunidade vários jovens estão migrando para o meio urbano. Um motivo que estimula este comportamento é a procura de emprego, outro fator é a vontade dos jovens de não mais permanecer no meio rural, pelas facilidades encontradas na cidade.

Am comenta que os jovens que vivem no campo querem ir para a cidade. Ele conta que está incentivando suas filhas a ficarem no campo, entretanto, o mesmo afirma que não pode obrigá-las a ficar, e para que elas permaneçam ele deve ter condições de sustentá-las.

Conforme Buainain (2003), o êxodo rural tende a diminuir o número de membros da família rural, segundo o autor, este fenômeno ocorre devido a melhores oportunidades oferecidas pelos centros urbanos ou ao pouco desenvolvimento local no meio rural. Em nosso estudo é evidenciado esses dois fenômenos, pois como enfatiza **Jf** muitos jovens vão trabalhar na cidade, e também destacado por **Am**, as dificuldades enfrentadas pelo mesmo devido ao pouco desenvolvimento local.

O produtor **Bm** tem duas filhas, uma delas já saiu da propriedade, a outra ainda reside com ele. Sobre o futuro, conclui: “ e as filhas não se sabe o que vai dá né, se elas vão gosta de continua ou o que” (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 53-54).

O agricultor **Em** enfatiza outro aspecto que impulsiona o êxodo rural:

A gente vê hoje, na maioria das famílias, em geral, o ponto negativo é que nem eu tava falando, é das famílias porque ela não... os filhos

não tem esse incentivo, eles já mandam estudar pra achar um emprego, não é não... é trabalhar aqui na roça, nós sofremos, nós não podemos mais, não queremos ver nossos filhos sofrer, então você tem que estudar... e isso é aquilo [...](Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 216-220).

Para **Em**, os pais não incentivam os filhos a ficarem na propriedade, mas sim, incentivam os filhos a estudarem e saírem da propriedade para ter uma vida melhor. Para Certeau (2008), cultura são comportamentos e ideologias que diferenciam sociedades e indivíduos. Então podemos concluir que o comportamento dos pais, que incentivam seus filhos a saírem do meio rural, faz parte dos hábitos culturais, como bem explica Certeau. **Em** também ressalta que na cidade de Medianeira está começando a diminuir o número de agricultores familiares, e que por isso é importante os pais passarem para os filhos a propriedade, pois no pensamento de **Em**, “Medianeira vai vira a cidade da soja”, (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 288)..

Avaliamos que o êxodo rural é um fator cultural que ocasiona a expulsão dos atores que residem no ambiente rural para o ambiente urbano. Esta expulsão ou migração diminui a mão-de-obra familiar, da qual a agroecologia é extremamente dependente, e por isso muitos produtores não adotam ou não mantêm a prática.

Nas duas últimas sessões discutidas, procuramos enfatizar as dificuldades que implicam na não adoção e não manutenção da agroecologia. No entanto, alguns aspectos influenciam a agroecologia de forma “dualista”, ou seja, influenciam os produtores a não adotar ou não manter a agroecologia, bem como a adotar-na e a manter-na. Um exemplo disso é a assistência técnica, que abordaremos no próximo tópico.

5.4 ASSISTÊNCIA TÉCNICA

A prática da agroecologia exige muitos conhecimentos por parte do agricultor. Geralmente, os produtores não dispõem de todos os saberes necessários para se praticar agroecologia, por isso a assistência técnica é fundamental na implantação desse sistema. A produtora **Jf** ressalta:

[...] foi através da associação que é começo a ter um técnico pra dar as orientações né, porque antes a gente não tinha ninguém né, por

mais que a gente quisesse e sem um técnico nós não - que a gente não tem um conhecimento cem por cento né - o técnico ajuda a gente vê um problema lá, a gente socorro vem aqui, ele vem né [...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 223-226).

Mas não é apenas no aspecto produtivo que a assistência técnica é importante para o produtor; o agricultor **Bm** enfatiza que tem uma quantidade de mata plantada em sua propriedade, pelo seu modo de falar, entende-se que é mata nativa da região. **Bm** retira um pouco de madeira deste local para usar em sua agroindústria, entretanto, ele esclarece que o técnico explicou o tanto de madeira que pode ser retirada, baseando-se na lei ambiental. Então, a ajuda do técnico não se restringe apenas nas plantações, mais também em orientar o produtor quanto ao uso consciente da madeira, respeitando a legislação ambiental.

A assistência técnica é de vital importância para os agricultores e, conseqüentemente, para a agroecologia. Reportamo-nos a Gliessman para embasar nossa posição. Primeiro Gliessman afirma que, num agroecossistema devem-se levar em consideração os fatores ambientais que influenciam no crescimento da planta, a destacar: luz, temperatura, precipitação, vento, solo, umidade do solo, fogo e outros organismos. Em suma Gliessman compreende o agroecossistema como um complexo ambiental. No entanto, para o produtor obter esta visão exposta por Gliessman o mesmo deve ter muitos conhecimentos; e uma vez que a agroecologia se nutre de saberes de diversas ciências e saberes populares, isso aumenta ainda mais o arcabouço de conhecimentos que os agricultores teriam de possuir. Todavia, os agricultores não possuem todos esses saberes, sendo assim primordial a ajuda técnica para “completar” os saberes destes sobre a agroecologia. Em segundo, Gliessman também salienta que uma agricultura sustentável só será possível se ocorrer uma hibridização entre estratégias agrícolas locais e métodos ecológicos modernos. Para que isso se concretize é necessário que os saberes locais dos produtores sejam hibridizados com conhecimentos científicos, que são transmitidos pelos técnicos agrícolas, quando do suporte dado aos mesmos nas propriedades por ocasião das visitas, ou em cursos de aperfeiçoamento realizados pelos órgãos responsáveis.

Em nosso estudo, identificamos que uma ONG denominada Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), promove a agroecologia em várias regiões do Brasil. Um de seus núcleos está localizado no Município de Marechal Candido Rondon. O

suporte oferecido por esta ONG aos agricultores agroecológicos é de suma importância para que os mesmos continuem a praticar a agroecologia. **Jf** destaca um curso de homeopatia promovido pela instituição, do qual ela participou. Este curso e outros conhecimentos e técnicas aprendidos com a ONG é de grande ajuda na manutenção de sua propriedade. Como exemplo, **Jf** retrata um momento em que utilizou a homeopatia para salvar um de seus animais (uma vaca) que foi picada por uma cobra. Esta ligação com o CAPA é benéfica para esta produtora, pois a ONG repassa conhecimento aos produtores tornando-os mais independentes com relação a sua propriedade, pois, após obterem conhecimento eles têm liberdade de quando e como aplicar este saber em sua lavoura ou animais

Além de **Jf**, **Bm** também utiliza alguns saberes e técnicas. O agricultor enumera a criação de galinhas, vacas e suínos em sua propriedade, bem como também a plantação de grãos. Essa diversificação na propriedade é importante pois **Bm** ressalta que não se arrisca a viver apenas da agroindústria, que, segundo seus cálculos, não daria para sobreviver apenas da produção agroindustrial. Altieri (2004) concebe técnicas básicas para uma estratégia agroecológica como: controle de erosão, reciclagem de nutrientes, controle biológico natural, diversificação temporal e diversificação espacial, esta última implica em sistemas mistos de plantio e criação de animais, com tem feito **Bm**. Wezel *et al/* argumenta que a agroecologia como prática faz uso de procedimentos como: fertilidade do solo, conservação de recursos naturais, gestão de matérias orgânicas e biodiversidade dos agroecossistemas, este último também praticado por **Bm**, alguns destes conhecimentos adquiridos através do contato com a assistência técnica.

Am relata uma das técnicas que o mesmo desenvolve em sua propriedade, que é a utilização de composto³¹ feito por ele mesmo e aplicado no cultivo de tomates. Este composto **Am** aprendeu com o suporte técnico. Por sua vez, **Em** também explica duas técnicas usadas na época em que praticava agroecologia, como adubação verde e técnicas para deter plantas invasoras. Ambas aprendidas com o técnico agrícola.

Entendemos que estes produtores souberam incorporar em suas práticas agrícolas as técnicas ensinadas pelo suporte. O conceito de Agência de Long (2002) esclarece a competência dos indivíduos de processarem suas experiências

³¹ O agricultor Am não deixa claro o que é esse composto e como é feito.

aprendendo com o conhecimento empírico de outros autores, como percebemos nos relatos de **Jf** que aprendeu homeopatia com os técnicos do CAPA, de **Am** que aprendeu a fazer um composto orgânico para usar em seus cultivos, e as técnicas aprendidas por **Em** como adubação verde e controle de plantas invasoras.

Estes conhecimentos atóricos dos agricultores são provenientes de conexões externas à propriedade, neste caso mais específico a ONG CAPA e o técnico da BIOLABORE. Estas ligações são advindas das redes nas quais estes produtores estão inseridos; estas redes por sua vez propiciaram estes saberes atóricos aos produtores. Laraia salienta que as mudanças culturais provindas de fatores culturais externos são mais rápidas, como ficou notório nos novos hábitos produtivos adquiridos pelos agricultores.

Contudo, apesar dos diversos benefícios proporcionados pela assistência técnica, evidenciamos no estudo outro “lado” deste suporte oferecido aos agricultores. Esta outra faceta do suporte técnico oferecido pela ONG CAPA e pelo técnico da BIOLABORE implica, em nossa observação, em uma grande dependência dos produtores destes órgãos, como ficou evidente no caso da agricultora **Jf**. Como já explicamos anteriormente, a agricultora **Jf** destaca que uma de suas dificuldades é a perda de produção, porém, a mesma também destaca que essa diminuição da produtividade também é consequência da ausência de assistência do técnico da BIOLABORE:

[...] então agora, recentemente, a gente teve é... não foi perda... estes tomates que está na feira³², se você olha, você vai vê, era pra produzi bem mais, mas a gente é uma... que o técnico ele ta meio que meio que afastado, porque teve um problema que não foi assinado umas papelada pra ele, daí ele não trabalho, daí a gente não tinha muito a onde busca né [...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linha 184-188).

Este fator também é destacado pelo agricultor **Am** que diz: “ essa é uma grande dificuldade”. Além de precisar do técnico para auxílio na produção, **Am** também precisa do técnico para planejar a venda de seus produtos, pois ele admite que não consegue realizar um bom planejamento sozinho. Neste sentido, podemos ressaltar a grande dependência que os produtores têm do técnico, tanto no setor produtivo como também no planejamento da venda da produção.

³² Quando Jf explicita “feira” esta se referindo a associação AAFEMED.

Essa dependência salientada por **Jf** e **Am** do técnico é ocasionada devido a falta de conhecimentos destes produtores tanto do setor produtivo como, no caso de **Am**, socioeconômico. Essa “dependência” dos produtores agroecológicos resulta, em nosso entendimento, em uma maior dificuldade na manutenção da agroecologia, pois se num dado momento os agricultores ficarem sem assistência técnica, os mesmos terão dificuldades em prosseguir com seus empreendimentos.

Nota-se que a assistência técnica influencia a agroecologia de duas maneiras, num primeiro momento ajuda os produtores praticá-la, contudo em face desta dependência técnica dos agricultores, prejudica-os caso esta assistência seja cancelada. Outro aspecto que interage de maneira dualista com a agroecologia é a agricultura convencional.

5.5 AGRICULTURA CONVENCIONAL

Em primeira instância, a prática da agricultura convencional contribui muito para que alguns produtores tenham dificuldades em permanecerem na agroecologia, como destaca a agricultora **Jf**. Segundo a mesma, com a modernização da agricultura, muitos saberes populares relativos à agricultura familiar foram perdidos:

[...] uma coisa³³ que antes meus avós usavam, faziam, que pra eles eram natural deles, que a gente desaprendeu com o meu pai, a gente desaprendeu porque meu pai venho... eu nasci na época da revolução verde né, então venho... é o meu pai tem outras ideias... é, eu cresci com isso... que tinha que produzi bastante soja, bastante trigo, bastante milho [...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 23-27).

Jf conta que devido à revolução verde, ela juntamente com seu pai, perderam muitos saberes que seus avós possuíam sobre agricultura. Esta perda de técnicas e saberes aconteceu na maioria das regiões em que chegou a “modernização” da agricultura, substituindo assim técnicas tradicionais por agroquímicos e insumos. Podemos estabelecer uma ligação com o que diz Gomes (2012). Ele destaca que os saberes tradicionais, para serem transmitidos, dependem do surgimento de novos atores sociais que adquiram estes conhecimentos, ou seja, sua perpetuação depende do contato direto entre pessoas. Concordamos com a opinião de Gomes, e

³³ Neste momento **Jf** está se referindo a práticas agroecológicas.

essa perda de conhecimentos populares derivada do êxodo rural, pela não-transmissão para os descendentes, ou também da substituição por conhecimentos da ciência, também é retratada por Alves (2008) que destaca a erosão dos saberes locais e sua substituição por conhecimentos científicos globais. Leff (2002) esclarece que as práticas agroecológicas trazem à tona saberes e técnicas populares. Discordamos e concordamos com Leff, primeiramente concordamos, pois em alguns momentos a agroecologia revitaliza certos hábitos culturais, contudo, no caso de **Jf**, especificamente, a agroecologia não conseguiu recuperar seus saberes culturais.

Laraia (2009) supunha que as mudanças culturais provenientes de culturas externas são mais radicais e implacáveis que as mutações culturais endógenas. Essa mutabilidade cultural devido a fatores externos implica em grande substituição ou perda dos hábitos culturais de determinada cultura. Em nossa avaliação, o fator externo foi a modernização da agricultura que fez com que a agricultora **Jf** perdesse os saberes de seus avós.

Outra influência da agricultura convencional que contribui para a não adoção e não manutenção da agroecologia se dá com seus métodos produtivos. O produtor **Em** retrata uma vantagem da agricultura convencional, “o convencional te dá ai cento e sessenta sacas de soja, o orgânico geralmente cento e trinta” (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 105). Nesta afirmação, a agricultura convencional para **Em** é superior em termos de produtividade e a compara com a produção agroecológica, - para ele isso se dá pelo uso de fertilizantes e adubos químicos, enquanto que na agricultura agroecológica acaba “faltando”, segundo ele algumas “coisas” no solo que o produtor não consegue recompor. Outra facilidade com relação à agricultura convencional é que há utilização de implementos (máquinas, trator, etc.) na propriedade. Segundo o produtor:

A facilidade por causa que é tudo a máquina, faz tudo vamo dize você simplesmente vai lá opera e ponho as dosagens, passou, tá tranquilo né, como dizem termino o serviço pode toma um chimarrão, né então essa é a parte, né (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 201).

Conforme **Em**, é apenas uma questão de colocar a dosagem certa de agrotóxicos na máquina, que a mesma fará o trabalho.

Além do agricultor **Em** citar as facilidades da agricultura convencional, o mesmo faz uma comparação entre esta e o cultivo agroecológico. Ele diz que quando praticava a agroecologia tinha dificuldades com as plantas invasoras, já que não usava pesticidas e, geralmente, perdia parte da produção. Ao mesmo tempo, **Em** explica que agora que está na agricultura convencional estes problemas não aconteceram mais, segundo ele “o convencional não com os herbicida ai tu passo em meia hora ai tá resolvido o problema né” (Em Entrevista “1” agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 117).

O agricultor **Am** também esclarece a diferença entre agricultura convencional e agroecológica:

[...] e tamo ai até hoje mexendo com orgânico hoje num tá, também muito fácil né, porque hoje pra gente descobri o produto às vezes dá um ataque de praga, então tem que descobri o produto que tu vai passa ou que vai fazer tem algumas coisa, mas é não é muito, se for no convencional você vai ali no comércio, compra, vai lá, passa e resolve [...] (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 29-33).

Am destaca a facilidade de quem pratica agricultura convencional pois apenas basta adquirir o agrotóxico indicado e o problema na plantação está resolvido.

A agricultura convencional está intimamente ligada à ciência, já a agroecologia possui uma fraca ligação com a ciência, geralmente esta ligação se dá através do técnico. Conforme Wezel *et al* (2009) a maneira como a agroecologia é praticada depende do histórico epistemológico da região, fatores como a existência de movimentos sociais ou tradições científicas designam a maneira como a agroecologia será aplicada. Em nosso estudo observamos que a agroecologia está ligada como prática, pois não existe um movimento agroecológico, e, como ressaltado anteriormente, a ligação com a ciência é limitada. Isso tem por consequência dificuldades produtivas por partes dos agricultores agroecológicos, pois os mesmos são dependentes das práticas agroecológicas e possuem pouco acesso às novas tecnologias. No momento em que os agricultores **Am** e **Em** se reportam às facilidades da agricultura convencional, percebe-se o quanto ainda precisa ser feito pela agroecologia. O que nos remete ao que Laraia explica, a cultura pode sofrer modificações de forma endógena e exógena. As mutações

advindas de maneira endógena são mudanças lentas, já as mutações advindas de forma exógena são mais implacáveis e mudam verticalmente a cultura influenciada. Neste sentido, entendemos que a “cultura” da agricultura convencional pode influenciar produtores a não adotar a agroecologia devido a seus métodos mais “fáceis” de produção.

Um fator interessante constatado no estudo foi o abandono do agricultor **Em** da agroecologia. Além da influência da agricultura convencional, teve outros aspectos que em “parceria” com a agricultura mecanizada contribuiu para que **Em** abandonasse a prática agroecológica. Este produtor praticava agricultura convencional, mudou para a agroecologia e, posteriormente, voltou para a agricultura convencional. Explicamos o que aconteceu com **Em** utilizando o conceito de Tradução.

Como explicado anteriormente **Em** inicia a prática agroecológica devido à intoxicação por agrotóxicos. Neste momento, o sindicato dos trabalhadores rurais proporcionou um curso de agroecologia, do qual **Em** participou. A primeira etapa do processo de tradução enfatizado por Callon (1986) é a problematização, nesta etapa o ator problematiza determinado assunto e ao mesmo tempo propugna soluções aos problemas levantados. No caso de **Em**, a problematização ocorreu em torno de sua intoxicação e a solução proporcionada foi a agroecologia, a primeira etapa do processo de tradução foi concretizada.

O segundo momento da tradução é o *interessamento* ou atração de interesse. Neste momento os atores envolvidos são colocados em posições definidas ou quase definidas. No caso da agroecologia, esta posição significa o produtor tornar-se agroecológico, esta etapa também é efetivada com o agricultor **Em** pois o mesmo torna-se produtor agroecológico.

A terceira etapa é a Matrícula ou alistamento. Neste momento, as funções designadas nos processos anteriores devem ser cumpridas. É neste ponto que o processo de tradução falha, pois **Em** pratica agroecologia por um tempo e depois desiste deste método.

Em explica o motivo que fez com que ele largasse a agroecologia. Em sua propriedade era plantada soja agroecológica, em determinado momento, quando **Em** foi vender sua soja os peritos constataram que era soja transgênica. Em suas palavras:

[...] em dois mil e seis aí venho o primeiro problema por causa da transgenia, cheguei lá com a carga de soja e deu transgênico... digo: mas como! Não pode! Eu limpei bem a máquina, tudo e porque aconteceu? Mas deu. Aí ele falo: “vou fazer outro teste” de novo pego, foi lá, tiro outra amostra, deu de novo, e daí eu com a carga lá, eles não podiam pega, eles não podiam pega a soja contaminada [...] (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 65-70).

Em ficou surpreso, pois segundo o mesmo, seguia os procedimentos necessários para se plantar soja agroecológica, e com isso **Em** supôs que sua soja teria sido “contaminada” por soja transgênica plantada pelos produtores vizinhos.

A propriedade de **Em** é estreita e comprida, segundo ele, este formato da propriedade, somado às plantações de transgênicos dos agricultores vizinhos, foram os motivos que o fizeram largar a agroecologia. O produtor argumenta que a barreira de árvores em volta da propriedade não é intransponível, e, tanto os agrotóxicos como a “transgenia” conseguem transpor a barreira. Na opinião de **Em** foi isso o que aconteceu com ele, sua soja agroecológica foi “contaminada” por soja transgênica. Diante deste problema, o produtor decide largar a agroecologia e voltar à agricultura convencional. Neste sentido, a tradução falhou em seu terceiro momento, devido a hábitos adquiridos por outros produtores e pelo formato da propriedade de **Em**. Entretanto, podemos realizar uma ligação com Gregory (2002). Gregory destaca que no início da colonização do oeste do Paraná, as propriedades vendidas aos colonos advindos do Rio grande do Sul e Santa Catarina, possuíam um caráter estreito e longo, o mesmo caráter da propriedade de **Em**. Como o agricultor herdou a propriedade de seu pai, e também não ampliou o tamanho da mesma, não há como cultivar sem que haja contaminação por produtos transgênicos, como soja e milho. O método cultural dos colonizadores do Oeste Paranaense de dividir as propriedades em faixas estreitas e longas levou, no caso de **Em**, a abandonar o sistema de plantio agroecológico.

No entanto, outra particularidade encontrada na entrevista com **Em** foi a sua opinião sobre a agroecologia. Mesmo tendo largado a prática agroecológica ele destaca:

[...] se não fosse isso, se não tivesse entrado os transgênico seria diferente a história [...]se fosse não tivesse dado esses problema certamente eu estaria fazendo orgânico [...]eu era fã disso [...] (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 296-305).

Em outro momento da entrevista **Em** é questionado se a propriedade do mesmo tivesse um formato diferente se ele voltaria para a agroecologia. **Em** responde que sim, em suas palavras, “daí seria diferentes sabe, aí não tinha deixado” (Em Entrevista “1” agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 264).

Com isso, entendemos que o quarto processo da tradução se efetivou parcialmente³⁴ em **Em**, pois mesmo o agricultor tendo largado a prática agroecológica, ainda reconhece a importância da mesma.

Callon (1986) explica que a tradução é um processo antes de ser um resultado, e este procedimento pode falhar; esta falha é denominada por Callon de traição. O menor erro sendo ele advindo de fatores ambientais, sociais, culturais ou econômicos pode acabar com o processo de tradução. Em nosso estudo, compreendemos que foi um fator cultural que prejudicou o processo de tradução e desta forma, tornou impossível ao agricultor **Em** continuar na agroecologia.

Entretanto, da mesma maneira que a agricultura convencional interfere de forma com que os produtores abandonem a agroecologia, ela também contribui para que agricultores adotem e mantenham esta agricultura agroecológica. A saúde dos agricultores é um dos motivos preponderantes neste aspecto. A intoxicação por agrotóxicos é um dos argumentos mais usados para justificar o abandono da agricultura convencional. Como podemos observar em **Bm** que relata já ter praticado agricultura convencional e utilizava agrotóxicos na lavoura e também nas pastagens. O agricultor ressalta que quando percebeu que isso estava prejudicando sua saúde abandonou a prática do uso de agrotóxicos e foi para a agroecologia. Por fim **Bm** destaca, “ é melhor assim, sabendo o que tu come e o que tu respira né” (Bm: entrevista 1 Agricultor, pesquisa de campo 2014, Linhas 85-86) Além de **Bm** outros agricultores pesquisados também mencionam esse mesmo motivo.

Jf, por exemplo, diz que seu marido foi intoxicado quando manipulava agrotóxicos nas plantações de fumo. Ao buscar ajuda médica e obteve apenas uma pequena melhora nos sintomas, mas não a cura, passou a se tratar com produtos naturais e desistiram de usar agrotóxicos na lavoura. Ainda segundo essa agricultora, após essa decisão a saúde do seu marido melhorou.

³⁴ Efetivou-se parcialmente, pois Em vê a prática como agricultura orgânica e não agroecologia.

O produtor **Am** também diz que um dos motivos que o mantém na prática agroecológica é porque na agricultura convencional há o perigo da intoxicação dos agricultores. Para ele, que já teve problemas com intoxicação, ficaria difícil voltar a mexer com agrotóxicos. Nota-se que a decisão de não usar agrotóxicos é um benefício da agroecologia para os produtores, principalmente os agricultores que já possuem problemas de saúde.

Por sua vez o produtor **Em**, explica que trabalhava fora da sua propriedade, segundo ele, para um agricultor latifundiário. Seu trabalho era passar agrotóxicos nas plantações de soja e milho. Com o tempo **Em** começou a se sentir mal, não se alimentava direito e sua saúde piorou. O diagnóstico médico para seus problemas de saúde foi intoxicação por veneno, isto o obrigou a abandonar o emprego na agricultura convencional. Ele afirma que esse foi um dos principais motivos que o levaram à agroecologia.

A intoxicação dos produtores pesquisados não é um fator isolado, Padilha e Brandenburg (2012) também apontam que um dos elementos determinantes para adesão à agroecologia é a saúde pessoal e familiar dos agricultores.

A agricultura convencional contribui tanto para a adoção e manutenção da agroecologia, como para a não adesão e não perpetuação desta agricultura. Compreendemos também que existem fatores culturais externos do meio rural que interagem com a agroecologia, que discutiremos em seguida.

5.6 FATORES EXTERNOS E AGROECOLOGIA

Alguns aspectos externos do meio rural também influenciam na agroecologia. Para **Bm**, por exemplo, um fator relevante na opção pela prática agroecológica foi a influência de um técnico agrícola³⁵. Após a sugestão desse técnico de praticar uma agricultura mais ecológica, o agricultor afirma que deixou definitivamente de usar agrotóxicos. Porém não foi somente a sugestão do técnico agrícola que o influenciou. Ao ser questionado se tinha mais algum elemento que o levou à agroecologia, ele responde que os agrotóxicos não fazem bem, que na atualidade “tem muito veneno, o veneno tá tomando conta já das águas, do ar” (Pesquisa de Campo linhas 76-77). Nota-se que **Bm** expressa uma visão de mundo

³⁵ Bm não deixa claro quem é este técnico.

- no sentido de Mannheim - que se conecta com elementos do movimento ambiental global, ligando **Bm** aos conteúdos difundidos pelas ONGs³⁶. Em outro momento da entrevista **Bm** ressalta a importância de produzir alimentos saudáveis, e nota-se, novamente, influência externa em sua opinião. Ele explica que aprendeu em cursos que não trabalha apenas para ele, mas também para os outros. Constatamos que esta opinião de **Bm** foi “colonizada” por agentes externos que promovem a agroecologia.

Este fator externo também é encontrado nos outros agricultores. Na concepção de **Jf**, as ONGs propiciam bastante suporte aos agricultores agroecológicos, principalmente no requisito de conhecimentos adquiridos em cursos e palestras. Em suas palavras:

[...] os conhecimento que a gente adquire na convivência nos cursinho que a gente faz ajuda bastante né. Aí eu acho que isso beneficia em saúde, em bem estar, porque a gente e as demais pessoas que a gente conhece que tem problemas de saúde, se a gente pode, auxilia às vezes com os conhecimento da gente através dos produto que a gente produz né[...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas156-160).

Pode-se interpretar que **Jf** deixa clara a importância que os conhecimentos adquiridos em cursos têm para a mesma. Fica evidente que estes saberes incorporados às práticas agrícolas resultam em produtos saudáveis, que beneficiam tanto a família do agricultor quanto o consumidor.

Já para o agricultor **Am**, o início da prática agroecológica deu-se por intermédio de cursos realizados pelo CAPA. Foi com os cursos promovido por esta instituição que **Am** dá os primeiros passos para praticar agroecologia.

E, por último, **Em** afirma que após sofrer a contaminação por agrotóxicos, ficou sabendo que o sindicato do trabalhador promoveria um curso sobre agroecologia. Para **Em**, naquele momento, foi uma alternativa, pois o mesmo não podia mais mexer com agrotóxicos e esta prática agrícola dava-lhe uma opção; nas palavras de **Em** “eu tinha que sai fora do veneno, então pra mim foi um prato cheio” (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 57-58).

A influência externa também é enfatizada por Bauer e Mesquita (2008). Estes autores destacam que as ONGs têm um importante papel no ingresso dos

³⁶ A ONG responsável pelos cursos sobre agroecologia na região Oeste do Paraná é o CAPA – Centro de Apoio ao Pequeno Produtor – núcleo Marechal Candido Rondon.

agricultores na agroecologia através de palestras e cursos, e, também, as ONGs são importantes na fase inicial da adoção da agroecologia.

Entendemos que estas conexões externas dos agricultores ajudaram os mesmos a adotarem a agroecologia. Estas redes propiciaram mutações nos hábitos dos agricultores; neste sentido, Laraia (2009) destaca que as mutações culturais podem ser externas ou internas. Neste caso, são mudanças externas, porque ocasionaram mudança nos hábitos produtivos destes produtores. Long (2002) com o conceito de “campos de batalha do conhecimento” enfatiza as mudanças sociais provenientes de projetos de desenvolvimento rural, neste caso, os projetos de agroecologia propiciaram mutações não apenas no aspecto produtivo, mas também no conhecimento dos produtores. Pudemos constatar as mutações nas falas de **Bm** e **Jf**. No mesmo sentido, Caporal (2011) destaca que a agroecologia propicia saberes de diversas áreas do conhecimento.

Outro aspecto externo que faz com que os produtores se mantenham na agroecologia é a associação de agricultores. **Am** é questionado se a associação de agricultores é importante para ele, o agricultor responde que ali foi o seu primeiro ponto de venda. A associação permite a **Am** comercializar seus produtos tendo uma margem de lucro superior a outros mercados.

Com **Em** também ocorre o mesmo:

[...] na safrinha, ano passado, eu plantei feijão, plantei milho, aqui não deu muito bom, mais pra feira³⁷ você tem uma boa margem de lucro, você vai, vende pro comércio, você vai ganha ai cento e vinte cento e trinta real a saca e você vendendo aqui, ganha até duzentos né. Então a gente tem é a gente às vezes tem que dribla o mercado tipo assim e vê os preço melhor, então a gente ta com a feira assim vendendo particular a gente ta muito, vamo dize assim, não é de te aquela vida, vamo dize assim, dinheiro nadando, mas eu tenho uma vida assim tranquila, seria mais ou menos isso (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 91-98).

Para o produtor, vender sua produção na associação, sem um atravessador, é uma forma de “driblar o mercado”, porque dessa forma aumenta o lucro e lhe permite ter uma vida melhor. Buainain (2006) destaca que os produtores que

³⁷ Quando o agricultor **Em** se refere à feira, está se referindo à associação de agricultores.

possuem ligações com o mercado têm uma vida melhor do que os agricultores que não as possuem.

A agricultora **Jf** também destaca que a associação é benéfica para sua família, “a associação para nós é fundamental, pois é o nosso mercado”(Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linha 222). Além de ser um ponto de venda, a associação também propiciou a assistência técnica, que antes da criação da associação eles não dispunham. A AAFEMED também é ligada à Cooperativa da Agricultura Familiar e Solidária do Oeste do Paraná –COAFASO- que permite o convênio com o PAA e PNAE. Segundo Abramovay (2005), a formação de empreendedores coletivos provindos dos agricultores é verdadeiro exemplo de organização, que propicia aos produtores adentrarem no ambiente de comercialização.

O produtor **Bm** explica que pode vender seu produto na associação de Medianeira ou na feira-livre de Foz do Iguaçu. **Bm** dispõe de mais de uma opção de mercado para vender seus produtos, isso só é possível pois a AAFEMED possui convênio com a COAFASO, com isso os agricultores da associação AAFEMED podem vender seus produtos em outros pontos de venda, no caso de **Bm**, em Foz do Iguaçu. O contrário também pode ser feito, ou seja, produtores da cidade de Missal, Foz do Iguaçu ou outra cidade, desde que suas associações possuam convênio com a cooperativa COAFASO, podem vender seu produto na AAFEMED.

O conceito de rede da TAR significa que os recursos estão concentrados em poucos locais, mas a partir do momento que os atores conectam-se a estes locais para terem acesso a estes recursos, uma rede começa a ser formatada. Em nosso caso, este recurso destacado pela TAR é o aumento da renda familiar do produtor através da venda de seu produto, esta venda por sua vez é efetuada com a ajuda da associação, mais um ator da rede. A rede implica também em fatores culturais, pois como nos ensina Geertz, o homem é um animal preso a uma teia de significados formatada por ele mesmo, sendo a cultura esta teia e suas análises. Pelo conceito significado entendemos como algo importante, que tem sentido e valor para o indivíduo. Compreendemos que a associação é importante para os produtores, por dois motivos: primeiro pela importância dada à associação pelos produtores entrevistados, uma vez que é através dela que eles colocam seus produtos no mercado, e em segundo lugar sabemos que houve muita luta e esforço por parte dos agricultores para a criação da AAFEMED.

Outra influência externa constatada na pesquisa, são os programas do governo Federal; o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Estes programas são ações para fortalecer a agricultura familiar. **Jf** é questionada sobre o que ajuda os produtores agroecológicos e ela responde:

É o que dá bastante força é o PAA e o PNAE que ajuda bastante né, que é um programa do governo né, que é um incentivo. Daí como existe é no governo que existe esse nos programas dos orgânicos e dos convencionais daí é um incentivo pra gente também produzi e ganha mais né, então esse é o incentivo (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 376-379).

Um dos benefícios do PAA e PNAE, segundo **Jf** é que através dos programas, os agricultores têm a “produção garantida”, em outras palavras, sua produção não ficará dependente de consumidores, que podem comprar ou não os produtos, pois já foi comprada pelos programas federais. Os agricultores **Am** e **Bm** também destacam a ajuda proporcionada pelos programas do Governo Federal, ambos lembram que recebem trinta por cento a mais pelos produtos e também esclarecem que esta porcentagem a mais paga pelos seus produtos não é paga pelos mercados “comuns”.

Long enfatiza que os campos de batalha do conhecimento não se restringem somente ao local e podem fazer parte de projetos maiores, que tentam abarcar um grande número de atores sociais; um exemplo disso é o PNAE e o PAA. Estes dois programas governamentais proporcionam aos agricultores familiares agroecológicos um diferencial ao assegurar 30% a mais pela sua produção. Esta remuneração a mais resulta em benefícios aos produtores tendo por consequência mudanças sociais. As mudanças sociais estão implícitas nessa maior arrecadação, pois desta maneira os produtores podem renovar ou adquirir novos equipamentos para a propriedade, adquirir recursos para melhorar a produção, ou qualquer outro benefício advindo do dinheiro.

Entendemos também que estes fatores externos acabam se “misturando” com hábitos culturais rurais, tendo por consequência uma cultura rural híbrida. Estes hibridismos do meio rural também influenciam a agroecologia como vemos a seguir.

5.7 “MUNDO” RURAL HÍBRIDO

Durante a pesquisa, percebemos que não existe uma cultura rural “pura”, mas sim, uma cultura rural híbrida, ou seja, uma cultura constituída tanto de aspectos culturais rurais como de fatores culturais externos ao ambiente rural. Um exemplo de um aspecto externo ao ambiente rural evidenciado na pesquisa, é a atividade não agrícola praticada por **Bm**.

Bm possui em sua propriedade uma agroindústria na qual produz melado e açúcar mascavo. Ele planta cana de maneira orgânica, sem adição de produtos químicos, e usa essa matéria prima na fabricação de produtos agroecológicos.

Segundo Buainain (2003), na atualidade o emprego não-agrícola está permeando o mundo rural. Contudo o emprego não-agrícola de **Bm**, na sua agroindústria, é um fator que faz com que **Bm** permaneça na agroecologia. Na concepção de Bauman (2012), cultura possui uma faceta conservadora e outra mutável, uma se apresenta como ferramenta de perpetuidade e a outra como ferramenta da mudança. Podemos destacar que foi isso que aconteceu com o produtor **Bm**, ele manteve a prática agrícola em sua propriedade, mas incorporou o novo, abriu uma agroindústria. Isso gera o hibridismo da cultura rural, enfatizado por Eagleton como uma “mistura” de hábitos culturais distintos.

No entanto, identificamos também que alguns hábitos culturais rurais são preservados pelos agricultores. O agricultor **Bm**, por exemplo, retrata que seu pai sempre o aconselhou manter um pouco de mata na propriedade, para que quando precisasse de lenha, teria disponível no local. **Bm** seguiu o conselho de seu pai, e, atualmente, retira lenha da própria mata para usar em sua agroindústria. A agroindústria por sua vez é mantida com a plantação de cana agroecológica. Estes saberes tradicionais recuperados e preservados através da agroecologia nos remetem ao conceito cultura e significados de Long (2002). Para Long os valores e hábitos culturais não são apenas culturalmente construídos, mais são aplicados de diferentes maneiras. Nota-se que o hábito de preservar um pedaço de mata para retirar lenha para consumo próprio foi passado para **Bm** que aplicou este hábito de uma nova forma, ou seja, **Bm** não usa a lenha retirada da mata apenas para o autoconsumo mas também a usa em sua agroindústria.

Perguntamos a **Am** se algum hábito de seus antecessores era conservado por ele e **Am** responde que o hábito de plantar para o próprio consumo era praticado

pelos avós, e ainda era mantido em sua propriedade. Outro costume herdado, o uso da enxada; essa ferramenta que foi “aposentada” por muitos agricultores que se “modernizaram” ainda é usada por **Am** no controle de plantas invasoras. Leff (2002) esclarece que as práticas agroecológicas facultam na recuperação de saberes e práticas tradicionais, como é o caso de **Am** que voltou a usar a enxada na propriedade.

O produtor **Em** retrata: “comecei a trabalhar com meu pai desde os oito anos, e ali a gente aprendeu muita coisa” (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 07). Muitos conhecimentos e tradições foram preservados pelo agricultor, como o costume de plantar feijão e milho para o próprio consumo.

A utilização destes saberes tradicionais, neste caso o plantio para o próprio consumo, é encontrado em Caporal, Altieri e Gliessman; estes autores retratam a importância que os saberes e práticas populares têm para a agricultura agroecológica.

Vimos que os hábitos culturais são preservados pelos agricultores, como naquele hábito de plantar para o próprio consumo, e, simultaneamente, novos padrões culturais são incorporados pelos atores do meio rural, como, por exemplo, abrir uma agroindústria. A hibridização cultural é importante, em nossa percepção, porque faz com que os produtores pesquisados se mantenham na agroecologia.

Após a exposição de todos estes fatores que interagem de maneira significativa com a agroecologia, achamos importante também expor algumas percepções dos atores entrevistados sobre o “mundo agroecológico”.

5.8 PERCEPÇÕES SOBRE “O MUNDO AGROECOLÓGICO”

Segundo Mannheim, as visões de mundo não são descabidas de sentido e fazem parte do produto cultural. Neste sentido, entendemos que algumas posições pessoais dos atores sobre agroecologia devem ser expostas no trabalho.

Perguntamos a **Em** se há fatores culturais que influenciam na agroecologia. Ele respondeu que as pessoas que não moram no meio rural e pretendem praticar agroecologia teriam que começar na escola. Entendemos que **Em** vê a educação como uma “ponte” entre a agroecologia e pessoas que não vivem no meio rural. Dessa forma reportamo-nos a Laraia (2009), que afirma que a cultura é dinâmica, novos saberes e habilidades podem ser adquiridos pelos indivíduos e esta aquisição

é acumulativa. Com isso, novos saberes agroecológicos seriam aprendidos na escola.

O agricultor **Em** também critica os meios de comunicação por veicularem apenas propagandas que privilegiam o agronegócio, segundo ele, deveriam dar maior importância aos pequenos produtores e à agroecologia. É interessante a opinião de **Em**, que vai de encontro às ideias da Teoria Ator Rede (TAR). A TAR explica que estamos inseridos em redes, estas redes propiciam conexões com materiais humanos e não humanos. A formatação de uma rede mais “forte” que possua ligações com o mercado da propaganda, também iria “fertilizar” a adoção da agroecologia.

Estas duas opiniões de **Em** fazem parte de sua visão de mundo, e foram importantes para a análise da nossa pesquisa, uma vez que, se ambas as visões se concretizassem mais atores adotariam a agroecologia.

A agricultura familiar possui um caráter heterogêneo, ou seja, a agricultura familiar está inserida em uma rede híbrida que lhe dão diversas características. Uma destas características é a mudança de percepção do agricultor com relação a sua propriedade, como está se constata nas palavras do agricultor **Em**:

[...] estudo sim tem que ter, porque hoje é na propriedade, como se diz... é, se torna uma propriedade empresarial vamo dizer assim né, não é mais o sítio lá e te que diz isso né, cada um é empresário do seu próprio negocio né [...] (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 230-232).

Nota-se neste ponto da entrevista que **Em** usa a expressão “propriedade empresarial”. Para **Em** o estudo é importante, pois é necessário para administrar a propriedade, ou seja, **Em** vê a propriedade rural atual como diferente do meio rural mais antigo, para ele a propriedade é um “negócio”, uma empresa.

Esta visão de mundo de **Em** é compartilhada por **Jf**:

[...] a nossa propriedade acaba sendo por mais pequenininha ela seja ela é uma empresa familiar e que e que a gente pode render muito lucro se a gente souber trabalhar basta sabe aprende ninguém nasce sabendo (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 296-298).

Jf vê sua propriedade como uma empresa familiar, para ela, se souber trabalhar e administrar bem o seus cultivos, apesar de pequena, sua propriedade vira uma empresa familiar.

Law (1989), em sua obra *O Laboratório e suas Redes*, destaca as diversas ligações com distintos atores que um laboratório possui, e enfatiza que a líder deste laboratório não é unicamente uma cientista, ela é uma cientista-empresária devido as diversas atividades realizadas pela mesma. De maneira similar podemos ressaltar que os produtores **Jf** e **Em** são agricultores-administradores, pois desempenham diversas atividades distintas em sua propriedade a destacar: plantação, criação de animais, negociação e compra de insumos com distintos atores, entre outras funções. Estas diversas atividades realizadas por estes agricultores, faz os mesmos verem sua propriedade como uma empresa, não apenas um “sítio”. Contudo, para melhor entendermos estes agricultores-administradores, utilizaremos o conceito de híbridos de Latour.

Latour (1994) explica híbridos como um produto composto de elementos heterogêneos sendo humanos e não-humanos, mas não apenas isso, os seres humanos são híbridos por natureza:

Eu talvez use uma furadeira elétrica mas também um martelo. A primeira tem vinte anos, o segundo centenas de milhares de anos. Eu serei um carpinteiro "de contrastes" porque misturo gestos provenientes de tempos diferentes? Eu serei uma curiosidade antropológica? Ao contrário, mostrem-me uma atividade que seja homogênea do ponto de vista do tempo moderno. Alguns dos meus genes tem 500 milhões de anos, outros 100.000, e meus hábitos variam entre alguns dias e alguns milhares de anos (LATOURE, 1994, p. 74).

Neste sentido entendemos que **Jf** e **Em** são agricultores desde o “nascimento”, entretanto, adquiriram características administrativas conforme sua vivência, tornando-se híbridos. Ainda para Latour:

Nós somos tradicionais, então? Também não. A ideia de uma tradição estável é uma ilusão da qual os antropólogos há muito nos livraram. Todas as tradições imutáveis mudaram anteontem (LATOURE, 1994, p. 75).

Concordamos com Latour, as tradições mudam, adquirem novas facetas, e, simultaneamente, preservam algumas características, como ficou evidente em **Jf** e **Em** que são agricultores-administradores. Mas de que maneira esta empresa familiar contribui para a manutenção da agroecologia? Segundo Caporal (2011), durante a transição da agricultura convencional para a agroecologia, são inseridas mudanças paulatinamente na propriedade, uma destas mudanças é a diminuição da compra de insumos externos. Se o agricultor não administrar de maneira eficaz a sua propriedade, ou seja, qual insumo não comprar, que tipo de insumo continuar a comprar, que quantidade diminuir, a transição para a agroecologia pode falhar. Mas não é apenas na transição que o agricultor deve tomar cuidado, segundo Altieri (2004), a agroecologia deve interagir com setores agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos. Neste sentido, o agricultor deve ter um bom entendimento da questão social e econômica de sua propriedade, para realizar uma boa administração da mesma, e, conseqüentemente, aplicar os princípios da agroecologia.

Outro fator importante que evidenciamos na pesquisa e que contribui para a manutenção da agroecologia é o gosto pelo meio rural e pela agricultura agroecológica. O agricultor **Bm**, por exemplo, destaca que estudou um pouco, e com a idade de quinze anos largou a escola para trabalhar no meio rural, segundo o agricultor, ele “gostava mais da roça”. **Bm** aos setenta anos está muito bem de saúde. **Bm** também conta que muitas pessoas dizem para ele se aposentar, contudo, ele ressalta que gosta do que faz, que se sente bem com o seu trabalho na propriedade.

Este fato também é enfatizado por **Jf**. Ela retrata que seu filho mais velho pretende ingressar numa universidade e após o término da graduação quer voltar para a propriedade. Segundo **Jf**, um dos motivos de seu filho ter esse pensamento é o gosto pela prática agrícola.

A própria **Jf** gosta de praticar a agroecologia, sente-se bem e diz: “nós vivemos no paraíso e nem se damo conta né” (**Jf**: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linha 102). Outro ponto que deixa claro o gosto de **Jf** pela agroecologia é quando lhe perguntamos se pretende continuar na agroecologia. A produtora responde que sim e se possível aumentar a prática.

Segundo Eagleton (2005) cultura é em grande medida aquilo para o que vivemos: afeto, relacionamento, satisfação emocional, lugar, comunidade, um

sentido de significado último. Neste sentido, entendemos que o gosto de **Bm** e do filho de **Jf** pelo meio rural implica em uma satisfação emocional, algo que dá um sentido para estes agricultores, este aspecto faz com que **Bm** e filho de **Jf** permaneçam no meio rural e, conseqüentemente, continuem na agroecologia. Nesta mesma ideia esta a satisfação de **Jf** em praticar agroecologia. Entendemos que a agroecologia propiciou para esta agricultora um prazer intelectual, uma satisfação emocional. Esta preferência pela agroecologia e pelo ambiente rural faz com que a agroecologia seja perpetuada.

Em alguns momentos, os atores pesquisados explicitaram suas opiniões sobre o futuro da agroecologia. O produtor **Am** acredita em um futuro melhor para os agricultores agroecológicos:

[...] eu vejo uma luz no fundo do túnel acho que assim por que assim o orgânico tem a tendência de cresce muito ele vai cresce num hoje do jeito que ta os venenos os inseticidas essas coisas eu acho que vai vim um crescimento muito grande [...] (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 155-157).

Um dos motivos desta futura melhoria seria na visão de **Am** que “ o produto convencional está prejudicando” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linha 181). O produtor **Em** também expressa sua concepção sobre o futuro da agroecologia:

Eu acho que ela vai continua e cresce porque a gente percebe pelo consumidor, ele que coisa pura, coisa boa e os médicos já estão dizendo: você tem que se alimenta disso, tem certos medicamentos que ta resistente, não ajuda mais, então eu acho a tendência é aumenta, eu vejo esse lado [...] (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 340-343).

Segundo **Em**, a agroecologia vai crescer, pois os consumidores estão mais informados sobre o mal causado pelo uso dos agrotóxicos, enquanto os produtos “naturais” são “puros”, não prejudicam a saúde. **Jf** também é questionada sobre o futuro da agroecologia e ela responde:

Se a gente consegui mais outras pessoas que aderirem ao mesmo procedimento de produção³⁸ eu acredito que vai ser um futuro

³⁸Este método que **Jf** se refere é a agroecologia.

esplendor agora se fica só nos pingado até quando que estes poucos vão conseguir segura porque é uma questão às vezes de a gente consegui mais por que pra aumenta a produção e mostra mais por que a gente não é muito visto né, a prática orgânica não é muito vista uma porque a produção é pouca né, não aparece, pouco aparece né ,então eu acredito que tem que te ela vai ter futuro se mais pessoas aderirem a causa né, e quem sabe alguns intoxicados que nem nós né (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas386-394).

Segundo **Jf**, ainda há poucos produtores que adotaram o sistema de produção agroecológico, e esta modalidade de cultivo só terá futuro com a adesão de mais agricultores. Para ela, um fato que pode fazer com que mais pessoas mudem para o sistema agroecológico é a intoxicação por veneno, que é recorrente entre os agricultores do sistema convencional.

Mannheim (1952) nos ensina que as visões de mundo são constituídas das vivências e experiências dos indivíduos, ou seja, as visões de mundo são formatadas a partir de saberes atóricos. Contudo, as visões de mundo também podem ser constituídas de conhecimentos teóricos, neste sentido estão implícitas as ideologias do indivíduo. Mannheim também adverte que as visões de mundo não são descabidas de sentido, e fazem parte do produto cultural. Entendemos que as três visões de mundo dos atores, destacadas anteriormente, fazem parte da totalidade cultural. Ambos os agricultores enfatizam que o futuro da agroecologia pauta-se pela qualidade dos produtos, e, especificamente, **Jf** ressalta que mais agricultores devem aderir a agroecologia para a mesma “ter um futuro esplendor”. Entendemos que estas visões de mundo destacadas são importantes para a manutenção da agroecologia.

A agricultora **Jf** retrata que muitas pessoas veem a agroecologia como uma prática antiga, superada. Ela não pensa dessa forma, porém, apenas expressa a visão de mundo da maioria dos agricultores.

Também perguntamos a **Jf** se existem algumas questões culturais que influenciam negativamente na produção agroecológica e ela responde:

[...] o orgânico, muitas vezes, a gente vê, tipo assim, como uma coisa lá do tempo do atraso, do tempo que não se produzia, que hoje se produz muito alimento e que precisa produzi muito alimento, então o orgânico é visto, é por muitos que a gente vê, é desta forma como algo que... não, que é uma coisa do atraso, lado passado, uma coisa que não...que tem que ser uma coisa mais de tecnologia, tem que se

mais avançado dos nossos tempos modernos [...] (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 250-255).

Na perspectiva de **Jf** a agroecologia é vista por muitas pessoas como algo do passado, atrasado, que na atualidade a produção tem que se basear na tecnologia e não em práticas agrícolas julgadas “atrasadas”. Para melhor compreendermos o depoimento dado por **Jf**, contextualizaremos a opinião de Latour (1994):

A modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas. Ainda assim, todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras "moderno", "modernização" e "modernidade" aparecem, defenimos, por contraste, um passado arcaico e estável. Além disso, a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os Antigos e os Modernos. "Moderno", portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos (LATOURE, 1994, p. 15).

Em nossa avaliação, Latour destaca, o moderno e o antigo na sociedade contemporânea (vale ressaltar que o autor apenas explica essa dicotomia existente na sociedade, mas não concorda com essa divisão, e é por isso que Latour propõe o conceito de híbridos). Em poucas palavras, moderno é o bom, o melhor, o vencedor. E o passado, é ruim, o pior, é o perdedor. Esta explicação de Latour esclarece a ótica de **Jf** sobre agroecologia, ou seja, a agroecologia é do passado, logo é considerada “ruim” por utilizar técnicas “arcaicas”, pior, em relação à agricultura convencional e “perdedora” por não portar alta tecnologia. A partir disso, podemos inferir que esta visão salientada por **Jf** é uma visão compartilhada por muitos atores. Isto pode implicar em uma não adoção da agroecologia, pois nenhum agricultor vai optar por uma prática “ruim”, “pior” e “perdedora”.

Um dos fatos mais importantes identificados no estudo é a não utilização do conceito agroecologia por parte dos produtores. Nos depoimentos dos mesmos não constatamos o uso do conceito agroecologia, mas apenas o conceito agricultura orgânica. Na sequência iremos discutir esse assunto.

Ao perguntarmos a **Am** se ele pratica agroecologia em sua propriedade, responde:

É quase agroecologia, não compra produtos fora, né... muda ainda estamos procurando algumas fora, fazendo uma... é um lugar que fica mais ou menos não é bem agroecológico, acho que agroecológico não busca nada de fora, né... o que eu entendo é isso aí (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 40-43).

Am não confirma a prática, pois em seu entendimento a agroecologia não usa insumos que vêm de fora da propriedade e no seu caso, ainda os adquire. **Am** diz, ainda, “ na verdade meu sonho é entra na agroecologia” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linha 433).

No relato de **Jf**, a mesma enfatiza que ainda não praticam agroecologia, mas sim, agricultura orgânica e que o seu objetivo é “chegar na agroecologia.” Nota-se uma semelhança na percepção de **Jf** com a opinião de **Am**, na qual ambos visam a agroecologia como uma finalidade a ser concretizada.

Os outros agricultores pesquisados **Bm** e **Em** também não falam em agroecologia, mais sim em agricultura orgânica. **Bm** explica que para ele agroecologia é uma agricultura que não usa insumos químicos e possui um caráter manual, já para **Em**, agroecologia tem que estar em sintonia com o meio ambiente.

Enfim, constatamos diferentes percepções sobre o que é agroecologia, mas a pergunta que fica é, porque estes agricultores olham a sua prática como agricultura orgânica e não agroecologia?

Geertz (2008) concebe cultura como programas que governam o comportamento, no entanto, algumas “regras culturais” não são comumente aceitas, o que podem gerar conflitos. Em nosso caso não é um conflito explícito, mais sim um conflito implícito, uma resistência por parte dos agricultores em adotar o conceito de agroecologia. Na concepção de Long (2002), o campo de batalha do conhecimento implica em uma visão de arenas, onde diferentes indivíduos entram em conflitos e negociações. Entendemos como nos ensina Alves (2008), que os agricultores não são folhas em branco à espera de serem “pintadas”, mas são indivíduos munidos de ideologias, saberes, posições políticas, culturais, etc. Este “conflito”, esta resistência por parte dos produtores em não adotar o conceito de agroecologia nos remete ao conceito de interface social.

Long (2002) destaca seis diferentes interpretações sobre a interface social, todavia utilizaremos três destas concepções. Num primeiro momento Long explica a interface como conflitos culturais, nos quais os indivíduos expressam suas opiniões pessoais e a cultura implícita nos atores é exteriorizada. Com isso, entendemos que a cultura dos agricultores, seus conhecimentos, suas visões de mundo, ou seja, sua “cultura agrícola” propiciou terem a posição de praticar agricultura orgânica e não agroecologia. Podemos formatar uma ponte teórica com Eagleton (2005), este autor nos ensina que a cultura individual, implícita nas pessoas (visões de mundo, ideologias, saberes, etc.) está em constante conflito com a cultura como civilidade (os programas de regras que governam o comportamento enfatizado por Geertz). Nota-se, então, que a cultura individual dos agricultores entra em “choque” com a cultura como civilidade, em nossa pesquisa, a agroecologia. Em suma, o técnico representante da agroecologia, tenta “impor” o conceito aos agricultores que não é aceito, e é substituído por outro conceito de melhor entendimento dos agricultores, o que nos leva a noção de interface.

A interface também procura compreender como o conhecimento é produzido cognitivamente e socialmente. Compreendemos que o conhecimento relativo à agroecologia não foi construído socialmente de maneira eficaz, ou seja, os representantes da agroecologia que explicitaram os saberes envolvendo o conceito o fizeram de maneira ou simplista ou complexa. Tendo ocorrido de maneira simplista, não ficou claro aos produtores o que é agroecologia, se aconteceu de maneira complexa, ficou muito confuso e os produtores não entenderam o significado de agroecologia. De qualquer forma, entendemos que este conhecimento envolvendo o conceito de agroecologia foi construído cognitivamente, ou seja, individualmente. Essa compreensão individual implica em diversos entendimentos do conceito, como foi exposto anteriormente. Estas diferentes compreensões do que é agroecologia, conseqüentemente, fez com que os produtores vissem sua prática como agricultura orgânica e não agroecologia.

Em nossa pesquisa de campo notamos que o conceito de agricultura orgânica foi mais difundido entre os produtores. Assis e Romeiro (2002) explicam que dentre os tipos de agriculturas alternativas existentes a agricultura orgânica foi a mais difundida no Brasil; concordamos com Assis e Romeiro uma vez que os agricultores de nossa pesquisa relatam a sua atividade como agricultura orgânica e apenas o técnico da associação fez referência ao conceito agroecologia. Os demais

atores (consumidores, agricultores e trabalhadores da associação) usam apenas o conceito “orgânico”. O que pode ter acontecido também é que em algum momento estes produtores tiveram contato com o conceito agricultura orgânica antes do conceito agroecologia. Alguns hábitos são perpetuados pela cultura, neste caso o conceito de agricultura orgânica foi até o momento um “hábito” perpetuado. Este ponto nos remete ao conceito de tradução.

O processo de tradução acontece em quatro momentos: a problematização, o *interessamento*, matrícula ou alistamento e a mobilização. A problematização pauta-se pelo levantamento de assuntos problemáticos por determinado ator, e o mesmo propõe soluções. Em nosso caso, os problemas levantados foram, principalmente, a contaminação por agrotóxicos tanto de produtores como de alimentos. O ator que realizou esta problematização foi um ator representante da agroecologia, podendo ser um técnico, sindicato ou ONG.

Em seguida, o *interessamento* envolve ações efetivadas pelo ator principal (representante da agroecologia) para tentar estabilizar as identidades dos outros atores colocando-os em posições definidas ou quase definidas. Esta estabilização e posicionamento dos atores em posições definidas é, em nosso estudo, a entrada dos agricultores na agroecologia, ou seja, os produtores abandonam a agricultura convencional e iniciam a prática agroecológica (estabilização) e são posicionados como agricultores agroecológicos (a posição é definida). Desta maneira a problematização foi validada.

Na matrícula as funções designadas nos processos anteriores devem ser cumpridas, este ponto foi eficaz pois os agricultores pesquisados, com exceção de **Em** que largou a prática, ainda mantém suas funções, ou seja, ainda estão na agroecologia.

Por último, o ator principal procura indivíduos que possam ser porta-vozes fiéis que reproduzem fielmente o seu discurso. É neste momento em que a tradução falha, pois os agricultores não reproduzem fielmente o discurso do representante da agroecologia, uma vez que se referem a sua prática como agricultura orgânica e não agroecológica. Este aspecto está relacionado com a terceira noção de interface.

A interface também é entendida como o procedimento discursivo dos atores, ou seja, os discursos realizados podem ser aceitos ou recusados; no estudo o discurso “praticar agroecologia” é recusado e substituído por: “ eu pratico agricultura orgânica”. Para Long, os discursos têm o poder de derrubar ou reforçar projetos de

desenvolvimento rural. É com base nesta concepção que afirmamos a nossa posição de que esta percepção dos agricultores com relação ao conceito agroecologia faz com que ocorra a não adoção de mais agricultores a esta agricultura, pois, se os praticantes da agroecologia afirmam que não executam esta prática agrícola, então quem pratica agroecologia?³⁹

Apesar da posição dos agricultores com relação ao conceito sobre agroecologia, entendemos que a atividade por eles desenvolvida é agroecológica. Vale enfatizar que o nosso objetivo aqui não é suscitar um debate envolvendo o conceito de agricultura orgânica e nem desprezar as percepções dos agricultores, apenas em nosso entendimento compreendemos que a prática realizada se insere na concepção de agroecologia. Contudo para melhor argumentar a nossa posição, trazemos a tona uma definição de um autor sobre o conceito agricultura orgânica.

Abreu *et al* (2012) enfatizam que a agricultura orgânica tem suas raízes nas ciências do solo, e tem por princípios ser um sistema de produção de alimentos que combina as melhores práticas ambientais e um elevado nível de biodiversidade. Os autores também destacam que a agricultura orgânica visa apenas à substituição de insumos em detrimento do redesenho de agroecossistemas.

Já a agroecologia como ciência propõe métodos e conhecimentos para que o agricultor chegue a uma agricultura sustentável. A agroecologia prima pelo redesenho dos agroecossistemas e envolve também o setor social, ambiental, cultural e econômico. A agroecologia como prática tem por finalidade utilizar ou resgatar os saberes tradicionais, usando-os nos agroecossistemas. De um modo geral, a agroecologia como prática e ciência visam à sustentabilidade social, econômica e ambiental do meio rural.

Após demonstrarmos a diferença entre as duas agriculturas, chegamos à conclusão que os produtores pesquisados praticam agroecologia, pelos seguintes motivos:

- 1) Como já foi constatado o agricultor **Bm** tem uma propriedade diversificada, que é uma das diretrizes da agroecologia;
- 2) Segundo Altieri (2004) em alguns momentos os produtores aplicam agrotóxicos em suas propriedades, e a agroecologia mostra diretrizes de como fazer

³⁹Deixaremos esta pergunta em aberto para uma reflexão do leitor.

isso, aspecto evidenciado em **Am** que já usou agrotóxicos em seus cultivos e **Jf** que em uma parte de sua propriedade ainda usa insumos químicos;

3) Altieri (2004) também ressalta que a agroecologia proporciona diversidade de produtos e de qualidade, também visto na pesquisa;

4) A agroecologia oferece conhecimentos e metodologias para os produtores, aspecto constatado no produtor **Am** que fabrica composto para utilizar em seus cultivos, e também em **Jf** que faz uso da homeopatia;

5) A transição agroecológica propunha mudanças de cunho social e cultural, além da mudança dos hábitos produtivos também constatado nos agricultores pesquisados;

6) A agroecologia é vista por Brandenburg (2002) como uma alternativa de produção, também constatado na pesquisa;

7) Gliessman (2000) enfatiza a diminuição do uso de insumos químicos na propriedade que ficou evidente no estudo;

8) A agroecologia prima pela revitalização dos saberes tradicionais e a preservação dos mesmos que foi confirmado no decorrer da pesquisa.

Sendo assim, os produtores praticam vários princípios agroecológicos, talvez ainda não chegaram a uma agricultura sustentável, que é o objetivo da agroecologia, mas visam essa finalidade. É neste requisito que a agroecologia se pauta, pois ela oferece um “caminho” para a agricultura sustentável, sendo esse o estágio final deste modelo de agricultura. Porém, apesar de ainda não ter alcançado a sustentabilidade na agricultura, não significa que estes agricultores não praticam agroecologia.

Em nossa avaliação, esta visão exposta pelos produtores, conseqüentemente, não atrai novos agricultores para a agroecologia, pois, se os praticantes desta agricultura admitem que não exercem-na, ficará muito difícil difundir esta prática agrícola bem como também conseguir mais suporte para quem já executa esta atividade.

5.9 REDES CULTURAIS E AGROECOLOGIA

Neste capítulo, objetivamos expor a influência de aspectos culturais na agroecologia de quatro maneiras distintas: elementos culturais que influenciam na

adoção e manutenção da agroecologia e fatores culturais que interagem na não adoção e não manutenção da agroecologia.

Constatamos que alguns aspectos culturais apareceram de maneira mais singular em nossa pesquisa, como por exemplo, quando o agricultor **Em** destaca que a educação pode colaborar na difusão da agroecologia. Outros aspectos, no entanto, são mais difusos e estão presentes em todos os produtores entrevistados, um exemplo que pode ser salientado é a intoxicação dos produtores pelo uso de insumos químicos, motivo pelo qual levou todos os produtores a praticar agroecologia.

Outro ponto interessante é que alguns aspectos culturais podem influenciar a agroecologia por mais de uma maneira, o exemplo disso é o êxodo rural, e, simultaneamente, também faz com que agricultores agroecológicos larguem esse modo produtivo. Contudo, alguns aspectos “agem” somente por uma “frente”, como, por exemplo a agroindústria do agricultor **Bm**, esta atividade não-agrícola permite que o agricultor permaneça na agroecologia, mas não foi um fato determinante para que o mesmo iniciasse a prática agroecológica.

Com esta pesquisa, fica claro que a cultura pode influenciar a agroecologia de diversas maneiras, por distintos aspectos. Entretanto, uma pergunta permeia essa pesquisa: todos esses aspectos trabalhados na pesquisa são fatores culturais? Nossa resposta é sim, e defendemos a nossa posição de duas maneiras distintas.

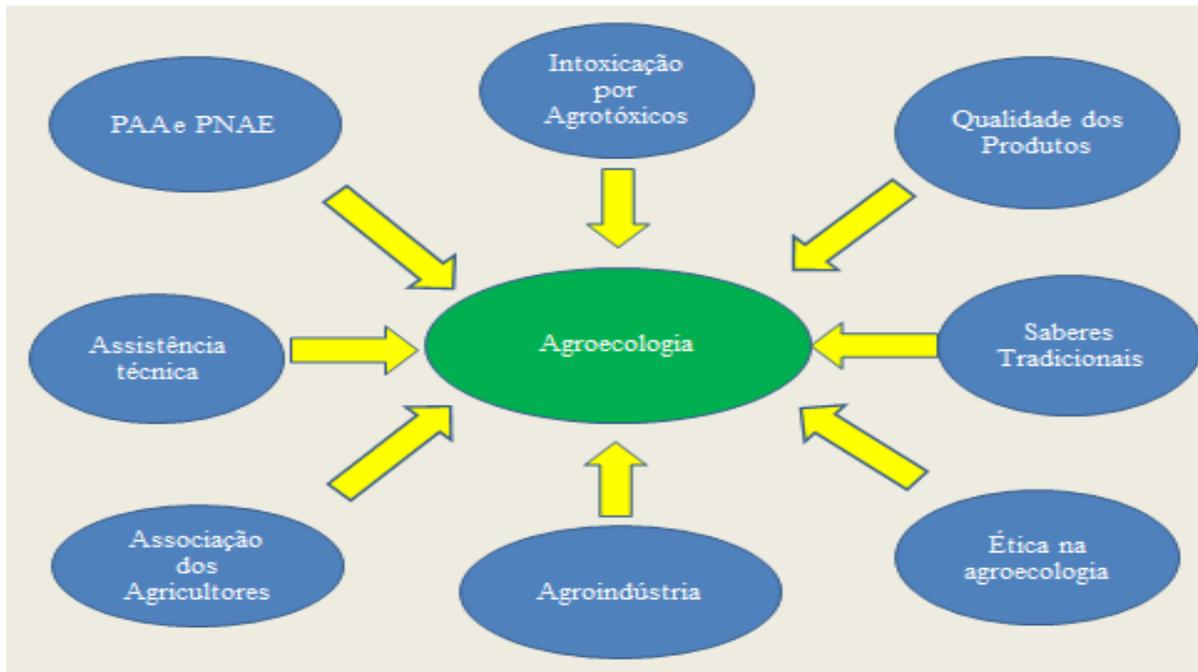
Primeiramente, a noção básica do significado do conceito de cultura envolve saberes, hábitos, costumes, tradições, etc. De fato, estes aspectos são culturais, mas o conceito de cultura “guarda” atrás de si uma multiplicidade de significados, que foram expostos no capítulo um. Essa variedade de opiniões nos leva a diferentes entendimentos do conceito, gerando assim um eterno debate em torno do assunto. De qualquer maneira, trouxemos cinco autores que trabalham com esta temática, e tentamos estabelecer ligações entre a teoria destes autores e a pesquisa, para uma melhor compreensão do leitor no que se refere a aspectos culturais.

Num segundo momento, entendemos que trabalhamos na pesquisa com quatro visões de mundo de quatro autores distintos. Essas visões de mundo usadas no trabalho são cultura sob a ótica dos autores Mannheim e Certeau. Outro ponto interessante é a visão do autor Edward Tylor explicado por Laraia, Tylor define cultura como: conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra

capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem em determinada sociedade, ou seja, esta definição engloba todas as capacidades de realizações humanas. Com estas definições do conceito de cultura enfatizadas acima, argumentamos que todos os aspectos estudados na pesquisa são cultura.

Na figura quatro procuramos sintetizar e ilustrar os aspectos culturais que influenciam o produtor a adotar e manter a agroecologia:

Figura 4: Aspectos culturais que influenciam na adoção e manutenção da agroecologia

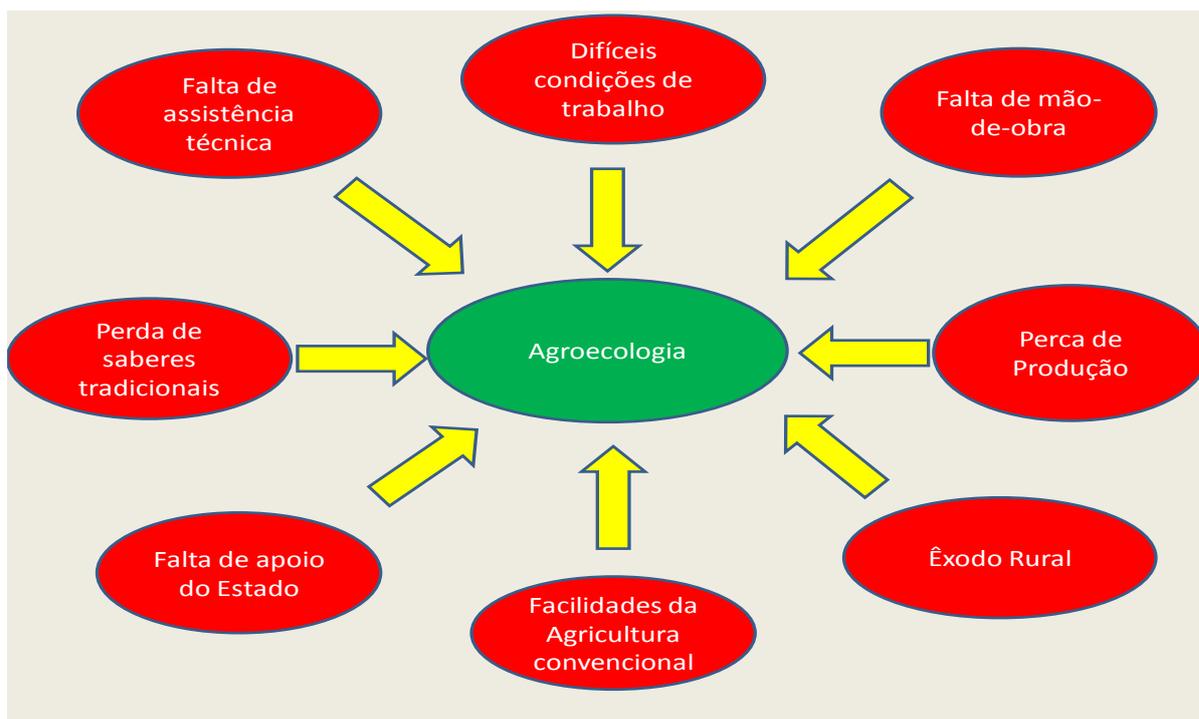


Organização: Oliveira (2014); Fonte: Pesquisa de Campo.

Na figura quatro estão os aspectos culturais que propiciam aos produtores aderirem a agroecologia ou manter esta prática. Alguns aspectos como intoxicação do produtor, assistência técnica, associação dos agricultores, PAA e PNAE são fatores evidenciados em todos os produtores. Agora fatores como agroindústria e saberes tradicionais são fatores mais isolados, ou seja, encontrados em um ou dois produtores. A seguir na figura cinco estão demonstrados, de maneira resumida, os

aspectos culturais que contribuem para a não adoção da agroecologia e não manutenção desta agricultura.

Figura 5: Aspectos culturais que contribuem para a não adoção e não manutenção da agroecologia



Organização: Oliveira (2014). Fonte: Pesquisa de Campo.

Na figura cinco aspectos como: falta de mão-de-obra, êxodo rural, falta de assistência técnica, falta de apoio do estado, difíceis condições de trabalho, facilidades da agricultura convencional são segmentos encontrados em todos os produtores pesquisados. Apesar disso, a perda de saberes tradicionais é um fato mais isolado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de realizar uma pesquisa envolvendo cultura e agroecologia pauta-se pela intenção de realizar uma abordagem diferente sob a agricultura agroecológica. Com essa abordagem distinta, objetivamos analisar a agroecologia sob vários ângulos no sentido de trazer à tona não somente as facilidades e benefícios da agroecologia, mas também as dificuldades enfrentadas pelos seus praticantes.

A nossa intenção não foi a de efetuar críticas com o intento de prejudicar a agricultura agroecológica, mais sim de mostrar que a mesma possui dificuldades e que seus praticantes precisam de maior suporte para permaneçam na agroecologia, pois julgamos desnecessário mais um trabalho no qual coloque a agroecologia como algo maravilhoso, perfeito, enquanto esta agricultura passa por sérias dificuldades.

Também achamos necessário realizar um questionamento: até que ponto é relevante para a agroecologia e seus praticantes ocultarmos as dificuldades que a mesma enfrenta? Não estamos propondo aqui ver apenas o “lado negro” da agroecologia, mais sim destacar as suas dificuldades para que ações sejam realizadas para a solução destas problemáticas, pois se apenas olharmos para as vantagens da agroecologia, atores que poderiam propiciar melhorias a esta agricultura nada o farão, pois se não há problemas, não há nada a fazer.

Em suma, tentamos neste trabalho realizar um diagnóstico da agroecologia que englobasse tanto as dificuldades como os benefícios advindos desta agricultura.

Com relação à estrutura da dissertação, procuramos no capítulo 1 discutir o conceito de cultura. O dialogo entre distintos autores, nos permitiu entender este conceito e nos propiciou ideias que foram fundamentais para a pesquisa. Ainda no capítulo 1 destacamos a metodologia usada na dissertação, que se baseou em três teorias: A teoria Ator-Orientado, a Teoria Ator-Rede e o método documentário de interpretação. O dialogo entre estas três teorias propiciou um arcabouço metodológico eficiente para o entendimento de nosso objeto de pesquisa e também para a efetivação do estudo.

No capítulo 2, abordamos o conceito agroecologia. Com essa abordagem entendemos que a agroecologia não é considerada apenas uma agricultura (prática), mas também ciência e movimento. A discussão do capítulo 2 teve por proposta

compreendermos melhor este conceito, e com isso utilizamos as principais óticas dos autores no estudo.

O capítulo 3 limitou-se a discussão do conceito agricultura familiar. Este conceito, ainda em construção, caracteriza uma categoria social de nossa sociedade. Na agricultura familiar encontramos os principais praticantes de agroecologia, achamos importante compreender esse conceito para melhor entendermos nosso objeto de pesquisa.

No capítulo 4 buscamos entender o processo histórico da região, uma vez que a história não deve ser desprezada, pois é através dela que compreendemos como se construiu a cultura regional. Neste capítulo, também destacamos nosso objeto de pesquisa, ou seja, a associação que foi pesquisada, e os agricultores que participaram do estudo. Essa descrição é importante para os leitores entenderem quem são estes atores da pesquisa.

No capítulo 5 estão os resultados de nossa pesquisa. Podemos receber certas críticas sobre a formatação deste capítulo, contudo argumentamos que a nossa opção em trabalhar com os aspectos culturais de maneira “isolada”, foi devido ao nosso objetivo de não escrever este trabalho somente para o academia, mas também para os atores considerados “leigos”. Entendemos que ao apresentar os aspectos culturais de maneira isolada, pessoas fora da academia ou de outras áreas do conhecimento podem ter uma melhor compreensão do “mundo agroecológico”.

Um dos aspectos relevantes para a pesquisa foi a concepção dos agricultores sobre a agroecologia. De modo geral, os produtores veem a agroecologia como o “ápice” de uma agricultura ambientalmente correta. A agroecologia é também para os produtores uma agricultura que não utiliza insumos provenientes “de fora da propriedade” e não causa danos ambientais. Outra visão compartilhada pelos produtores é que a agroecologia foi para os mesmos uma alternativa de produção, um último recurso para permanecer no meio rural. Compreende-se que existe uma grande lacuna entre o que os pesquisadores escrevem sobre agroecologia e a percepção dos agricultores sobre a mesma. Para problematizar ainda mais essa relação entre teoria e prática, os agricultores pesquisados olham a sua prática como agricultura orgânica e não agroecologia. O que resta saber é: quem está certo? Os pesquisadores que escrevem sobre agroecologia ou os agricultores que a praticam?

Para expressar a nossa opinião sobre este aspecto, vamos parafrasear Geertz (2008). Este autor enfatiza que para compreendermos que é ciência, temos que observar o que os praticantes da ciência fazem. Ligando a concepção de Geertz para a nossa reflexão, entendemos que para uma compreensão do que é agroecologia temos que observar o que os seus praticantes fazem. Em nossa concepção eles praticam uma agricultura que procura ser ambientalmente menos destrutiva que as demais agriculturas existentes e menos prejudicial à saúde.

Nota-se no estudo, que um dos principais motivos que levaram os produtores a adotar a agroecologia e manter esta prática foi a intoxicação por agrotóxicos. Outro ponto interessante é como as facilidades encontradas na agricultura convencional podem influenciar os produtores agroecológicos a mudarem a prática.

Evidencia-se na pesquisa, a perda de conhecimentos tradicionais dos produtores devido, principalmente, à modernização da agricultura. Uma das consequências deste aspecto, é a dependência dos agricultores da assistência técnica e a perda de produção. Mas não é apenas a perda de saberes locais que torna estes agricultores dependentes da assistência técnica; entendemos que os agricultores não têm os conhecimentos necessários para manter uma propriedade agroecológica sozinhos. Contudo, não vamos aqui colocar o agricultor como o grande culpado por esta falta de conhecimento, em nossa concepção esta dificuldade se dá por duas “frentes”. Primeiro a agroecologia requer uma gama de saberes envolvendo ecologia, agronomia, entre outras ciências. Esta gama de conhecimentos não é fácil de ser adquirida e requer um bom tempo para ser incorporada pelo produtor. Segundo, as redes no qual os produtores agroecológicos estão inseridos, são em certo sentido, “limitadas”, ou seja, as conexões destas redes não propiciam aos produtores recursos e conhecimentos suficientes para que os mesmos se tornem autônomos.

Este fato destacado acima nos remete a outro aspecto preponderante: a falta de apoio do Estado em relação à agroecologia. Foi constatado em nossa pesquisa que o apoio Municipal e Estadual aos agricultores agroecológicos pesquisados é mínimo ou quase nulo, e do Governo Federal baseia-se, praticamente, ao PAA e PNAE. Praticamente quem apoia a agroecologia são as ONGs ou as associações criadas pelos próprios produtores. Este aspecto é algo que julgamos extremamente negativo para a agroecologia, pois a partir do momento em

que as ONGs e associações não conseguirem mais dar respaldo aos agricultores agroecológicos haverá um retrocesso no processo, uma vez que o setor ainda depende muito de atores externos.

Com a pesquisa ficou evidente as diversas dificuldades enfrentadas por agricultores agroecológicos, desde o transporte dos produtos até a perda dos mesmos. Com isso, se esses entraves não forem resolvidos muitos produtores podem abandonar a agroecologia, como de fato foi constatado na pesquisa.

Na nossa avaliação sobre a interação entre cultura e agroecologia, entendemos que a cultura influencia de diferentes maneiras sobre a agroecologia. Alguns aspectos culturais permitem que produtores adotem e mantenham esta prática, outros fatores culturais influenciam os produtores a não adotar e não manter esta agricultura. Em suma, constata-se que a agroecologia está ligada com distintos aspectos culturais, que podem tanto beneficiar ou prejudicar a mesma.

Para finalizar, inferimos que nem todas as ideias que permeiam a agroecologia podem ser efetivadas no momento, entretanto, podemos escolher as melhores e mais viáveis opiniões e aplicá-las. Também primamos que mais pesquisas envolvendo o tema devem ser realizadas, mas entendemos que devem ser estudos que retratem a “realidade” da agroecologia, e não apenas encobrir esta agricultura e colocá-la em uma posição na qual não se encontra. Estas pesquisas “realistas” não visam destruir a agroecologia, mas sim proporcionar informações e conhecimentos para que soluções eficazes sejam encontradas.

Temos a esperança de que, conforme mais pesquisas sejam realizadas envolvendo agroecologia, e ao mesmo tempo partindo para ações que realmente tragam contribuições tanto teóricas como práticas para os agricultores, iniciaremos uma caminhada em busca de uma agroecologia mais forte, fortificada e poderosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Adilson. F. **Do Desenho a Implementação de projetos de desenvolvimento rural sustentável: interfaces e negociações no projeto vida na roça (Paraná)**. 2008. 234, p. Tese. UFSC. Florianópolis. 2008.

AZEVEDO, E, O. **Desafios e perspectivas da agroecologia**. In. **Princípios e Perspectivas da agroecologia**. Paraná. Instituto Federal do Paraná. 2011, p.167-183.

ABRAMOVAY, R, *et al.* **Agricultura Familiar entre o Setor e o Território**. São Paulo. 2005. Disponível em:<
http://www.oikonomika.com.br/artigos/A_agricultura_familiar_entre_o_setor_e_o_territorio.pdf> Acesso em: 12 de jan.2014.

ABRAMOVAY, R. **De Camponeses a Agricultores: Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 1990. 376 p. Tese. UNICAMP. Campinas.

ALTAFIN, L. **Reflexões sobre o Conceito de Agricultura Familiar**. 2003. Disponível em:<http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/extensouniversitaria/contents/photoflow-view/content-view?object_id=1635678> Acesso em: 10 de maio. 2014.

ALMEIDA, J. **A agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado**. Porto Alegre. 2003. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/422.pdf>> Acesso em: 11 de maio. 2014.

ABREU, ET AL. **Relações entre Agricultura Orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia**. Curitiba. 2012. Disponível em:<http://orgprints.org/24207/1/Abreu,%20L.%20S%3B%20Bello,%20S%3B%20Brandenburg,%20A%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20entre%20agricultura%20org%C3%A2nica%20e%20agroecologia_.pdf> Acesso em: 25 de maio. 2014.

ALTIERI, M. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre. 4°.ed. Editora UFRGS. 2004.

ASSIS, R, L. ROMEIRO, A,R. **Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências**. Curitiba. 2002. Disponível em:<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/viewFile/22129/14493>> Acesso em: 23 de maio.2014.

BRANDENBURG, A. **Movimento agroecológico: trajetória, condições e perspectivas**. Curitiba. 2002. Disponível em:<

http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/agricultura_meio_ambiente/Aifio%20Brandenburg.pdf> Acesso em: 06 de out.2013.

BAUMAN, Z. **Ensaio Sobre o Conceito de Cultura**. Rio de Janeiro, Zahar. 2012.

BUAINAIN, A. M. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: Questões para Debate**. Brasília. IICA: 2006.

BUAINAIN, A. M. *et al.* **Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural**. Porto Alegre. 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/soc/n10/18723.pdf>> Acesso em: 10 de jan. 2014.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. In. **Princípios e Perspectivas da agroecologia**. Paraná. Instituto Federal do Paraná. 2011, p.83-119.

CAPORAL, F.R, *et al.* **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. In. **Princípios e Perspectivas da Agroecologia**. Paraná. Instituto Federal do Paraná. 2011, p.45-82.

CAPORAL, F.R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília. 2004. Disponível em:<<http://www.agroeco.org/socla/archivospdf/Agroecologia-Conceitos%20e%20principios1.pdf>> Acesso em: 02 de out. 2013.

CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. 5ªed. São Paulo: Papirus. 2008

CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay First. In. J. Law, Power, **action and belief: a new sociology of knowledge?** London, Routledge.1986. Disponível em:<[http://www.vub.ac.be/SOCO/tesa/RENCOM/Callon%20\(1986\)%20Some%20elements%20of%20a%20sociology%20of%20translation.pdf](http://www.vub.ac.be/SOCO/tesa/RENCOM/Callon%20(1986)%20Some%20elements%20of%20a%20sociology%20of%20translation.pdf)>.

CALLON, M. **A agonia de um laboratório**. 1995. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/Trads/>> Acesso em: 02 de maio. 2014.

CALLON, M. **Rede de concepção e adoção tecnológica: lições para o praticante da ACT**. 1995. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/Trads/>>Acesso em: 03 de maio. 2014.

CANDIOTTO, ET AL. **A Agroecologia e as Agroflorestas no contexto de uma agricultura sustentável.** In: **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo. Expressão Popular. 1º Ed. 2008.p. 213- 232.

DREW, David. **Processos Interativos Homem- Meio Ambiente.** 3º. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1994. EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura.** São Paulo: Editora Unesp. 2005.

Motta, m. (Org). **DICIONÁRIO DA TERRA.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2005.

EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura.** São Paulo: Editora Unesp. 2005.

ELL *et al.* Disponibilidade Alimentar e concepções alimentares de agricultores ecológicos. In. BRANDENBURG, A; FERREIRA, A, D, D. (Org). **Agricultores Ecológicos e o Ambiente Rural: visões interdisciplinares.** São Paulo. Annablume. 2012.

FINATTO, R. A; SALAMONI,G. **Agricultura Familiar e Agroecologia: Perfil da Produção de Base Agroecológica do Município de Pelotas/RS.** Uberlândia.2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-45132008000200012&script=sci_arttext> Acesso em: 11 jan.2014.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável.** Porto Alegre. 1º ed. Editora UFRGS. 2000.

GOMES, J.C.C. **As bases epistemológicas da agroecologia.** In. **Princípios e Perspectivas da agroecologia.** Paraná. Instituto Federal do Paraná. 2011, p.13-44.

GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70).** Editora Universitária da Unioeste. Cascavel. 2002.

GONÇALVES, Carlos W, P. **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente.** 14º. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2006.

GUANZIROLI *et al.* **Dez Anos de Evolução da Agricultura Familiar no Brasil: (1996 e 2006).** Piracicaba. 2012.

Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032012000200009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 de maio.2014.

GUIVANT, J. **Heterogeneidade de Conhecimentos no Desenvolvimento Rural Sustentável.** 1997. Disponível em:<

<http://webnotes.sct.embrapa.br/pdf/cct/v14/cc14n303.pdf>> Acesso em: 08 de jan.2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1°. ed.13° reimpr. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. 2008.

LARAIA, Roque B. **Cultura um Conceito Antropológico**. 24°. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

LATOUR, B. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo. Editora Unesp. 2000.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos. Ensaio de Antropologia Simétrica**.1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 1994.

LAW, J. **O laboratório e suas redes**. 1989. Disponível em:<<http://www.necso.ufrj.br/Trads/>> Acesso em: 01 de maio. 2014.

LAW, J. **Notas sobre a teoria do ator-rede: Ordenamento, Estratégia, e Heterogeneidade**. 1992. Disponível em:< <http://www.necso.ufrj.br/Trads/>> Acesso em: 01 de maio.2014.

LAW, J. **Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity**. 1992. Disponível em:<<http://m.heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf>. > Acesso em: 04 de maio.2014.

LEFF, E. **Agroecologia e Saber Ambiental**. Porto Alegre. 2002. Disponível em:<http://www.pvnocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf> Acesso em: 01 de maio. 2014.

LONG, N. An Actor-oriented Approach to Development Intervention. In: **Rural Life Improvement in Asia: Report of the APO Seminar on Rural Life Improvement for Community Development**. 2002.

MOSÉ, Viviane. **O Homem que Sabe: do homo sapiens à crise da razão**. 3°. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2012.

MAZOYER, M; ROUDART, L. **História das Agriculturas no Mundo: Do Neolítico à Crise Contemporânea**. São Paulo: Unesp, 2010.

MANHEIM, K. **On the interpretation of Weltanschauung**. In ibid. **Essays on the**

sociology of Knowledge. London: Routledge & Kegan Paul: 33-83.1952.

PÁDUA, J. A. **A Insustentabilidade da Agricultura Brasileira**. In: Congresso Nacional de Agroecologia, 2003. Rio de Janeiro.

PETERSEN, *et al.* **Agroecologia reconciliando Agricultura e Natureza**. Belo Horizonte. 2009. Disponível em: <<http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2012/05/Agroecologia-reconciliando-agricultura-e-natureza.pdf>> Acesso em: 05 de maio. 2014.

PADILHA, D, O. BRANDERBURG, A. **Mercados, Atores e a construção da racionalidade ambiental em Rio Branco do Sul, PR**. In. **Agricultores ecológicos e o ambiente rural: visões interdisciplinares**. São Paulo. Annablume. 2012. p.189-230.

ROHDE,H,M; BIESDORF,E,L. **Resgate da Memória de Medianeira**. CEFET-PR. Curitiba.1996.

SANTOS, José L. **O que é Cultura**. 14°. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento e Cultura. Desenvolvimento da Cultura. Cultura do Desenvolvimento**. 2005. Disponível em: <www.revistaoes.ufba.br/include/getdoc.php?id=755&article...pdf> Acesso em:01 de maio. 2013.

SAQUET, Marcos A. **Por uma Geografia das Territorialidades e das Temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 1°. Ed. São Paulo: Outras expressões, 2011.

SAQUET, A. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. In: **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo. Expressão Popular. 1° Ed. 2008.p.137-153.

SCHNEIDER, S. **Teoria Social, Agricultura Social e Pluriatividade**. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988.pdf>> Acesso em: 04 de jan.2014.

SILVIA, J,G. **O Novo Rural Brasileiro**. Belo Horizonte. 1997. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf> Acesso em: 10 jan.2014.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Editora Schwarcz. 1998.

TESCHE, R.W; MACHADO, J.A.D. **A Importância da Reciprocidade no Desempenho Socioeconômico da Agricultura Familiar**. Santa Cruz do Sul. 2012. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/1563>> Acesso em: 08 de jan.2014.

WELLER, W. **A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos**. Porto Alegre. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222005000100011&script=sci_arttext> Acesso em: 01 de Nov.2013.

WELLER, *et al.* **Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo**. Brasília. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922002000200008&script=sci_arttext> Acesso em: 02 de Nov.2013.

WEZEL, *et al.* **Agroecology as a science, a movement and a practice. A review**. 2009. Disponível em: <<http://agroeco.org/socla/wp-content/uploads/2013/12/wezel-agroecology.pdf>> Acesso em: 01 de abr.2014.

ZONIN, W.J; BRANDENBURG, A. **Agroecologia, transição agroecológica e mudança ambiental**. In. **Agricultores ecológicos e o ambiente rural: visões interdisciplinares**. São Paulo. Annablume. 2012. p. 231-267.

Sites

<http://www.emater.pr.gov.br/>

<http://www.ipardes.gov.br/>

<http://www.ibge.gov.br/home/>